



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 4 - SAFRA 2017 - N.3 - Terceiro levantamento | **SETEMBRO 2017**



Monitoramento agrícola

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blaíro Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)

Cleide Edvirges Santos laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Áquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Keilvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V.4 - SAFRA 2017 - N.3 - Terceiro levantamento | **SETEMBRO 2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 4 – Safra 2017, n.3- Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-107, set. 2017

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913

Colaboradores

Djalma Fernandes de Aquino (Gefab-Café) João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)

Colaboradores das Superintendências

AM – Emanuel da Silva Farias, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz e Pedro Jorge Benício Barros
BA – Marcelo Ribeiro, Ednabel C. Lima, Aurendir M. Neto, Gerson A. dos Santos, Israel C. Santos, Joctã L. do Couto e Suely Gomes S. de Lima.
ES – Maicow Paulo de Almeida e Ismael Cavalcante Maciel Júnior.
GO – Sérgio de Rezende Borges, Espedito Leite Ferreira, Rogério César Barbosa, Roberto Alves de Andrade, Ronaldo E. Campos, Marcos A. Grano.
MG - José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Eliana Aparecida Silva, Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares, Sérgio de Lima Starling e Warlen César Henriques Maldonado.
MT – Marly aparecida Cruz da Silva, Edson José Piedade, Allan Vinicius Pinheiro Salgado, Pedro Ramon Manhone e Raul Pio de Azevedo.
PR - Rosimeire Lauretto, Daniela Furtado de Freitas Yanaga, José Segundo Bosqui e Rafael Rodrigues Fogaça.
RJ – Paulo Roberto Batista dos Santos, Norma Castelo Branco Schiavo, Jorge Antonio de F Carvalho e Olavo Franco de Godoy Neto.
RO – Rosemberg Alves Pereira, Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kásper, Niécio Campanati Ribeiro e Thales Augusto Duarte Daniel.
SP – Marisete Belloli Breviglieri, Elias Tadeus de Oliveira e Cláudio Lobo de Ávila.

Instituições Parceiras

AM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentavel do Amazonas (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (Idam);
BA - Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater);
ES - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper);
MG - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);
MT - Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer);
PR - Departamento de Economia Rural (Deral);
RJ - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);
RO - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);
SP - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) - IEA (Instituto de Economia Agrícola).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Yamashita/Guilherme dos Reis Rodrigues

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução.....10



3. Estimativa de área cultivada 12



4. Estimativa de produtividade..... 18



5. Estimativa de produção 21



6. Crédito rural27



7. Monitoramento agrícola 30



8. Avaliação por estado..... 46

8.1. Minas Gerais46

8.2 Espírito Santo 54

8.3. São Paulo -----	56
8.4. Bahia -----	59
8.5. Rondônia -----	67
8.6. Rio de Janeiro -----	70
8.7. Goiás -----	70
8.8. Mato Grosso -----	74
8.9. Amazonas -----	76
8.10. Paraná -----	80



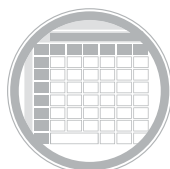
9. Receita bruta -----	81
-------------------------------	-----------



10. Análise de mercado -----	86
-------------------------------------	-----------



11. Exportação e importação -----	90
--	-----------



12. Parque cafeeiro -----	94
----------------------------------	-----------



13. Calendário de colheita -----	97
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção da safra de 2017 está estimada em 44.774,3 mil sacas de café beneficiadas. A área total cultivada com a cultura deve ser de 2.208,9 mil hectares (345,2 mil hectares em formação e 1.863,7 mil hectares em produção).

A produção de arábica deve ser de 34.069,3 mil sacas. Este ano é de bienalidade negativa na maior parte dos estados produtores, consequentemente, resulta numa produtividade média menor do que a do ano anterior e maior área a ser manejada. A área dessa cultura será de 1.781,9 mil hectares, sendo 299,8 mil hectares em formação (16,8%) e 1.482,1 mil hectares em produção (83,2%).

A produção do conilon é estimada em 10.705 mil sacas. A estimativa é de que as produtividades se recuperem, frente à forte escassez de chuvas dos últimos anos. A área destinada a essa cultura será de 427 mil hectares, sendo 45,4 mil hectares em formação (10,6%) e 381,6 mil hectares em produção (89,4%).

Minas Gerais (24,38 milhões de sacas)

Minas Gerais deverá ter uma produção 20,7% menor do que a safra 2016 devido à bienalidade negativa. Será 24,04 milhões de sacas de arábica e 334,1 mil sacas de conilon.

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): 13.219 mil sacas de arábica.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): 3.975 mil sacas de arábica.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): 6.578,2 mil sacas, sendo 6.361 mil sacas de café arábica e 217,2 mil sacas de conilon.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): 602,9 mil sacas, sendo 486 mil sacas de café arábica e 116,9 mil sacas de conilon

Espírito Santo (8,84 milhões de sacas)

As condições climáticas desfavoráveis atravessadas pelas lavouras de conilon em 2016 e a falta de mudas para plantio levaram a uma forte redução de área, além do ciclo de bienalidade negativa no arábica, resultando numa queda de 1,5% na produção. Produção de 5.915 mil sacas de conilon e 2.920 mil sacas de arábica.

São Paulo (4,33 milhões de sacas)

Redução na produção devido ao ciclo de bienalidade negativa e alto índice de podas.

Bahia (3,36 milhões de sacas)

Cerrado: redução de área em produção e produtividade em face da florada que foi abaixo do desejado. Área irrigada. Produção de 291 mil sacas de arábica.

Planalto: o reflexo do estresse climático em safras anteriores acarretou no atraso na floração e redução da sua intensidade. Produção de 690 mil sacas de arábica.

Atlântico: o forte incremento de produtividade reflete numa produção bem superior à anterior. Produção de 2.380 mil sacas de conilon.

Rondônia (1,94 milhão de sacas)

Crescimento de 19,1%. Aumento de produtividade devido à renovação do parque cafeeiro com a implantação de mudas clonais.

Paraná (1,21 milhão de sacas)

Crescimento de 15,6%. Com a forte geada em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo positiva para este ano.

Rio de Janeiro (349,1 mil sacas)

Perspectiva de safra semelhante à safra 2016.

Goiás (180,1 mil sacas)

Redução de 20,6% na produção devido ao ciclo de bienalidade negativa. Área totalmente irrigada.

Mato Grosso (84,5 mil sacas)

Forte queda de área em razão do abandono de lavouras antigas no estado deve resultar numa queda de 32,6% na produção.

Amazonas (7,5 mil sacas)

Aumento de área e produtividade média resultam numa produção 25% superior à safra passada. Transição agroecológica com o objetivo de certificação orgânica da produção.





2. INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento público, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) procede ao acompanhamento da safra brasileira de café desde o ano de 2001, divulgando quatro estimativas anualmente, com levantamentos de informações realizados por meio de visitas a produtores, cooperativas e agentes envolvidos na cadeia produtiva da cultura.

O primeiro levantamento acontece entre novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação no próprio mês citado, no período pré-colheita, onde, menos de 20% da cultura do país foi colhida.

O terceiro levantamento será realizado em agosto e divulgado em setembro, no período de plena colheita no país, de março a outubro, e concentrada entre maio e agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já terá ultrapassado 90% do total.

O quarto levantamento será realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, sendo o último da safra, compreendendo o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada, com as estimativas corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após análise estatística dos dados obtidos em campo, são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando, assim, permitir a elaboração de planejamentos estratégicos, por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando, portanto, a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Nesta safra, as informações serão de um ano de biennialidade negativa, o que, naturalmente, possuindo produtividades inferiores à safra anterior. Essa é uma característica de cultura permanente, sobretudo, para café arábica, que é a maior produção do país.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas, somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores citados na contracapa deste boletim. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como forma de obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação. Na oportunidade, a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste boletim se referem aos trabalhos realizados nos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Amazonas), que correspondem por volta de 99,6% da produção nacional.



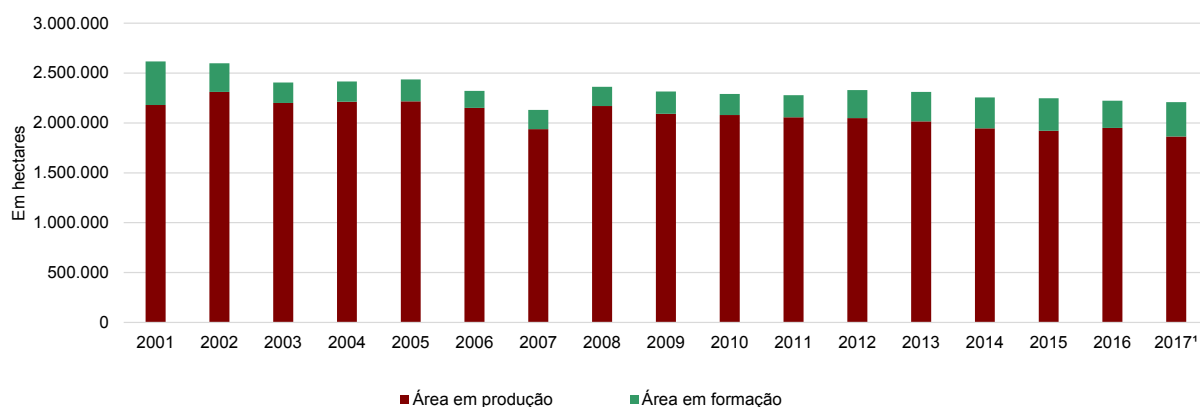


3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A área total plantada no país com a cultura totaliza 2,21 milhões hectares, semelhante à cultivada em 2016. Desse total, 345,19 mil hectares (15,6%) estão em formação e 1,86 milhão de hectares (84,4%) em produção.

Gráfico 1 – Área de café total (arábica e conilon)

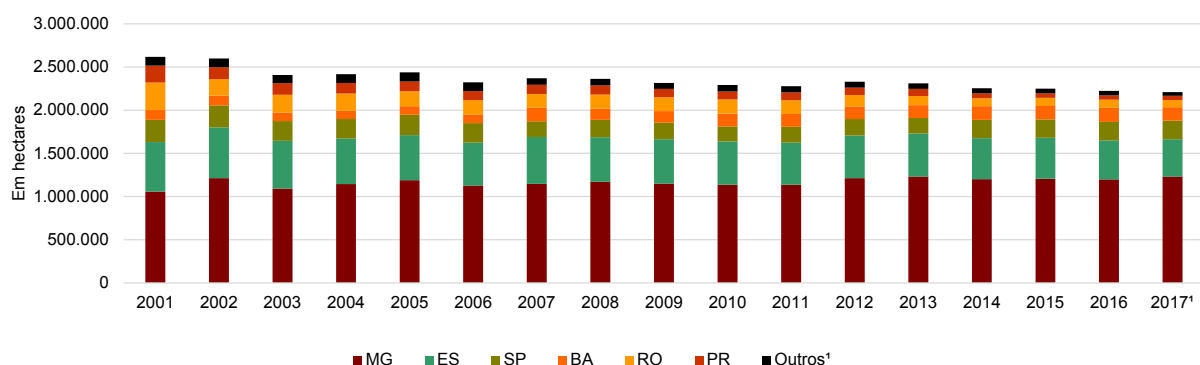


Legenda: 1 Estimativa em setembro /2017.
Fonte: Conab.

Área de café vem decrescendo a cada ano e é notório que esse comportamento ocorra visto ao ganho de produtividade que os produtores têm alcançado, tendo em vista a aplicação de novas tecnologias nessa cultura, com o uso de novas variedades, adubação adequada, irrigação, entre outros. Porém, é possível

perceber que a queda de área é uma tendência, tanto em estados com menor área cultivada, quanto nos maiores, como é caso do Espírito Santo. Dos principais estados produtores, apenas Minas Gerais e Bahia apresentam ganho na área cultivada entre 2001 e 2017.

Gráfico 2 – Área das Unidades da Federação



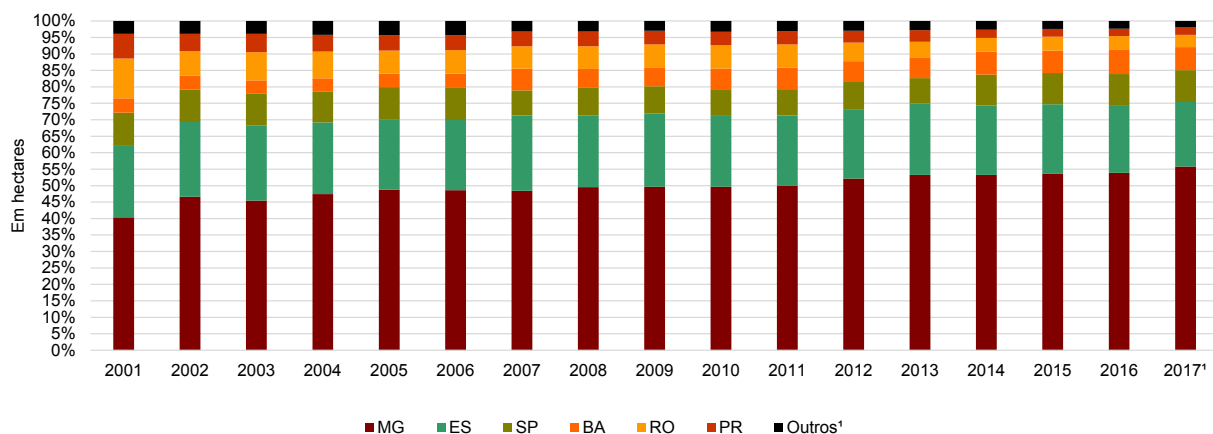
Legenda: (1) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.

Essa mudança nas áreas cultivadas com café, tendo redução em alguns estados e ganhos em outros, tem contribuído para concentrar ainda mais a produção de café no país. Enquanto em 2001 os quatro maiores estados com área cultivada (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Bahia) respondiam por 76% do total do país, em 2017 a estimativa é que eles respondam por 92% da área total. Alguns fatores podem ter

contribuído para essa concentração como as condições edafoclimáticas destas regiões, a cadeia de produtividade mais estruturada, os investimentos dos governos estaduais para incentivo do setor e a facilidade de escoamento, tendo em vista que em 2014 o Brasil exportou 76% da sua produção, em 2015 foram 81% e em 2016 foram 63%, considerando o ano civil (janeiro a dezembro).



Gráfico 3 – Percentual de área cultivada das Unidades da Federação



Legenda: (1) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	9.245,1	32,2	88.699,4	75.243,8	(15,2)	95.690,4	84.488,9	(11,7)
RO	6.904,0	9.084,0	31,6	87.657,0	74.255,0	(15,3)	94.561,0	83.339,0	(11,9)
AM	66,0	71,1	7,7	429,4	503,8	17,3	495,4	574,9	16,0
PA	21,0	90,0	328,6	613,0	485,0	(20,9)	634,0	575,0	(9,3)
NORDESTE	12.408,0	12.926,0	4,2	149.753,0	141.641,0	(5,4)	162.161,0	154.567,0	(4,7)
BA	12.408,0	12.926,0	4,2	149.753,0	141.641,0	(5,4)	162.161,0	154.567,0	(4,7)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.225,0	5,4	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.426,0	(7,0)
Atlântico	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
CENTRO-OESTE	3.333,5	3.402,0	2,1	19.819,6	15.226,0	(23,2)	23.153,1	18.628,0	(19,5)
MT	1.577,0	1.631,0	3,4	14.193,0	9.563,0	(32,6)	15.770,0	11.194,0	(29,0)
GO	1.756,5	1.771,0	0,8	5.626,6	5.663,0	0,6	7.383,1	7.434,0	0,7
SUDESTE	245.553,0	315.833,0	28,6	1.633.795,0	1.577.025,0	48,2	1.879.348,0	1.892.858,0	0,7
MG	188.782,0	254.803,0	35,0	1.009.481,0	977.665,0	(3,2)	1.198.263,0	1.232.468,0	2,9
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	160.311,0	49,1	524.220,0	493.988,0	(5,8)	631.746,0	654.299,0	3,6
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.068,0	76,8	183.076,0	169.429,0	(7,5)	208.562,0	214.497,0	2,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	52.691,0	45.093,0	(14,4)	269.593,0	281.915,0	4,6	322.284,0	327.008,0	1,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	3.079,0	4.331,0	40,7	32.592,0	32.333,0	(0,8)	35.671,0	36.664,0	2,8
ES	42.059,0	46.970,0	11,7	410.057,0	385.538,0	(6,0)	452.116,0	432.508,0	(4,3)
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.065,0	0,3	13.879,0	13.922,0	0,3
SP	13.855,0	13.203,0	(4,7)	201.235,0	200.757,0	(0,2)	215.090,0	213.960,0	(0,5)
SUL	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
OUTROS (*)	641,0	840,0	31,0	12.450,6	8.510,0	(31,6)	13.091,6	9.350,0	(28,6)
NORTE/NORDESTE	19.399,0	22.171,1	14,3	238.452,4	216.884,8	(9,0)	257.851,4	239.055,9	(7,3)
CENTRO-SUL	252.746,5	322.175,0	27,5	1.699.774,6	1.638.321,0	(3,6)	1.952.521,1	1.960.496,0	0,4
BRASIL	272.786,5	345.186,1	26,5	1.950.677,6	1.863.715,8	(4,5)	2.223.464,1	2.208.901,9	(0,7)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

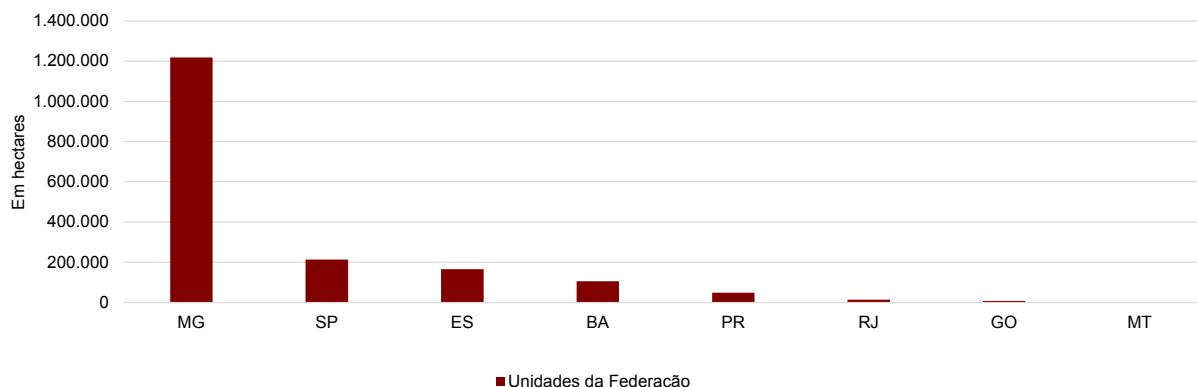


3.2. CAFÉ ARÁBICA

A área plantada do café arábica no país soma 1,78 milhão de hectares, o que corresponde a 81% da área existente com lavouras de café. Para a nova safra, estima-se crescimento de 1,3% (22,21 mil hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1,22

milhão de hectares, correspondendo a 68,4% da área ocupada com café arábica, em nível nacional. São Paulo é o segundo maior produtor de arábica e cultiva 12% (213,96 mil hectares) da área total do país. Os demais estados possuem participação inferior a 10%.

Gráfico 4 – Área das Unidades da Federação – Café arábica

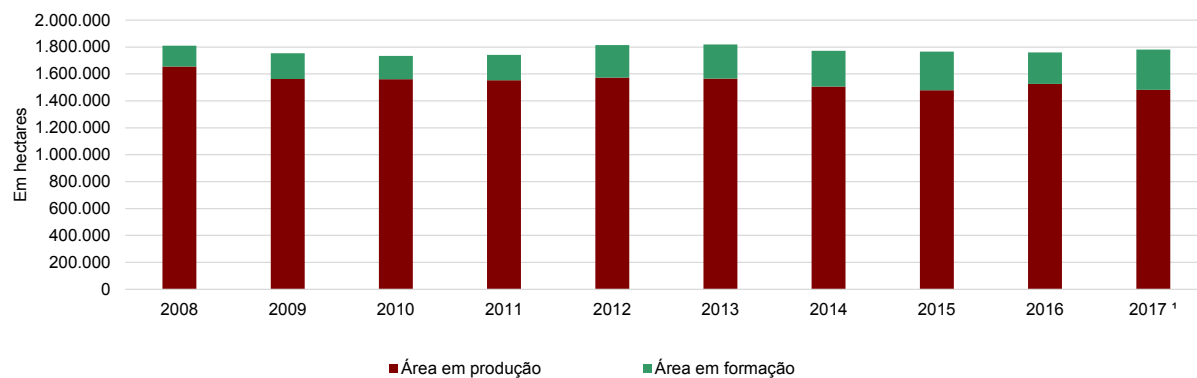


Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2017.

A área plantada de café arábica no país tem se mantido estável nos últimos dez anos e gira em torno de 1,78 milhão de hectares. Além dos ciclos plurianuais de preços e produção, o café arábica é caracterizado por flutuações de área em produção entre as safras. Essas variações ocorrem em virtude do ciclo de bie-

nalidade do café. Nos anos de ciclo de bienalidade negativa a área em formação aumenta, uma vez que os produtores optam por manejar as culturas, especialmente as áreas mais velhas, onde a produtividade é menor. Em 2017, ano de bienalidade negativa, teremos um aumento de 28,3% na área em formação.

Gráfico 5 – Área de café arábica



Legenda: (1) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
BA	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.225,0	5,4	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.426,0	(7,0)
CENTRO-OESTE	1.756,5	1.779,0	1,3	5.696,6	5.708,0	0,2	7.453,1	7.487,0	0,5
MT	-	8,00	-	70,00	45,00	(35,7)	70,0	53,0	(24,3)
GO	1.756,5	1.771,0	0,8	5.626,6	5.663,0	0,6	7.383,1	7.434,0	0,7
SUDESTE	218.067,0	284.138,0	30,3	1.361.031,0	1.328.587,0	(2,4)	1.579.098,0	1.612.725,0	2,1
MG	187.635,0	254.158,0	35,5	996.749,0	964.654,0	(3,2)	1.184.384,0	1.218.812,0	2,9
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	160.311,0	49,1	524.220,0	493.988,0	(5,8)	631.746,0	654.299,0	3,6
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.068,0	76,8	183.076,0	169.429,0	(7,5)	208.562,0	214.497,0	2,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	51.945,0	44.674,0	(14,0)	261.317,0	273.458,0	4,6	313.262,0	318.132,0	1,6
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.678,0	4.105,0	53,3	28.136,0	27.779,0	(1,3)	30.814,0	31.884,0	3,5
ES	15.720,0	15.920,0	1,3	150.025,0	150.123,0	0,1	165.745,0	166.043,0	0,2
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.053,0	0,2	13.879,0	13.910,0	0,2
SP	13.855,0	13.203,0	(4,7)	201.235,0	200.757,0	(0,2)	215.090,0	213.960,0	(0,5)
SUL	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.940,0	(23,8)	46.160,0	46.070,0	(0,2)	50.020,0	49.010,0	(2,0)
OUTROS (*)	406,0	398,0	(2,0)	9.206,0	6.858,0	(25,5)	9.612,0	7.256,0	(24,5)
NORTE/NORDESTE	9.686,0	10.575,0	9,2	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.446,0	(7,1)
CENTRO-SUL	223.683,5	288.857,0	29,1	1.412.887,6	1.380.365,0	(2,3)	1.636.571,1	1.669.222,0	2,0
BRASIL	233.775,5	299.830,0	28,3	1.525.954,6	1.482.094,0	(2,9)	1.759.730,1	1.781.924,0	1,3

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

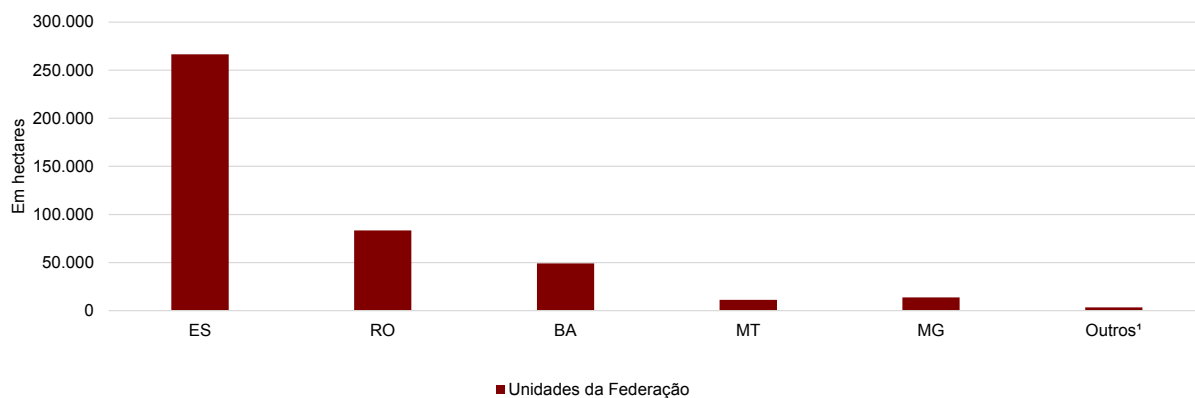
Nota: Estimativa em setembro/2017.

3.3. CAFÉ CONILON

Para o café conilon, a estimativa é de redução de 7,9% na área, estimada em 426,98 mil hectares. Desse total, 381,62 mil hectares, estão em produção e 45,36 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 266,47 mil hectares, seguido de Rondônia, com

83,34 mil hectares e logo após, a Bahia, com 49,12 mil hectares, concentrada na região do atlântico. Os três estados concentram 93,4% da área cultivada no país, sendo o Espírito Santo responsável por 62,4% da área total.

Gráfico 6 – Área das Unidades da Federação – Café conilon



Legenda (1): Acre, Amazonas, Pará, Rio de Janeiro, Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Apesar de também sofrer influência da bialidade de produção, normalmente ela ocorre com menor intensidade no café conilon devido às práticas de manejo. A área dessa espécie vem decrescendo a cada ano. Desde 2008 a área reduziu 125,2 mil hectares. A área em formação segue praticamente estável, em torno de 38 mil hectares a cada ano, sempre próxima

de 8% da área total. Este ano a estimativa é de redução de 36,76 mil hectares da cultura no país em relação a 2016. A maior queda ocorre no Espírito Santo, onde o forte estresse hídrico das duas últimas safras provocou a morte de muitas lavouras, sendo que não houve mudas disponíveis para replantio de toda a área planejada.

Gráfico 7 – Área de café conilon

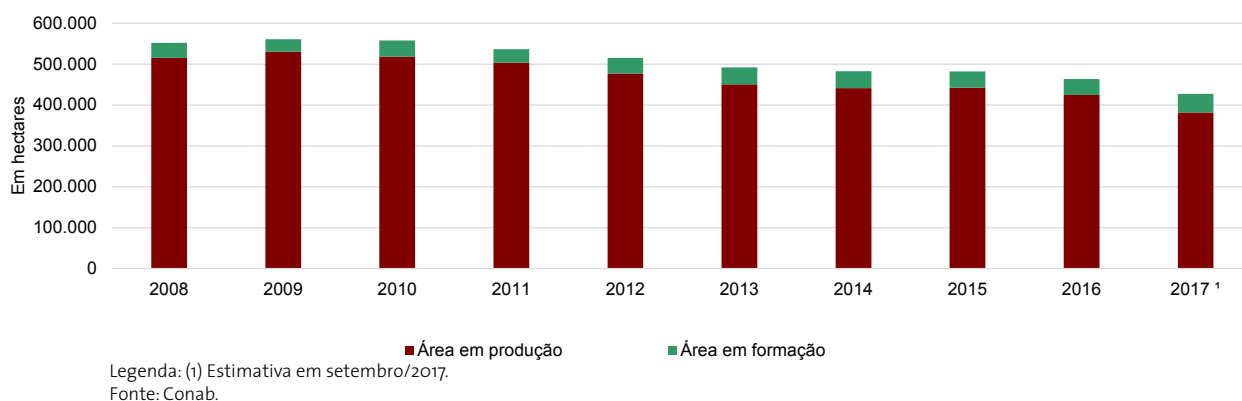


Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	9.245,1	32,2	88.699,4	75.243,8	(15,2)	95.690,4	84.488,9	(11,7)
RO	6.904,0	9.084,0	31,6	87.657,0	74.255,0	(15,3)	94.561,0	83.339,0	(11,9)
AM	66,0	71,1	7,7	429,4	503,8	17,3	495,4	574,9	16,0
PA	21,0	90,0	328,6	613,0	485,0	(20,9)	634,0	575,0	(9,3)
NORDESTE	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
BA	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
Atlântico	2.722,0	2.351,0	(13,6)	45.892,0	46.770,0	1,9	48.614,0	49.121,0	1,0
CENTRO-OESTE	1.577,0	1.623,0	2,9	14.123,0	9.518,0	(32,6)	15.700,0	11.141,0	(29,0)
MT	1.577,0	1.623,0	2,9	14.123,0	9.518,0	(32,6)	15.700,0	11.141,0	(29,0)
SUDESTE	27.486,0	31.695,0	15,3	272.764,0	248.438,0	(8,9)	300.250,0	280.133,0	(6,7)
MG	1.147,0	645,0	(43,8)	12.732,0	13.011,0	2,2	13.879,0	13.656,0	(1,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	746,0	419,0	(43,8)	8.276,0	8.457,0	2,2	9.022,0	8.876,0	(1,6)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	401,0	226,0	(43,6)	4.456,0	4.554,0	2,2	4.857,0	4.780,0	(1,6)
ES	26.339,0	31.050,0	17,9	260.032,0	235.415,0	(9,5)	286.371,0	266.465,0	(7,0)
OUTROS (*)	235,0	442,0	88,1	3.244,6	1.652,0	(49,1)	3.479,6	2.094,0	(39,8)
NORTE/NORDESTE	9.713,0	11.596,1	19,4	134.591,4	122.013,8	(9,3)	144.304,4	133.609,9	(7,4)
CENTRO-SUL	29.063,0	33.318,0	14,6	286.887,0	257.956,0	(10,1)	315.950,0	291.274,0	(7,8)
BRASIL	39.011,0	45.356,1	16,3	424.723,0	381.621,8	(10,1)	463.734,0	426.977,9	(7,9)

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



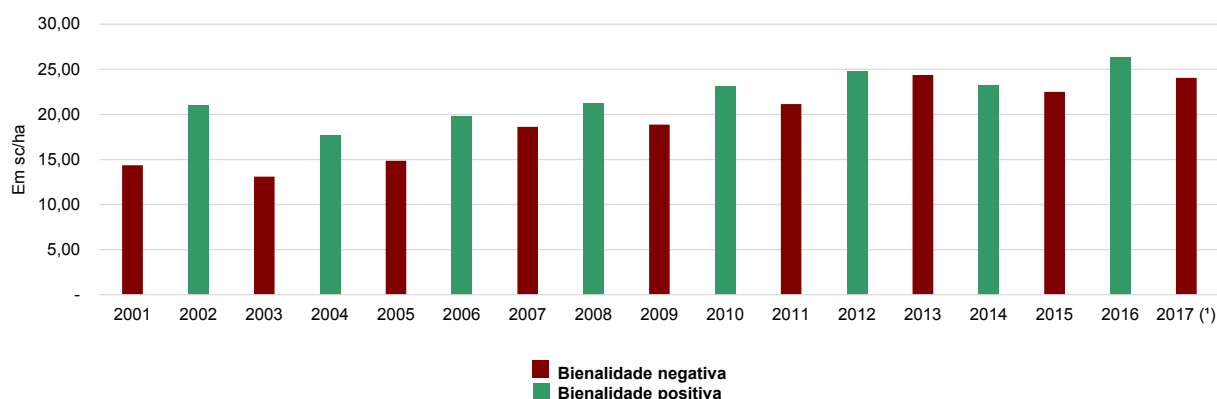


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. PRODUTIVIDADE TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

Para a safra 2016 estima-se produtividade em 24,02 sc/ha, equivalendo a uma redução de 8,8% em relação à safra passada. A redução deve ocorrer em quase todas as principais regiões produtoras, principalmente onde predomina o cultivo de arábica, sendo que a bionalidade é negativa nessa safra.

Gráfico 8 – Produtividade de café total (arábica e conilon)



Legenda: (*) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.

O melhor manejo e pacote tecnológico elevado utilizado pelos produtores tem levado, ao longo dos anos, numa diminuição da diferença entre as produtividades de ciclo positivo e negativo, como pode ser percebido entre 2001 e 2013. O ciclo bienal é, portanto,

característica do cafeeiro. Contudo uma adversidade climática pode alterar o ciclo bienal, como ocorreu em 2014 que, apesar de ser uma safra positiva, a forte restrição hídrica fez com que a produtividade fosse inferior ao ano anterior.

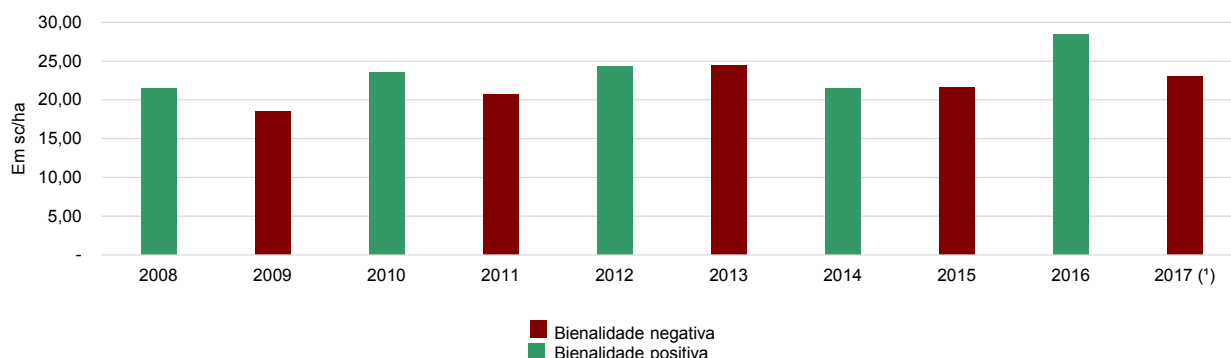
4.2. PRODUTIVIDADE DE ARÁBICA

O arábica, espécie mais influenciada pelo ciclo bienal, entrará este ano num novo ano de bienalidade negativa. Esse ciclo bienal consiste na alternância de um ano com grande florada dos cafeeiros, seguido por outro ano com florada menos intensa. Isso é uma característica natural dessa cultura perene, ocasionada pelo esgotamento da planta, uma vez que no ano negativo ela se recupera para produzir melhor no ano

subsequente. A estimativa é que a produtividade se situe em 22,99 sc/ha.

Há algumas exceções como no Paraná, onde a geadas de 2013 inverteu a bienalidade, ou seja, este ano ela será positiva. A zona da mata mineira também será influenciada pela bienalidade positiva, fato já consumado há anos.

Gráfico 9 – Produtividade de café arábica



Legenda: (*) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.



4.3. PRODUTIVIDADE DE CONILON

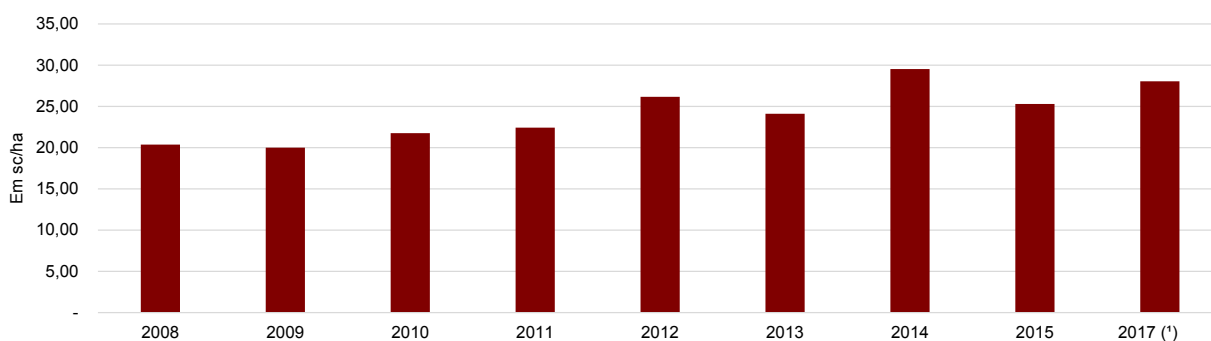
O café conilon é uma espécie mais rústica e, por isso, possui vantagens sobre o arábica. Além de ser mais resistente a pragas e doenças, pode tolerar temperaturas mais elevadas e deficiência hídrica mais do que o conilon. Além disso, as produtividades são mais elevadas.

O Espírito Santo produziu 63% do café conilon do país em 2016 e, por isso, as variações que ocorrem naquele estado influenciam a média nacional. O estado sofreu a influência de chuvas abaixo da média em duas sa-

fras consecutivas. O decréscimo significativo da produtividade de café conilon em 2015 e 2016 se deve a seca e má distribuição de chuvas, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, além da falta de águas nos mananciais para irrigação.

A estimativa é de recuperação de parte do potencial de produtividade dessa espécie em 2017, com produtividade média brasileira situando-se em 28,05 sc/ha, produtividade superior à safra 2016.

Gráfico 10 – Produtividade de café conilon



Legenda: (*) Estimativa em setembro/2017.

Fonte: Conab.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

5.1. PRODUÇÃO TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A produção de (arábica e conilon) em 2017 indica que o país deverá colher 44,77 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa redução de 12,8%, quando comparado com a produção de 51,37 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

Tabela 4 – Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

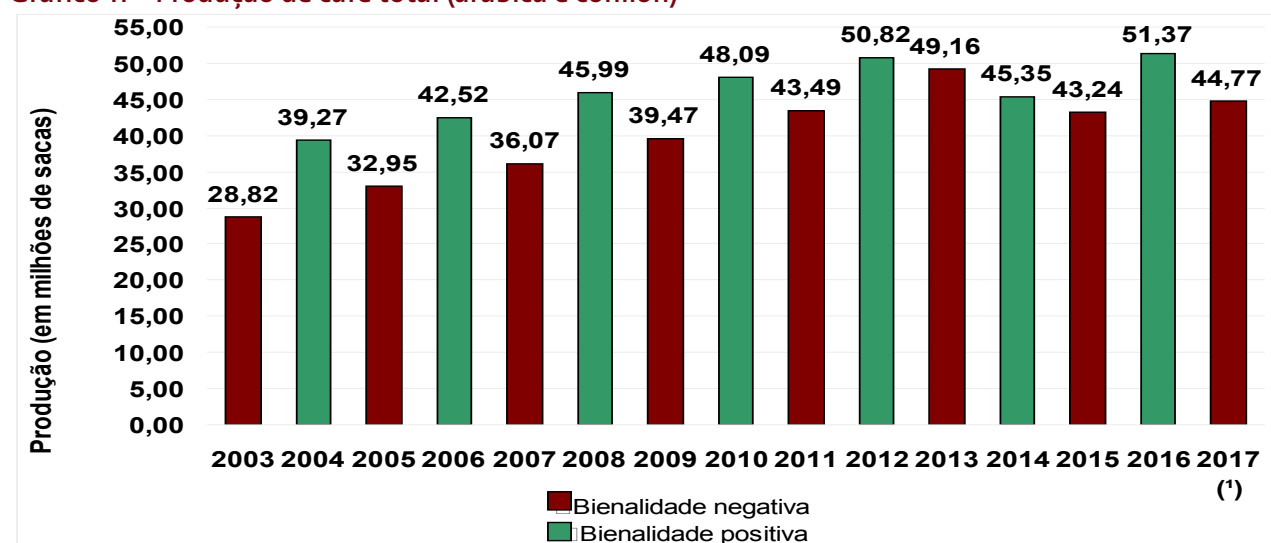
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	75.243,8	(15,2)	18,51	25,95	40,2	1.642,0	1.952,5	18,9
RO	87.657,0	74.255,0	(15,3)	18,56	26,10	40,6	1.626,9	1.938,2	19,1
AM	429,4	503,8	17,3	13,97	14,89	6,5	6,0	7,5	25,0
PA	613,0	485,0	(20,9)	14,85	14,02	(5,6)	9,1	6,8	(25,3)
NORDESTE	149.753,0	141.641,0	(5,4)	13,98	23,73	69,8	2.093,3	3.361,0	60,6
BA	149.753,0	141.641,0	(5,4)	13,98	23,73	69,8	2.093,3	3.361,0	60,6
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	30,51	30,09	(1,4)	345,6	291,0	(15,8)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,10	(18,7)	921,6	690,0	(25,1)
Atlântico	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
CENTRO-OESTE	19.819,6	15.226,0	(23,2)	17,77	17,38	(2,2)	352,2	264,6	(24,9)
MT	14.193,0	9.563,0	(32,6)	8,83	8,84	-	125,4	84,5	(32,6)
GO	5.626,6	5.663,0	0,6	40,31	31,80	(21,1)	226,8	180,1	(20,6)
SUDESTE	1.633.795,0	1.577.025,0	(3,5)	28,20	24,02	(14,8)	46.069,9	37.887,4	(17,8)
MG	1.009.481,0	977.665,0	(3,2)	30,44	24,93	(18,1)	30.724,1	24.375,1	(20,7)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	493.988,0	(5,8)	31,72	26,76	(15,6)	16.627,7	13.219,0	(20,5)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.429,0	(7,5)	40,43	23,46	(42,0)	7.401,6	3.975,0	(46,3)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	269.593,0	281.915,0	4,6	22,56	23,33	3,4	6.081,9	6.578,2	8,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.592,0	32.333,0	(0,8)	18,81	18,65	(0,8)	612,9	602,9	(1,6)
ES	410.057,0	385.538,0	(6,0)	21,87	22,92	4,8	8.967,4	8.835,0	(1,5)
RJ	13.022,0	13.065,0	0,3	26,68	26,72	0,2	347,4	349,1	0,5
SP	201.235,0	200.757,0	(0,2)	29,97	21,56	(28,1)	6.031,0	4.328,3	(28,2)
SUL	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
PR	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
OUTROS	12.450,6	8.510,0	(31,6)	13,24	11,61	(12,3)	164,8	98,8	(40,0)
NORTE/NORDESTE	238.452,4	216.884,8	(9,0)	15,66	24,50	56,4	3.735,3	5.313,5	42,3
CENTRO-SUL	1.699.774,6	1.638.321,0	(3,6)	27,93	24,03	(14,0)	47.469,1	39.362,0	(17,1)
BRASIL	1.950.677,6	1.863.715,8	(4,5)	26,33	24,02	(8,8)	51.369,2	44.774,3	(12,8)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Gráfico 11 – Produção de café total (arábica e conilon)

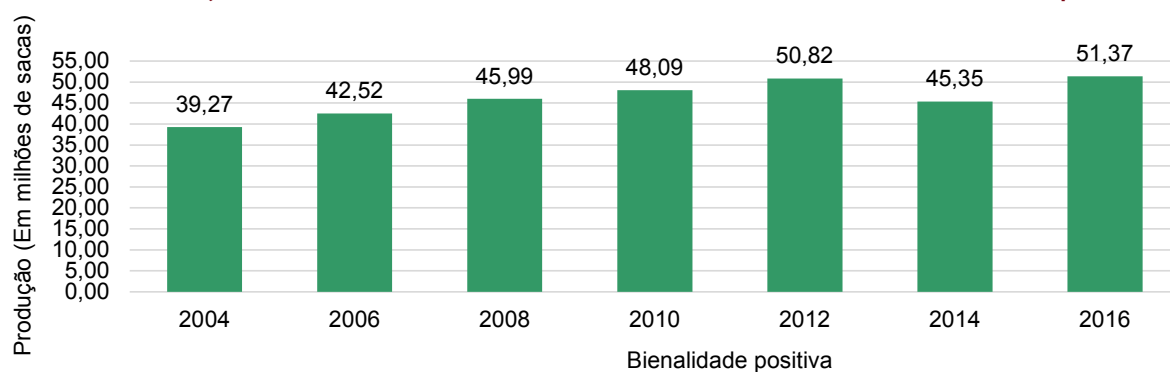


Legenda: (1) Estimativa em setembro/2017.

Fonte: Conab.

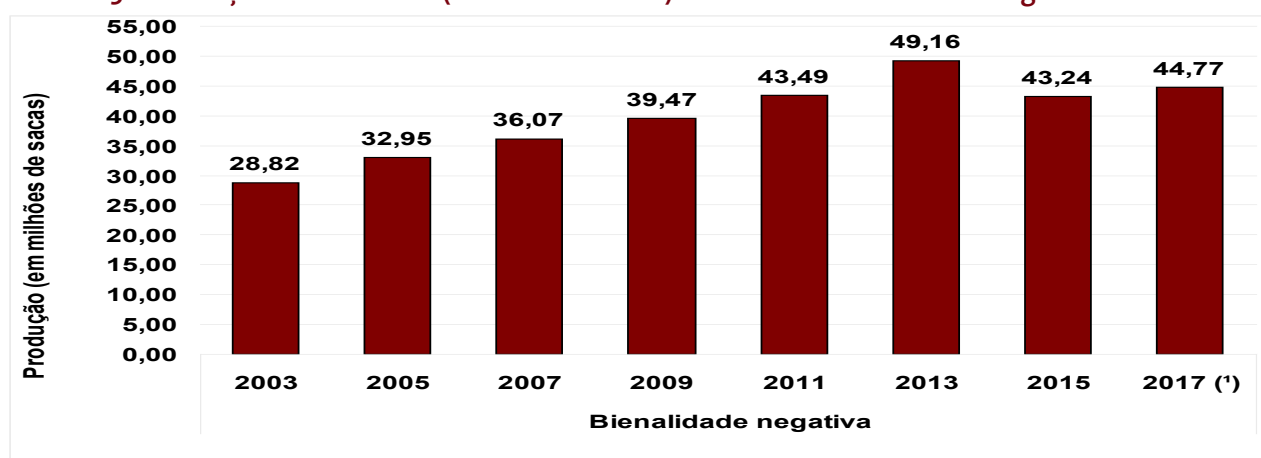


Gráfico 12 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil – Anos de bienalidade positiva



Fonte: Conab.

Gráfico 13 – Produção de café total (arábica e conilon) em anos de bienalidade negativa



Legenda: (*) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.

5.2. PRODUÇÃO DE ARÁBICA

O café arábica representa 80% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra, que é de ciclo de bienalidade negativa, estima-se que sejam colhidas entre 34,07 milhões sacas. Tal resultado representa redução de 21,5%.

Em Minas Gerais, maior estado produtor dessa espécie, o resultado do presente levantamento sinaliza

uma redução da produção cafeeira de Minas Gerais na ordem de 21%, pautada, principalmente, na bienalidade negativa das maiores regiões produtoras do estado, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao restante do estado. A produção deve totalizar 24,04 milhões de sacas na safra 2017.



Tabela 5 – Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

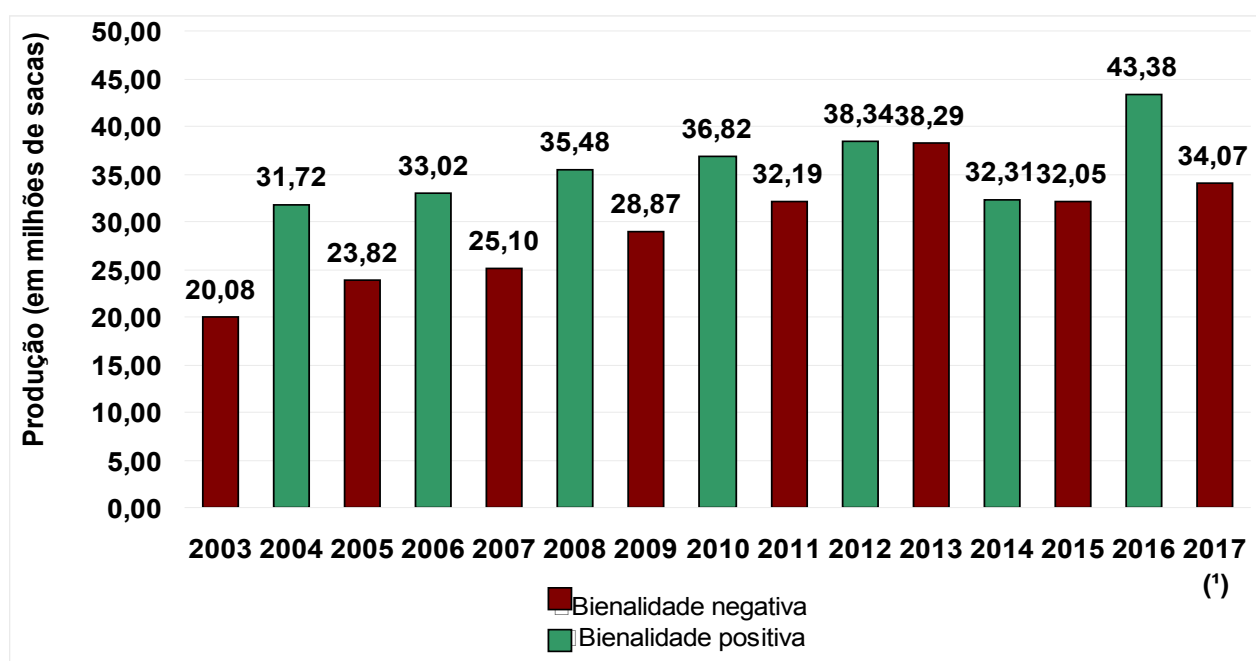
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,34	(15,2)	1.267,2	981,0	(22,6)
BA	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,34	(15,2)	1.267,2	981,0	(22,6)
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	35,74	30,09	(15,8)	345,6	291,0	(15,8)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,10	(18,7)	921,6	690,0	(25,1)
CENTRO-OESTE	5.696,6	5.708,0	0,2	40,04	31,74	(20,7)	228,1	181,2	(20,6)
MT	70,0	45,0	(35,7)	18,29	24,44	33,7	1,3	1,1	(14,1)
GO	5.626,6	5.663,0	0,6	40,31	31,80	(21,1)	226,8	180,1	(20,6)
SUDESTE	1.361.031,0	1.328.587,0	(2,4)	29,93	23,81	(20,4)	40.738,4	31.638,3	(22,3)
MG	996.749,0	964.654,0	(3,2)	30,53	24,92	(18,4)	30.427,9	24.041,0	(21,0)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	493.988,0	(5,8)	31,72	26,76	(15,6)	16.627,7	13.219,0	(20,5)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.429,0	(7,5)	40,43	23,46	(42,0)	7.401,6	3.975,0	(46,3)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	261.317,0	273.458,0	4,6	22,54	23,26	3,2	5.889,4	6.361,0	8,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.136,0	27.779,0	(1,3)	18,10	17,50	(3,3)	509,2	486,0	(4,6)
ES	150.025,0	150.123,0	0,1	26,21	19,45	(25,8)	3.932,1	2.920,0	(25,7)
RJ	13.022,0	13.053,0	0,2	26,68	26,74	0,2	347,4	349,0	0,5
SP	201.235,0	200.757,0	(0,2)	29,97	21,56	(28,1)	6.031,0	4.328,3	(28,2)
SUL	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
PR	46.160,0	46.070,0	(0,2)	22,68	26,26	15,8	1.047,0	1.210,0	15,6
OUTROS (*)	9.206,0	6.858,0	(25,5)	11,03	8,57	(22,2)	101,5	58,8	(42,1)
NORTE/NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,34	(15,2)	1.267,2	981,0	(22,6)
CENTRO-SUL	1.412.887,6	1.380.365,0	(2,3)	29,74	23,93	(19,5)	42.013,5	33.029,5	(21,4)
BRASIL	1.525.954,6	1.482.094,0	(2,9)	28,43	22,99	(19,1)	43.382,2	34.069,3	(21,5)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Gráfico 14 – Produção de café arábica

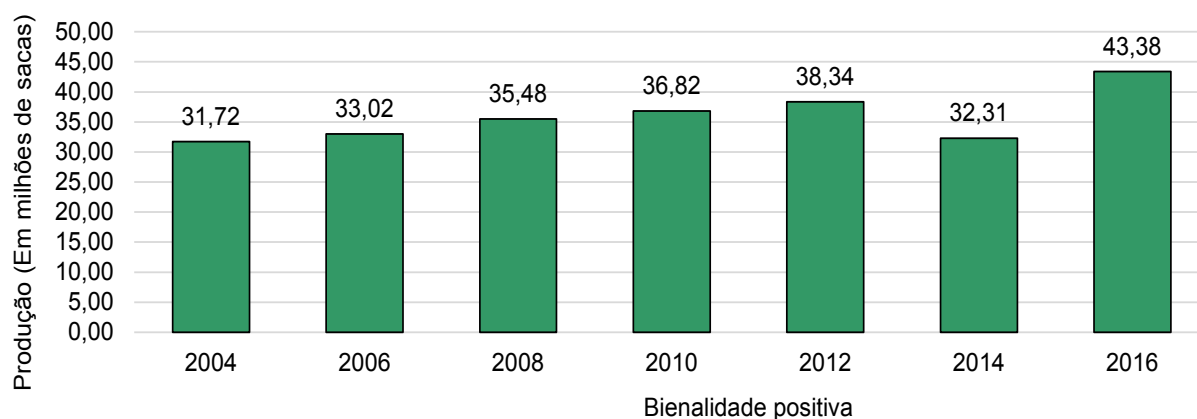


Legenda: (i) Estimativa em setembro/2017.

Fonte: Conab.

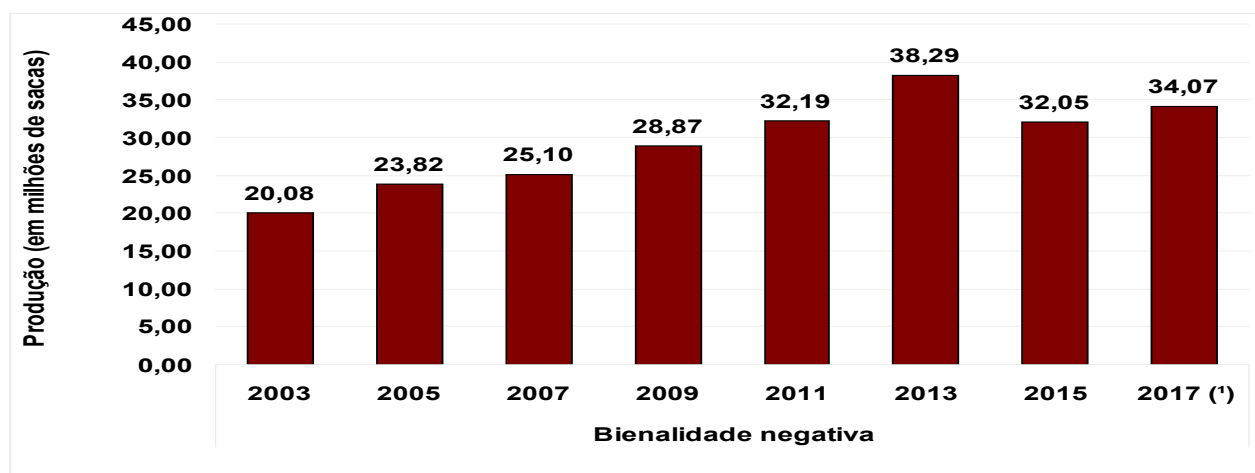


Gráfico 15 – Produção de café arábica em anos de bienalidade positiva



Fonte: Conab.

Gráfico 16 – Produção de café arábica em anos de bienalidade negativa



Legenda: (¹) Estimativa em setembro/2017.
Fonte: Conab.

5.3. PRODUÇÃO DE CONILON

A produção do conilon representa 20% da produção total (arábica e conilon), estimada em 10,71 milhões de sacas, representando um crescimento de 34% sobre a safra 2016. Esse resultado se deve, sobretudo, à recuperação da produtividade no Espírito Santo, bem como ao processo de maior utilização de tecnologias como o plantio de café clonal, e ao maior investimento nas lavouras.

No Espírito Santo, maior produtor de conilon, nos últimos três anos com o baixo índice pluviométrico, houve diminuição da área em produção devido ao esgotamento das barragens, rios, córregos e à proibição do uso da irrigação, resultando em estresse severo das plantas que, em quantidade anormal, foram recepa-

das ou arrancadas. A reposição das plantas arrancadas tem acontecido com a maior brevidade possível, visto que, os viveiristas, por conta da seca, não conseguiram produzir a quantidade normal de mudas para atender a demanda, que hoje aumentou muito devido à chuva.

Essa situação interrompeu uma sequência contínua de aumento na produção de café no estado. A produção de 9,95 milhões de sacas obtida em 2014 caiu para 5,04 milhões em 2016. Para a nova safra, 2017, com melhora das condições climáticas, estima-se uma recuperação na produção em relação à safra anterior, estimada em 5,92 mil sacas.



Tabela 6 – Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

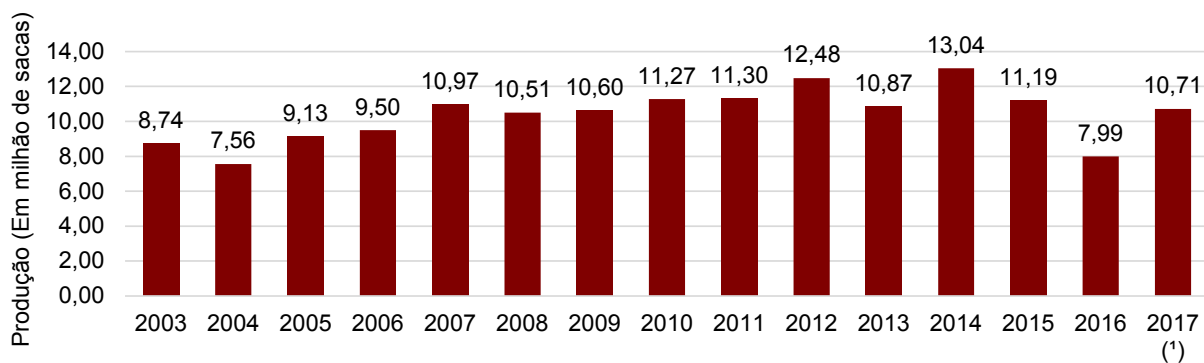
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	75.243,8	(15,2)	18,51	25,95	40,2	1.642,0	1.952,5	18,9
RO	87.657,0	74.255,0	(15,3)	18,56	26,10	40,6	1.626,9	1.938,2	19,1
AM	429,4	503,8	17,3	13,97	14,89	6,5	6,0	7,5	25,0
PA	613,0	485,0	(20,9)	14,85	14,02	(5,6)	9,1	6,8	(25,3)
NORDESTE	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
BA	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
Atlântico	45.892,0	46.770,0	1,9	18,00	50,89	182,7	826,1	2.380,0	188,1
CENTRO-OESTE	14.123,0	9.518,0	(32,6)	8,79	8,76	(0,3)	124,1	83,4	(32,8)
MT	14.123,0	9.518,0	(32,6)	8,79	8,76	(0,3)	124,1	83,4	(32,8)
SUDESTE	272.764,0	248.438,0	(8,9)	19,55	25,15	28,7	5.331,5	6.249,1	17,2
MG	12.732,0	13.011,0	2,2	23,26	25,68	10,4	296,2	334,1	12,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.276,0	8.457,0	2,2	23,26	25,68	10,4	192,5	217,2	12,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.456,0	4.554,0	2,2	23,27	25,67	10,3	103,7	116,9	12,7
ES	260.032,0	235.415,0	(9,5)	19,36	25,13	29,8	5.035,3	5.915,0	17,5
RJ	-	12,0	-	-	10,00	-	-	0,1	-
OUTROS (*)	3.244,6	1.652,0	(49,1)	19,51	24,21	24,1	63,3	40,0	(36,8)
NORTE/NORDESTE	134.591,4	122.013,8	(9,3)	18,34	35,51	93,6	2.468,1	4.332,5	75,5
CENTRO-SUL	286.887,0	257.956,0	(10,1)	19,02	24,55	29,1	5.455,6	6.332,5	16,1
BRASIL	424.723,0	381.621,8	(10,1)	18,81	28,05	49,2	7.987,0	10.705,0	34,0

Legenda: (*) Acre, Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Gráfico 17 – Produção de café conilon



Legenda: (1) Estimativa em setembro/2017.

Fonte: Conab.



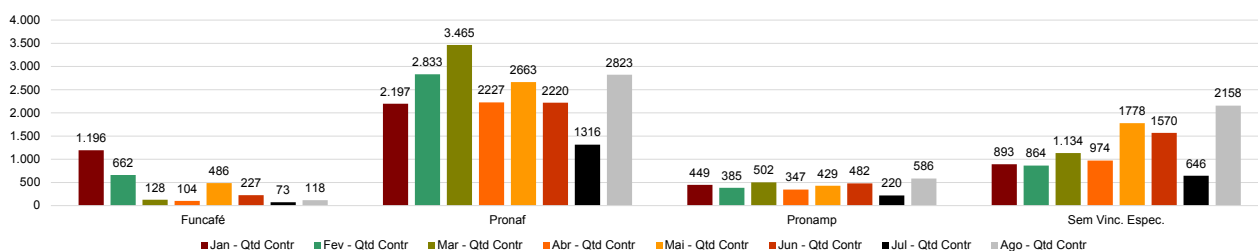


6. CRÉDITO RURAL

As linhas de crédito rural para custeio de café no primeiro quadrimestre contabilizaram 36.155 operações, representando um montante de R\$ 2,48 bilhão. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) foi o programa onde ocorreu a maior quantidade de contratos 19.744, seguido por aqueles sem vínculo específico 10.017. Funcafé (Fundo de Defesa da Economia Cafeeira) e Pronamp (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural) reunidos, somaram 6.394 operações.

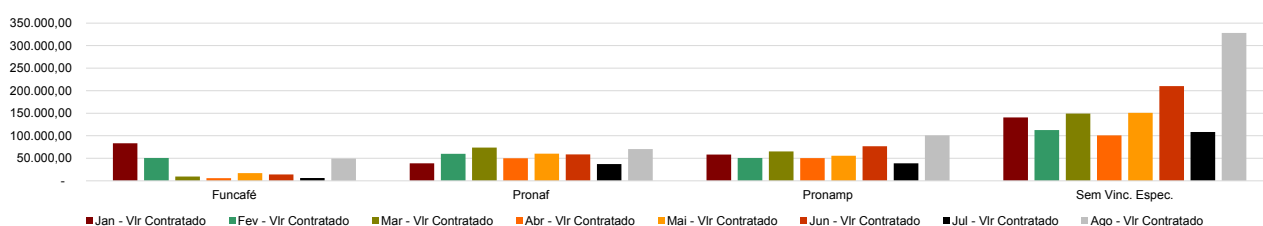
As atividades inseridas no Programa Sem Vínculo Específico, representaram no quadrimestre 527% dos recursos disponíveis, totalizando R\$ 1,3 bilhão. O Pronamp, vem em seguida, representando 20% do total, com R\$ 496,7 milhões. O Pronaf, com 18% do total e R\$ 448,8 milhões. O Funcafé somou 10% das operações e recursos de R\$ 236,1 milhões.

Gráfico 18 – Total de contratos de custeio de café – 2016



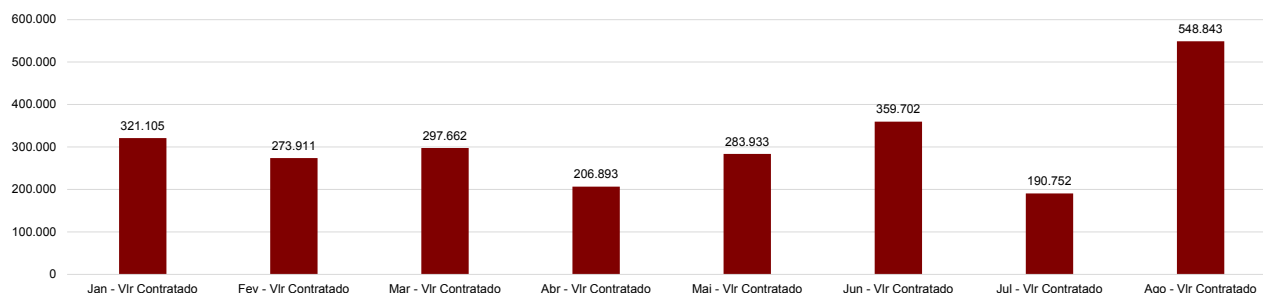
Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro a agosto, passíveis de alterações.

Gráfico 19 – Total de contratos de custeio de café – 2017



Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro a agosto, passíveis de alterações.

Gráfico 20 – Valor total contratado de custeio de café – 2016



Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro a abril, passíveis de alterações.

6.1. MINAS GERAIS

Os financiamentos para custeio, investimentos e aquisição de maquinários (Pronaf mais alimentos), operam dentro da normalidade. Alguns municípios relatam excesso de burocracia, demora ou suspensão temporária na liberação de crédito, em razão das restrições orçamentárias, impostas pelo Governo Federal, além de problemas pontuais na gestão do programa. O financiamento é direcionado, em sua maior parte, para custeio seguido por investimento. Quando a cultura do café está mais destinada para pequenos pro-

dutores rurais, há uma incidência maior no financiamento da configuração Pronaf. Já, médios e grandes agricultores direcionam-se para a iniciativa privada com o uso do Pronamp.

Há uma preocupação inicial, pois os primeiros vencimentos iniciam-se já no fim de agosto e como muitos já estão endividados, surge a preocupação com a primeira venda, que normalmente é destinada para a quitação das dívidas de curto prazo.



6.2. ESPÍRITO SANTO

Com relação ao crédito rural aplicado na produção de café conilon do ES, observamos que são duas as principais linhas de crédito acessadas pelos produtores: Custeio e o Investimento. O primeiro é a linha de fi-

nanciamento para o custeio da safra de café daquele ano produtivo, com recursos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé).

6.3. RONDÔNIA

De forma geral os produtores vêm acessando normalmente aos recursos disponibilizados pelos Bancos oficiais e Cooperativas de crédito. O fluxo de liberação dos créditos pelos agentes financeiros são considerados normais. Eventuais atrasos na liberação de alguns

projetos ocorrem em casos isolados, devido à exigência da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Ambiental (SEDAM), que é o órgão estadual que concede a outorga de uso da água, quando das implantações das lavouras com irrigação.

6.4. RIO DE JANEIRO

Com relação ao crédito rural de custeio das lavouras, muitos produtores utilizam Pronaf e custeio próprio. Observamos ainda que também existem outras linhas de crédito acessadas pelos produtores. A primei-

ra é a linha de financiamento para o custeio da safra com recursos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé).

6.5. MATO GROSSO

Os cafeicultores do estado são, em grande maioria, agricultores familiares/assentados e têm dificuldade de acesso ao crédito, devido à falta de legalização das propriedades rurais, o que dificulta a emissão da De-

claração de Aptidão ao Pronaf - DAP e, consequentemente, acesso às linhas de crédito legais por falta de garantia.

6.6. AMAZONAS

Não existe relato de utilização de crédito rural nos últimos anos, nem para investimento nem para custeio de safra.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas no capítulo da avaliação por estado.

7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO











No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada e a temperatura mínima média* (decendial e mensal), o desvio da precipitação e da temperatura máxima com relação à média histórica (anomalia). Para os principais estados produtores foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- Favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;

- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

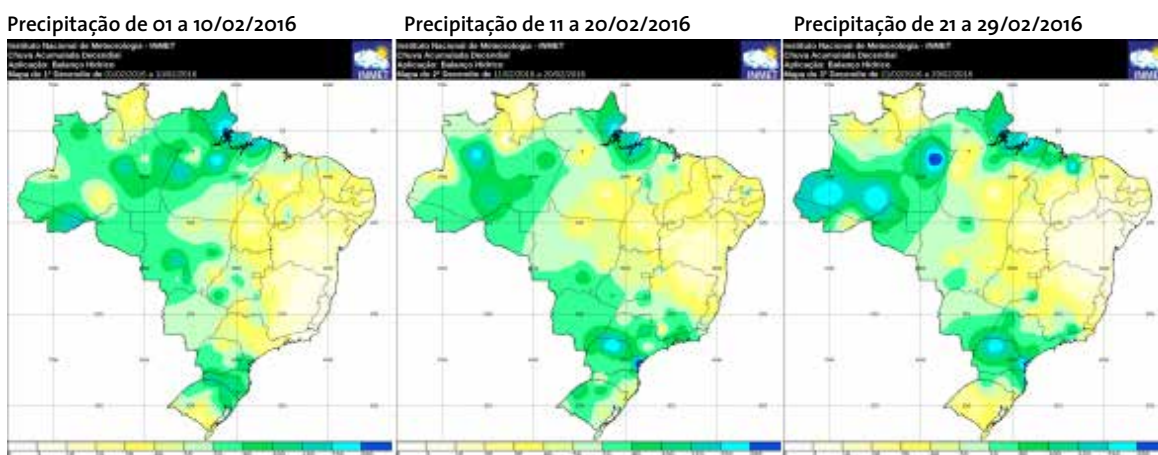
Cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

 Favorável	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição excesso de chuva	 Alta restrição excesso de chuva	 Média restrição temperaturas baixas
 Baixa restrição falta de chuva	 Alta restrição falta de chuva	 Média restrição excesso de chuva	 Baixa restrição temperaturas baixas	 Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento da safra 2017, no período de agosto de 2016 - época de início da floração - a agosto de 2017 - quando mais da metade da safra já está colhida. Para alguns estados, considerou-se também parte

do período vegetativo (fevereiro a junho de 2016) e de repouso (julho e agosto de 2016), em razão das adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento dos ramos produtivos da safra 2017.

Figura 1 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2016



continua

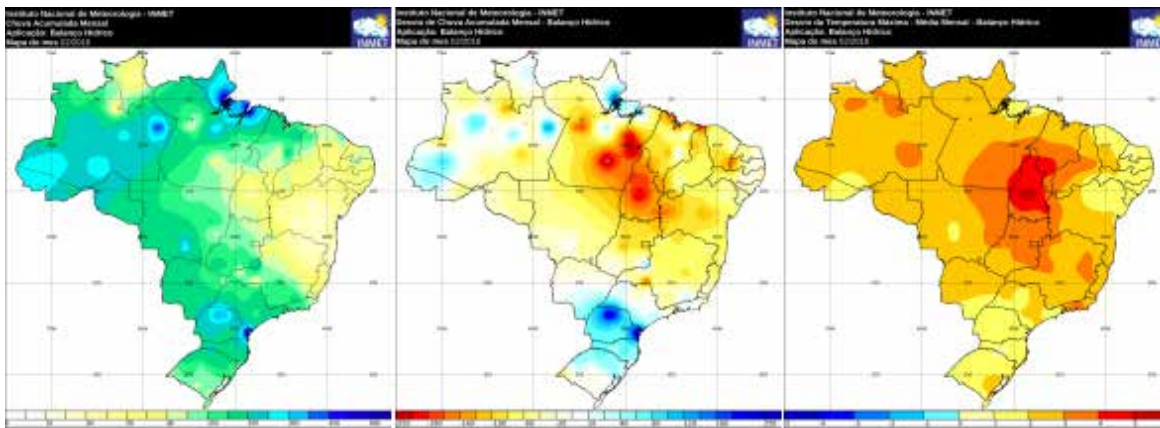
*- dos meses com maior probabilidade de ocorrências de geadas – junho e julho.



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



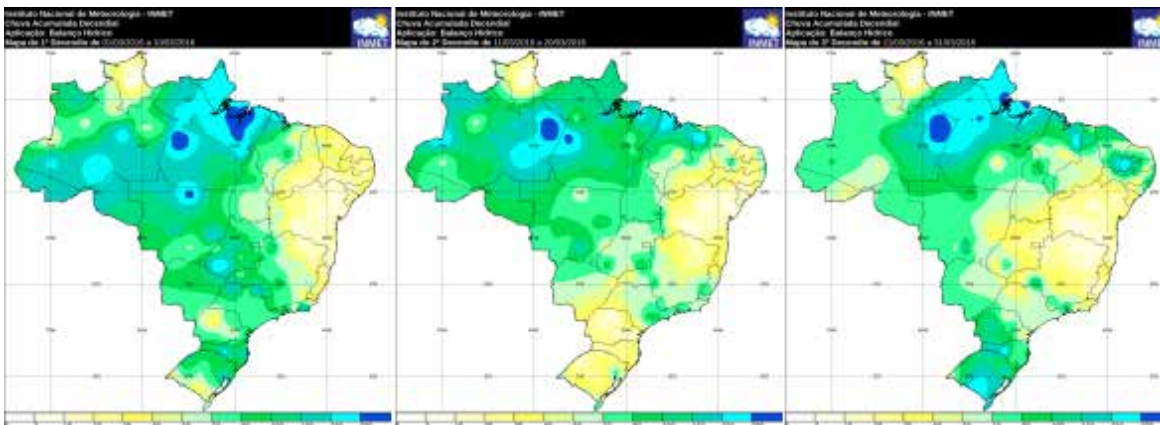
Fonte: Inmet.

Figura 2 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016

Precipitação de 01 a 10/03/2016

Precipitação de 11 a 20/03/2016

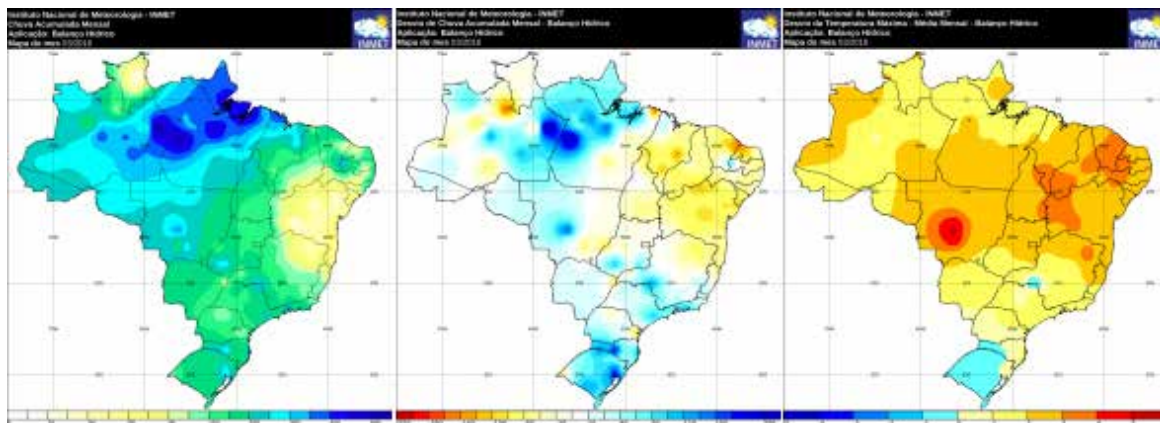
Precipitação de 21 a 31/03/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



Figura 3 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2016

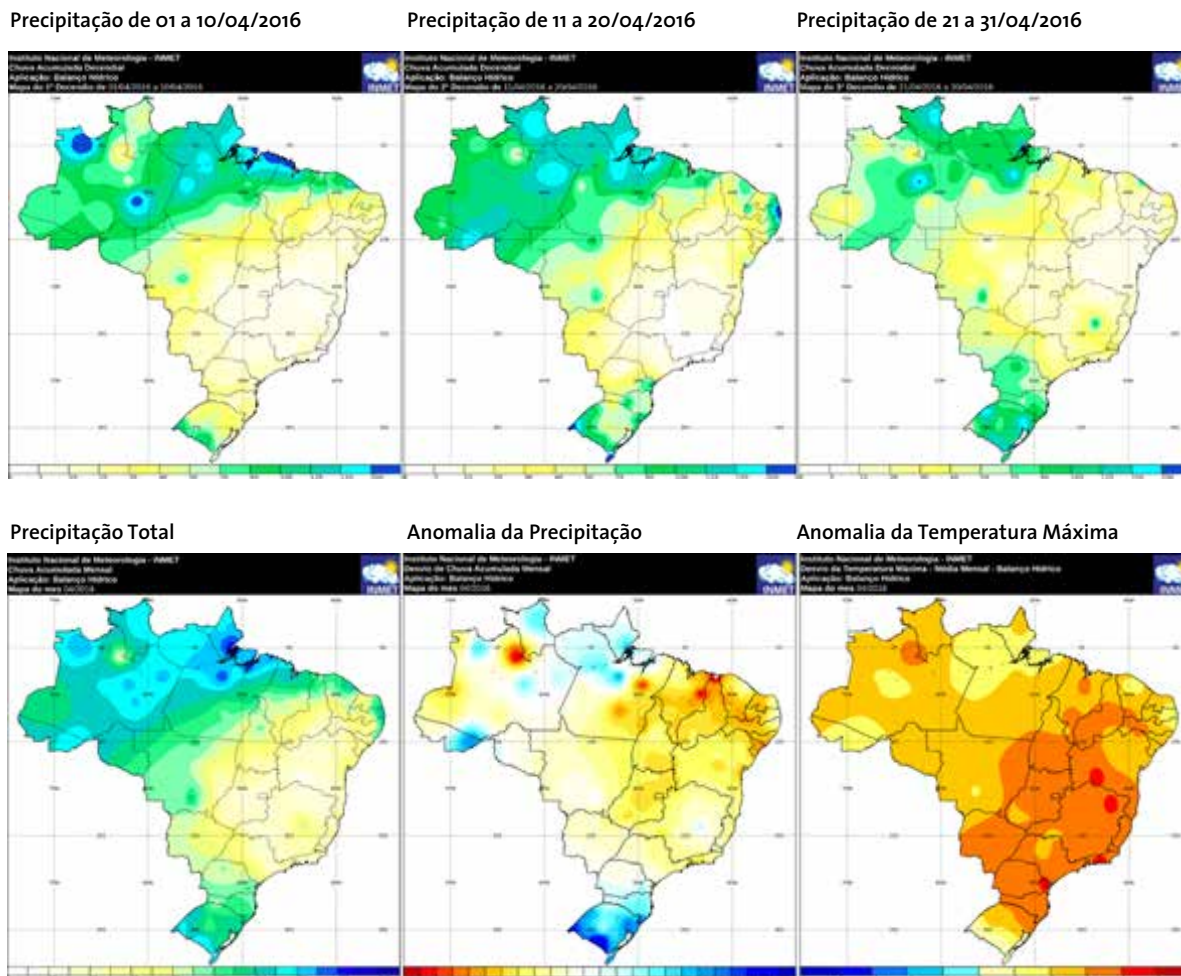


Figura 4 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2016



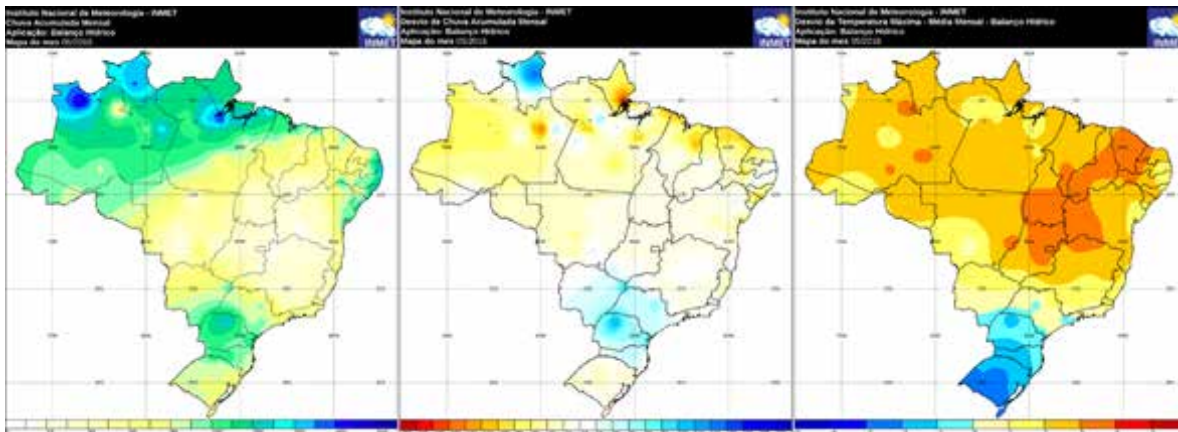
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



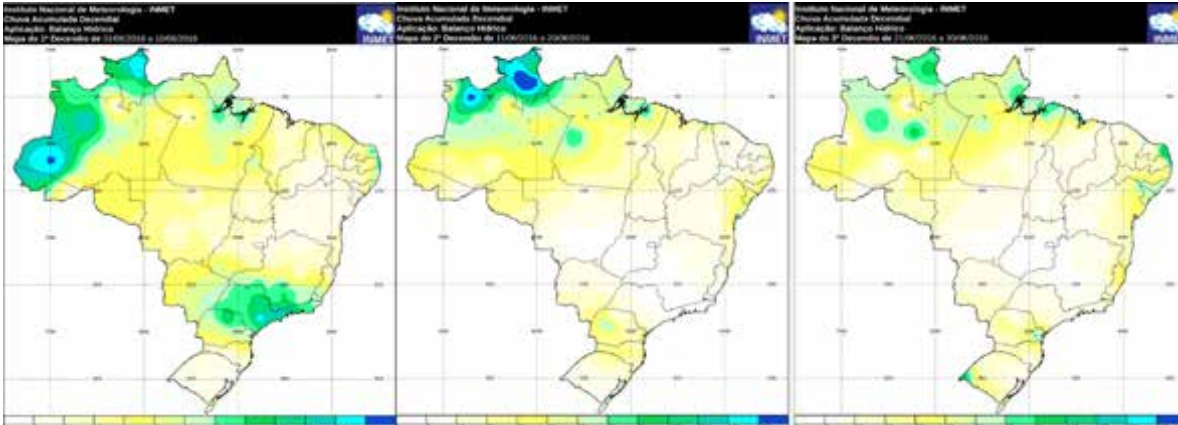
Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em junho de 2016

Precipitação de 01 a 10/06/2016

Precipitação de 11 a 20/06/2016

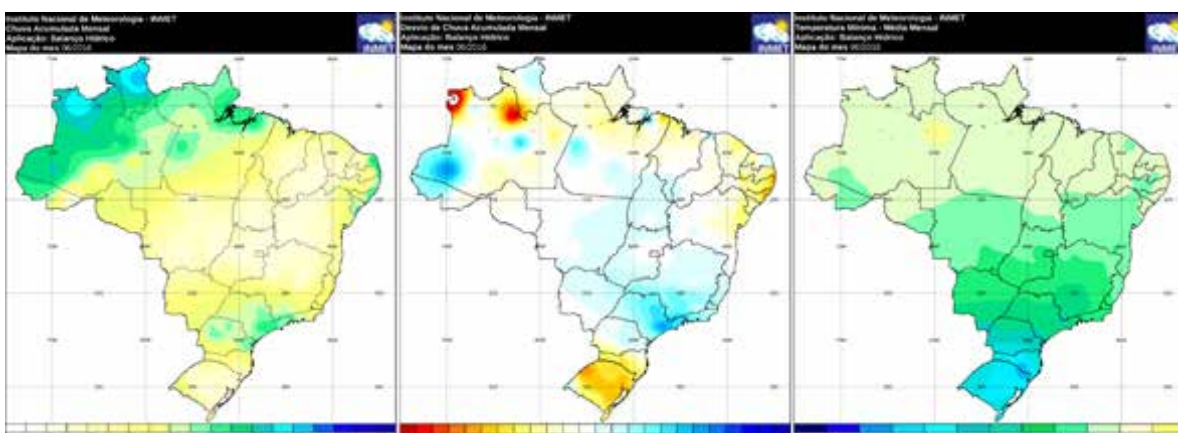
Precipitação de 21 a 31/06/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

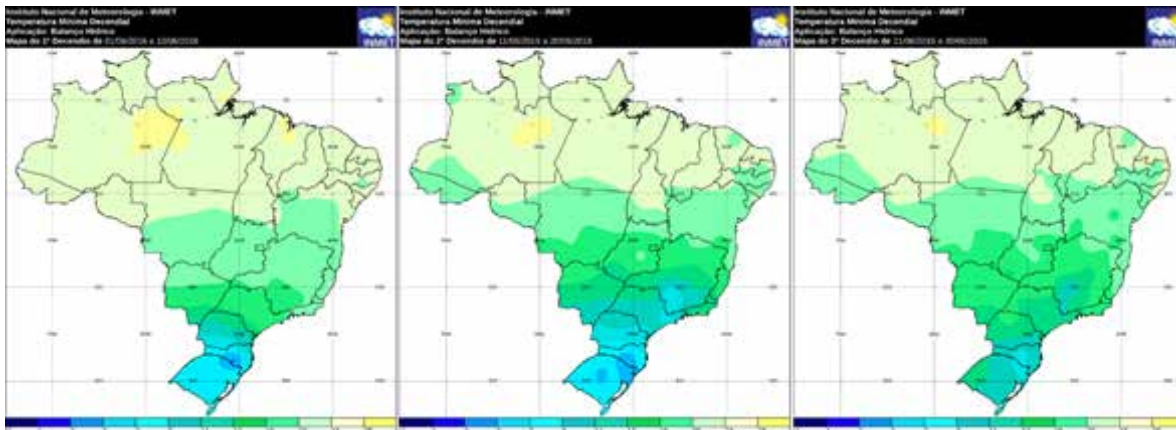
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

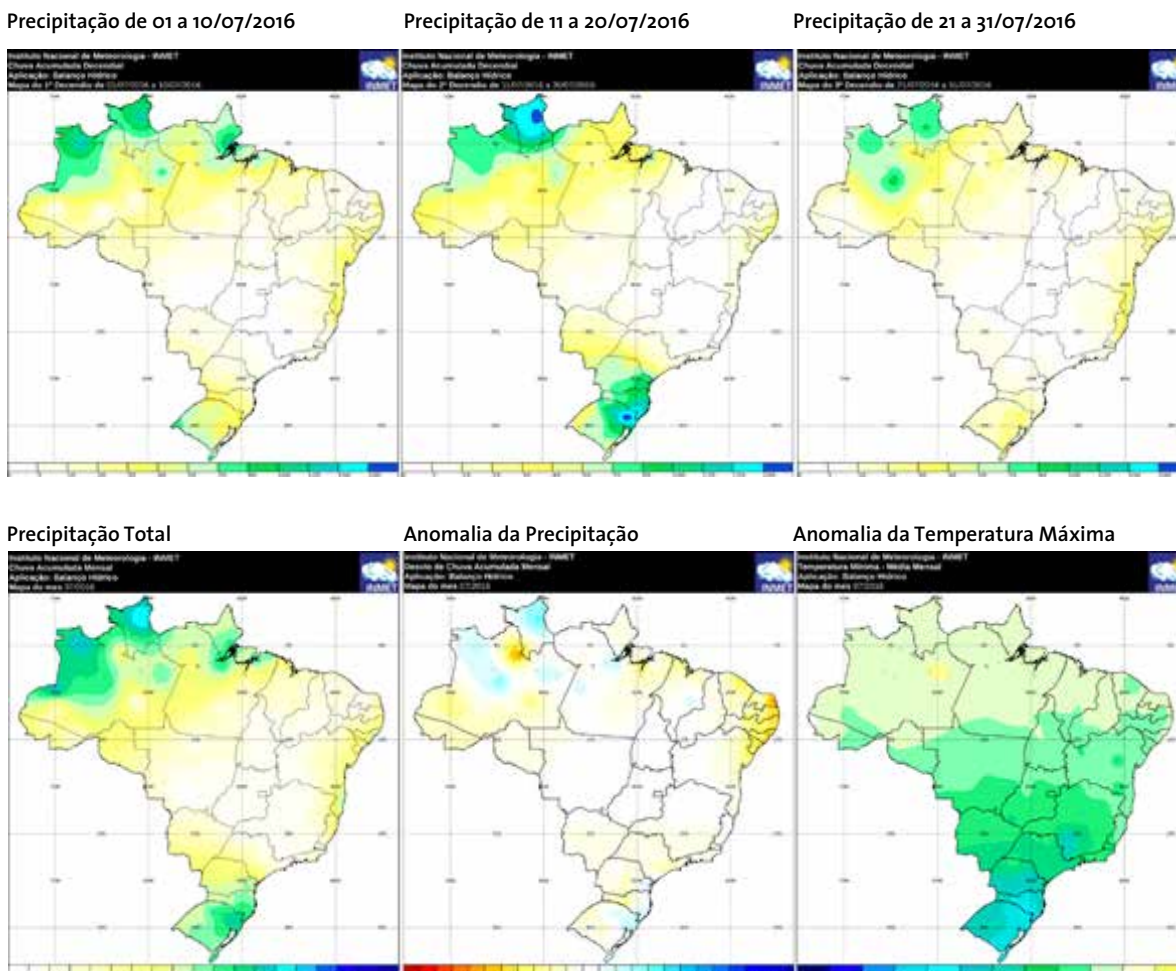


Figura 6 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de junho, de 11 a 20 de junho e de 21 a 30 de junho de 2016



Fonte: Inmet.

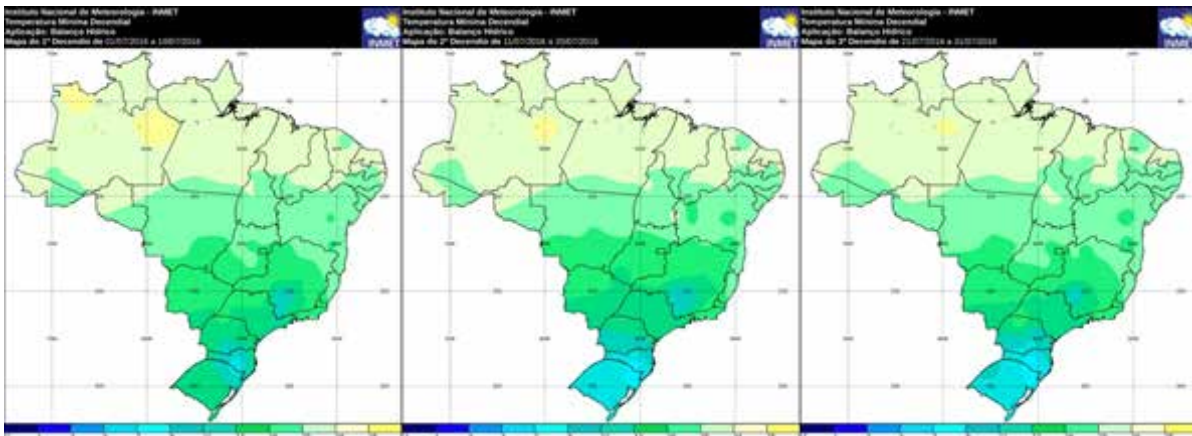
Figura 7 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em julho de 2016



Fonte: Inmet.

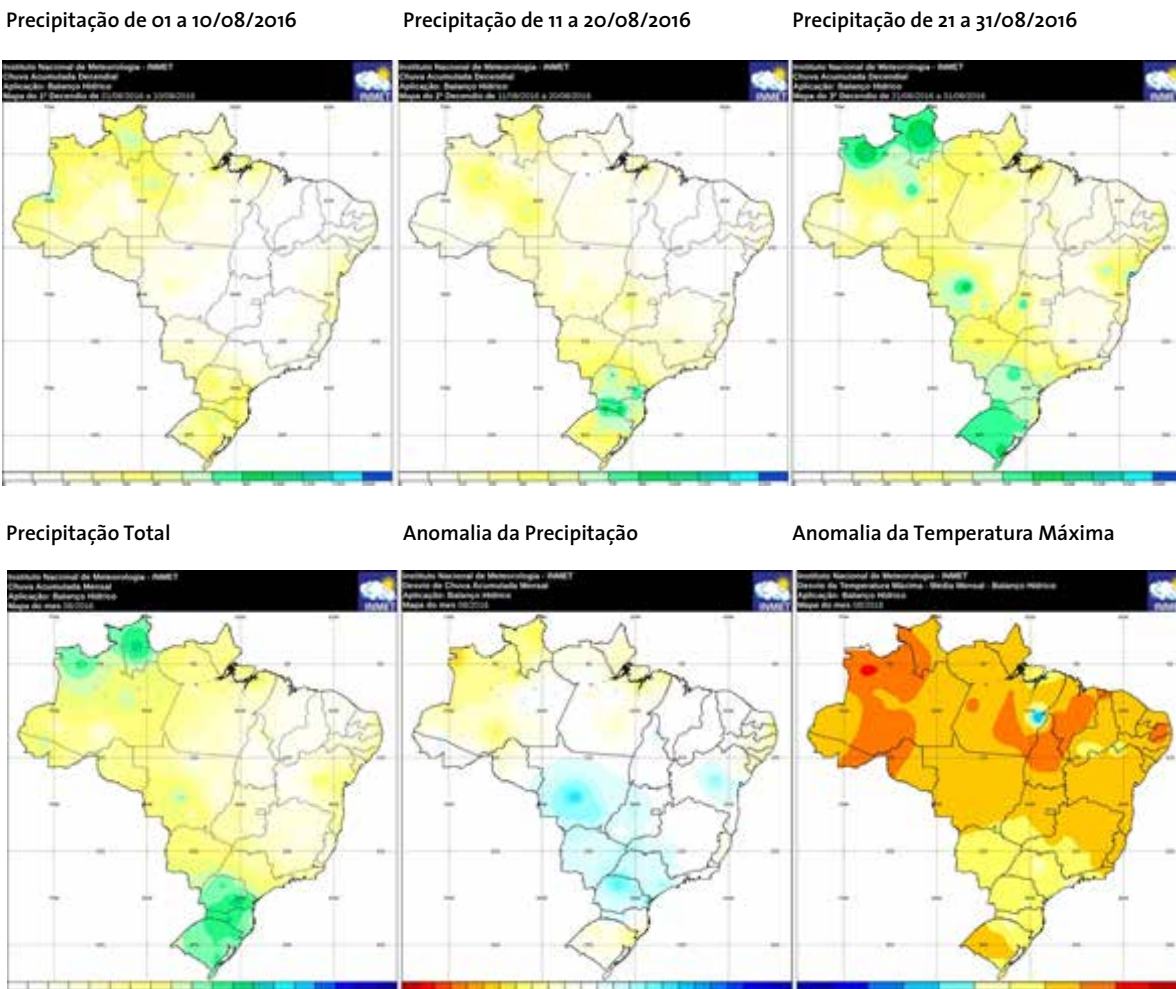


Figura 8 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de julho, de 11 a 20 de julho e de 21 a 31 de julho de 2016



Fonte: Inmet.

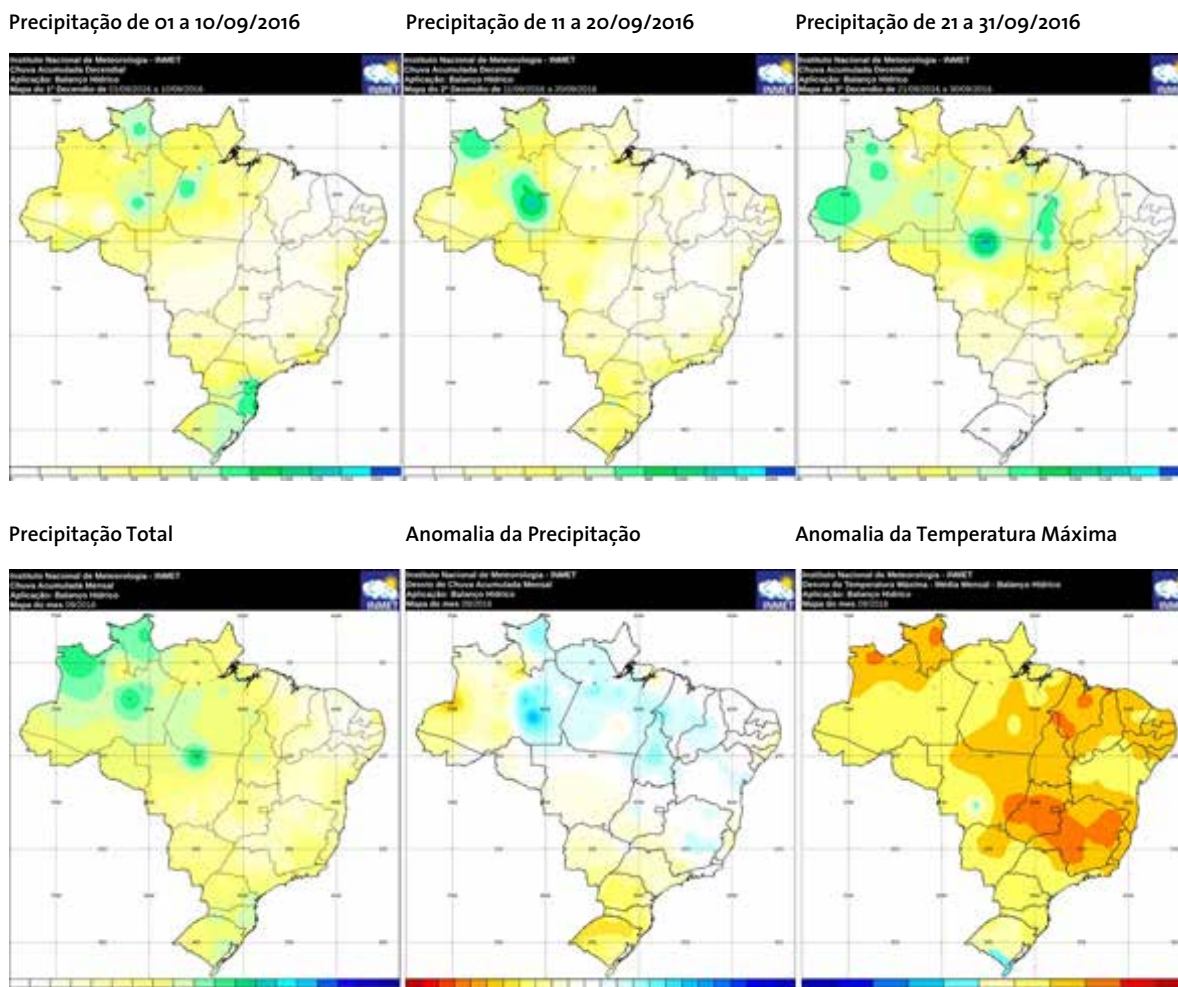
Figura 9 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 10 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2016



Fonte: Inmet.

Figura 11 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2016



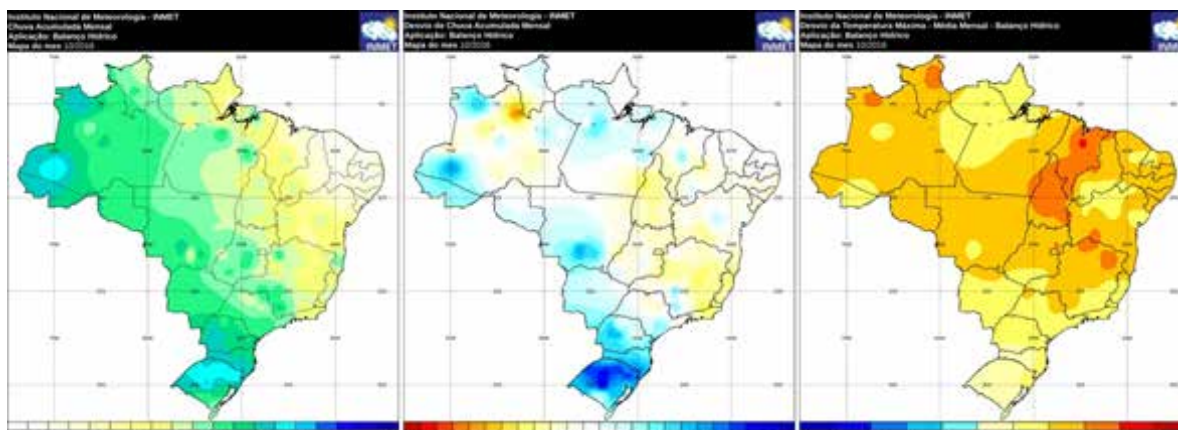
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



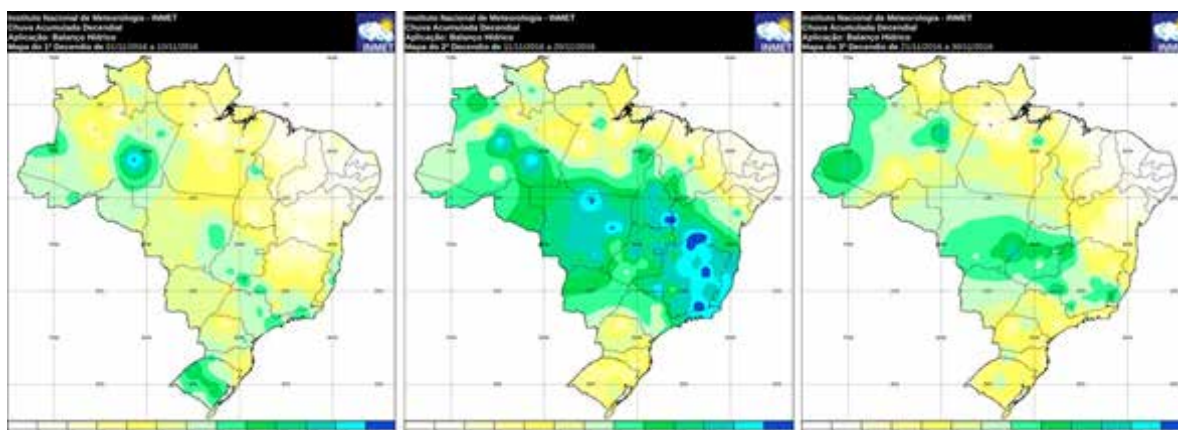
Fonte: Inmet.

Figura 12 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em novembro de 2016

Precipitação de 01 a 10/11/2016

Precipitação de 11 a 20/11/2016

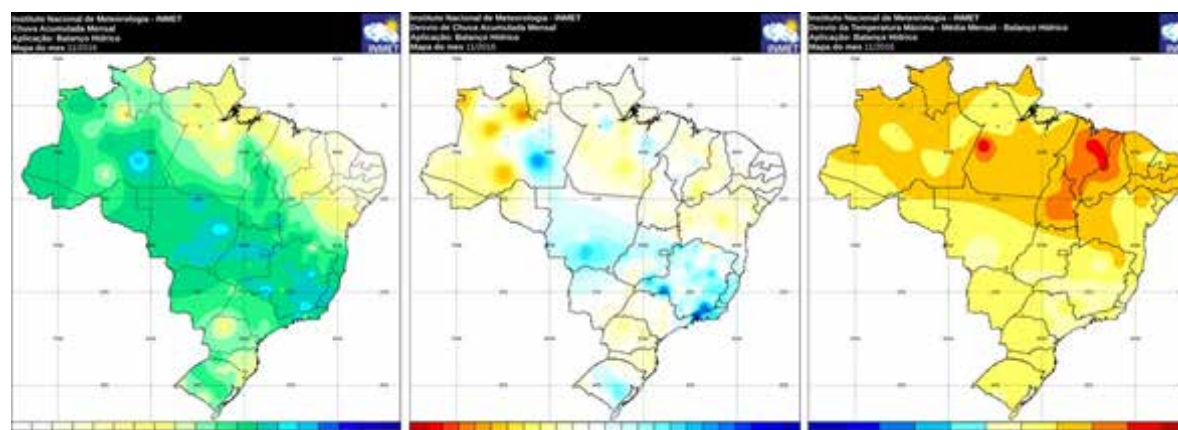
Precipitação de 21 a 31/11/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

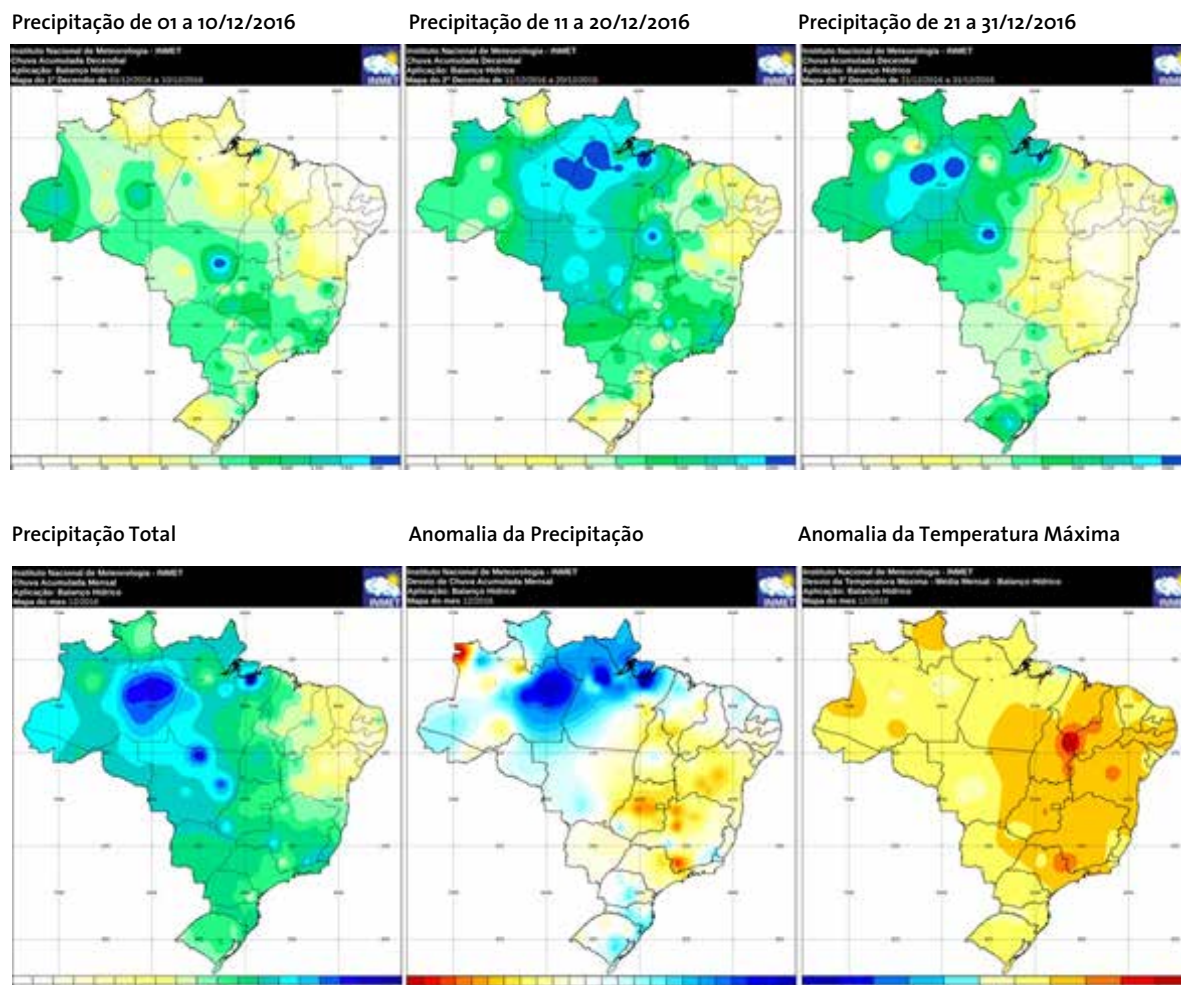
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

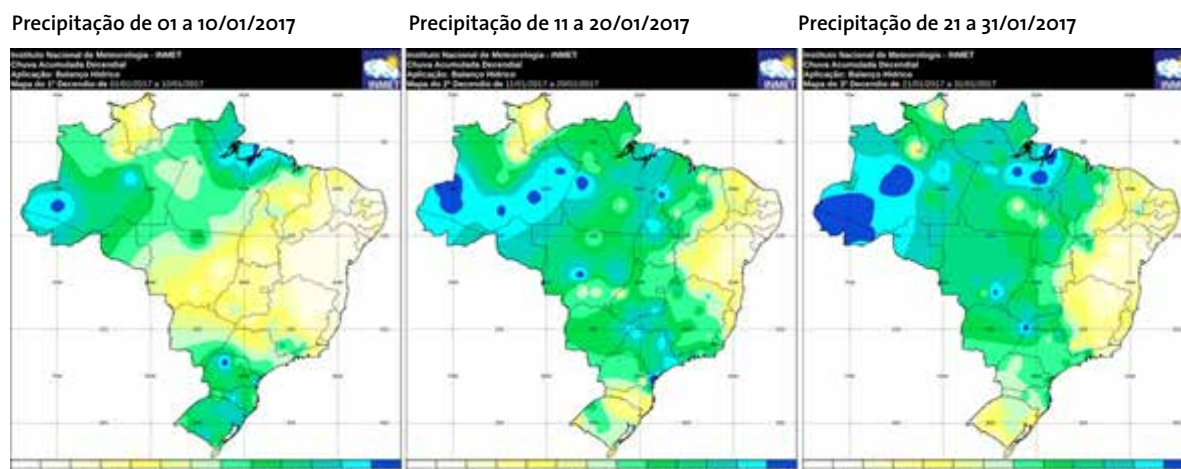


Figura 13 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em dezembro de 2016



Fonte: Inmet.

Figura 14 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em janeiro de 2017



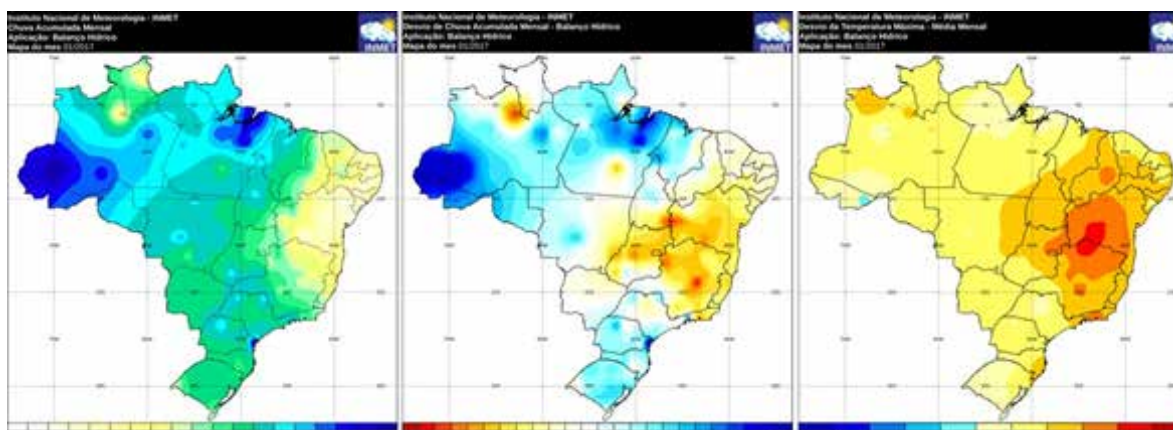
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



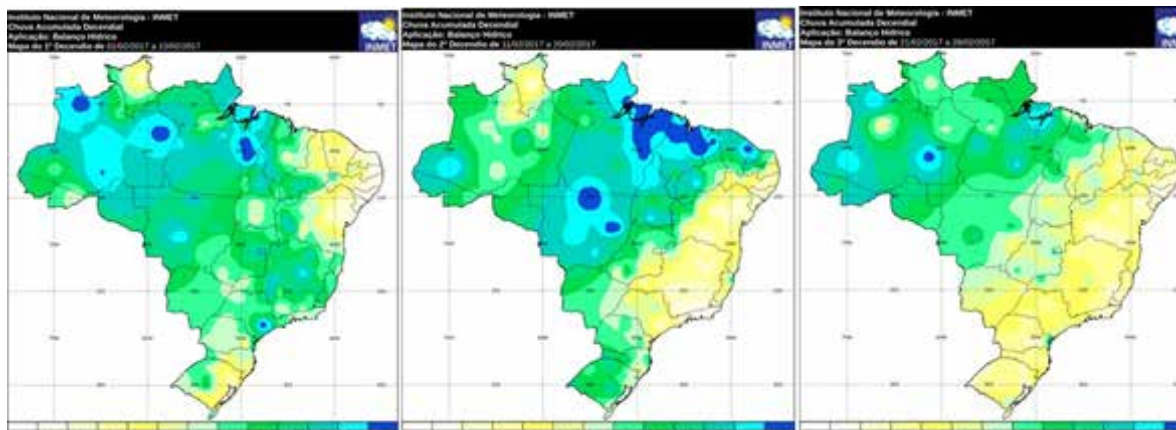
Fonte: Inmet.

Figura 15 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2017

Precipitação de 01 a 10/02/2017

Precipitação de 11 a 20/02/2017

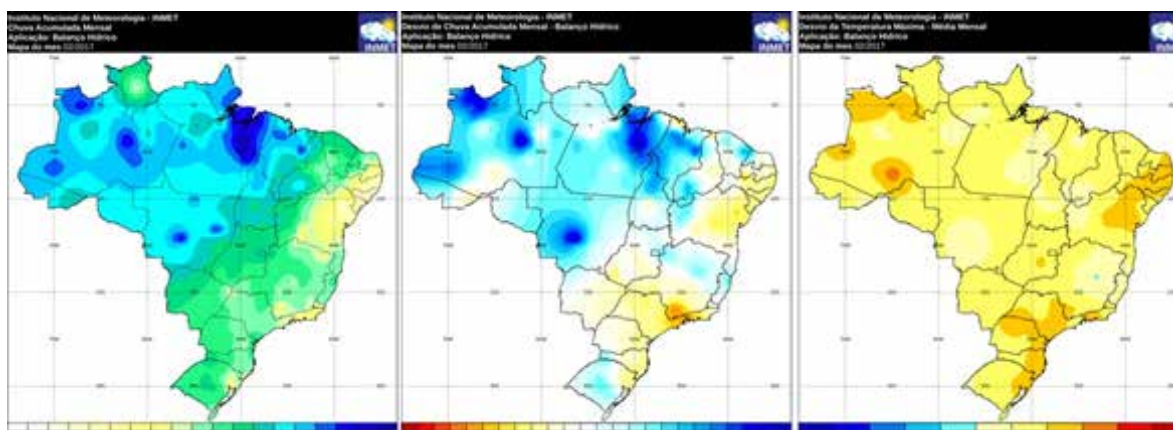
Precipitação de 21 a 31/02/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

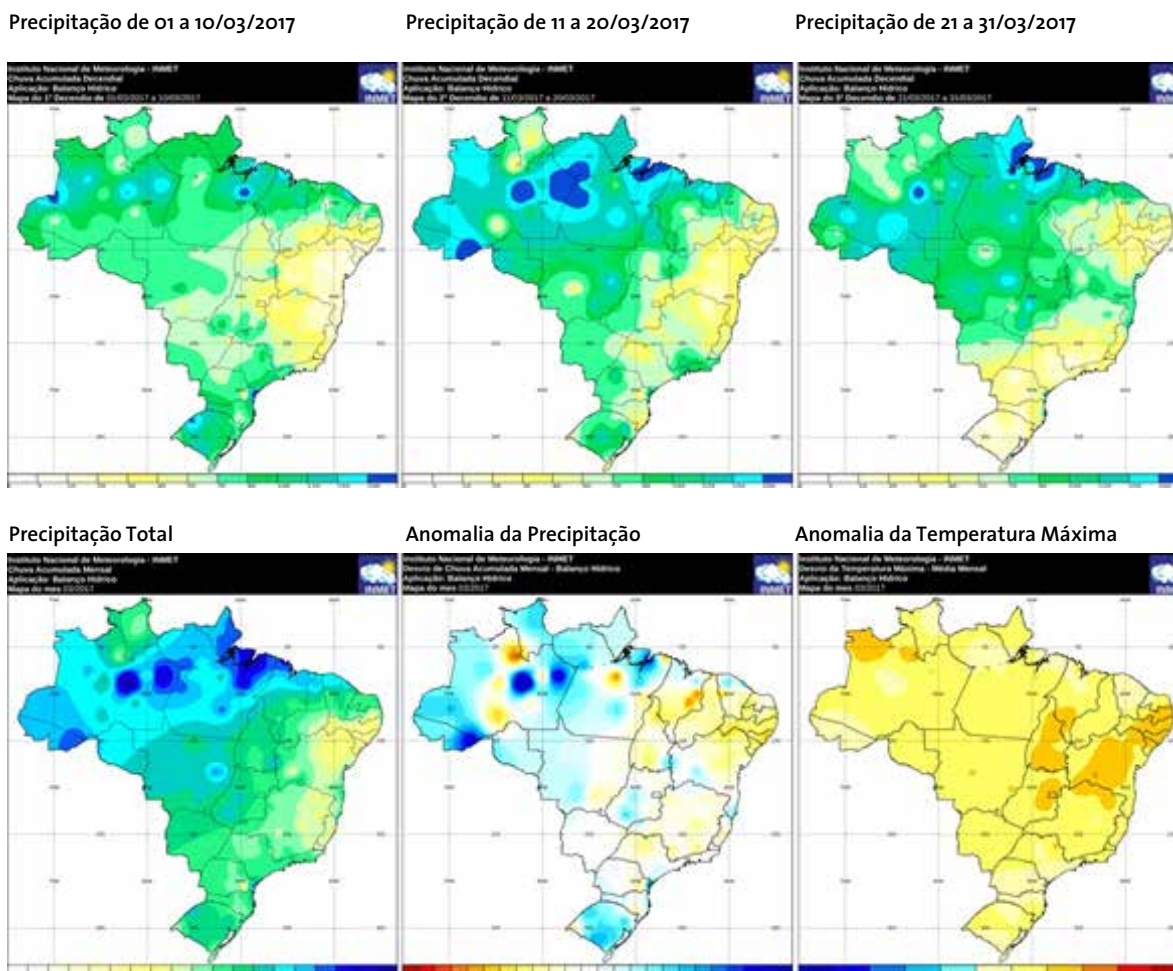
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

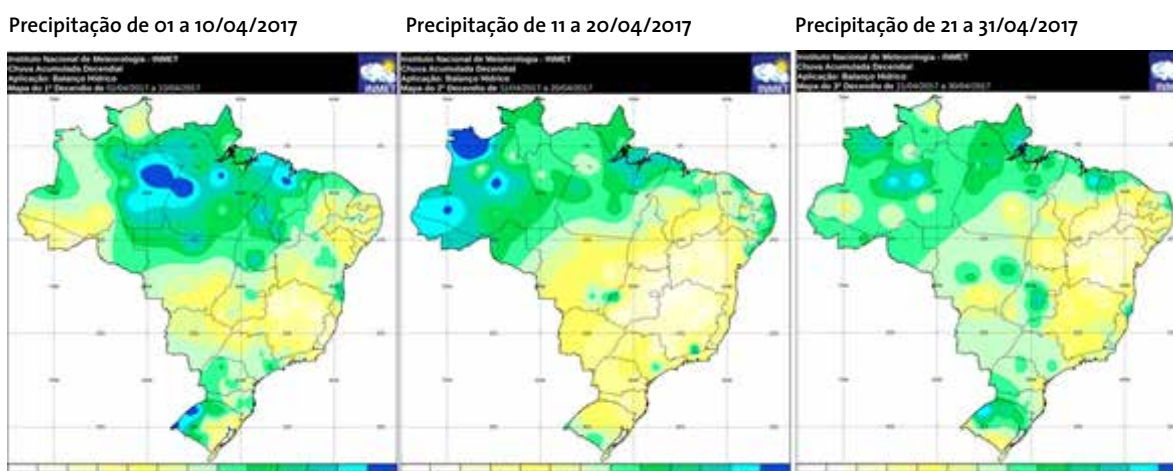


Figura 16 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em março de 2017



Fonte: Inmet.

Figura 17 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2017



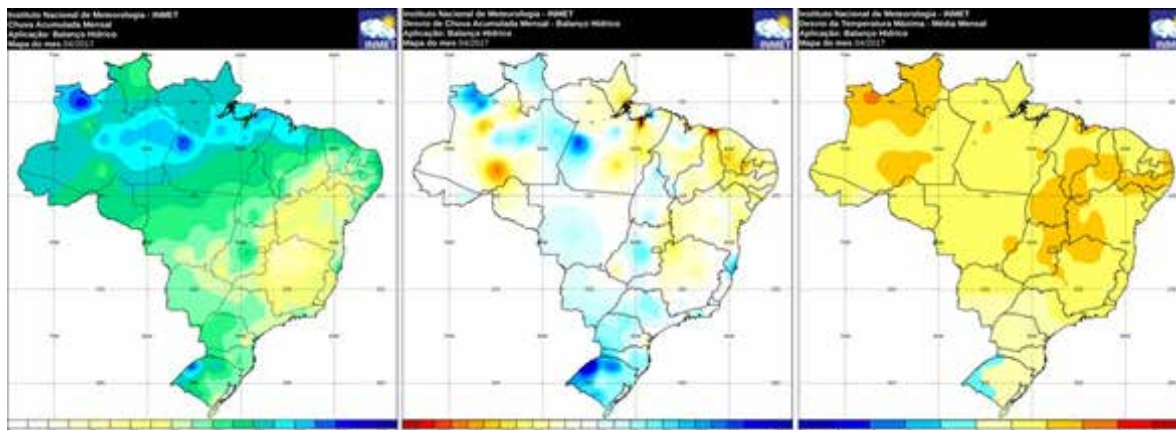
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



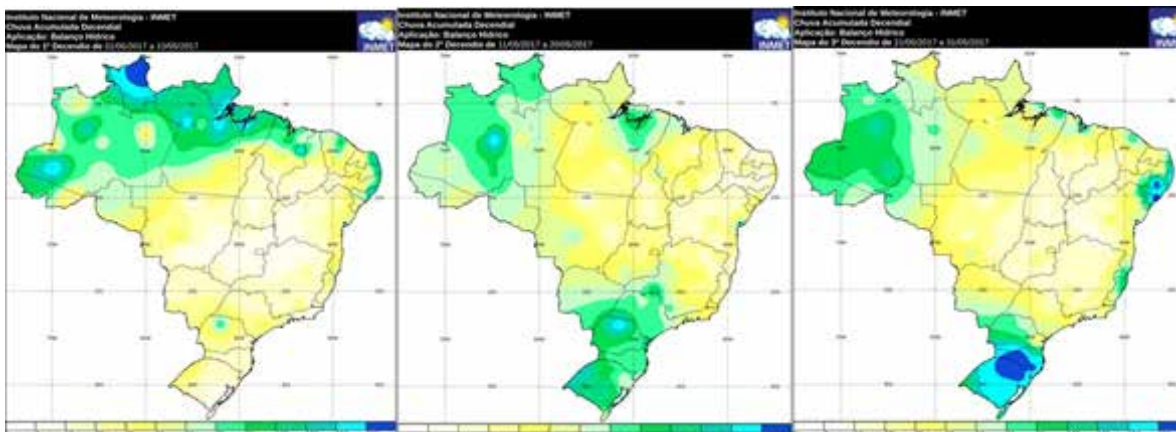
Fonte: Inmet.

Figura 18 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2017

Precipitação de 01 a 10/05/2017

Precipitação de 11 a 20/05/2017

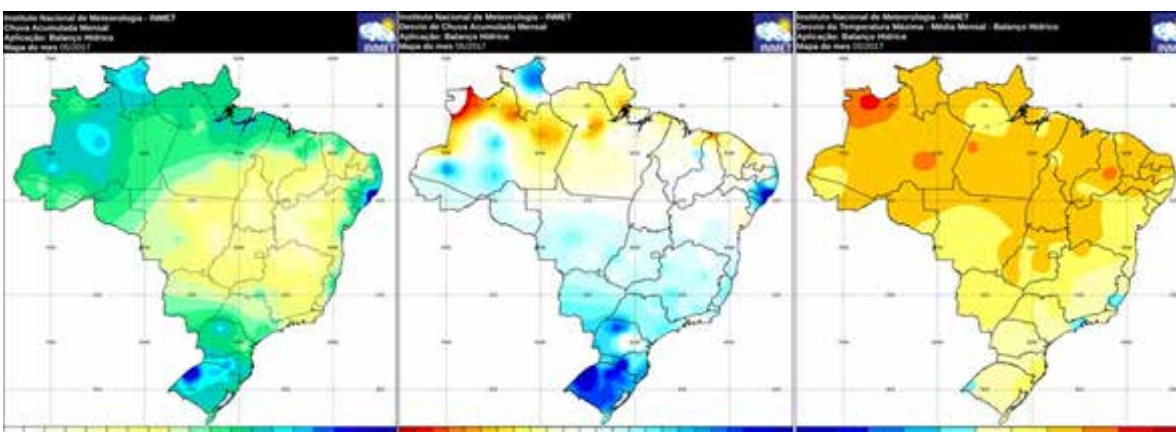
Precipitação de 21 a 31/05/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

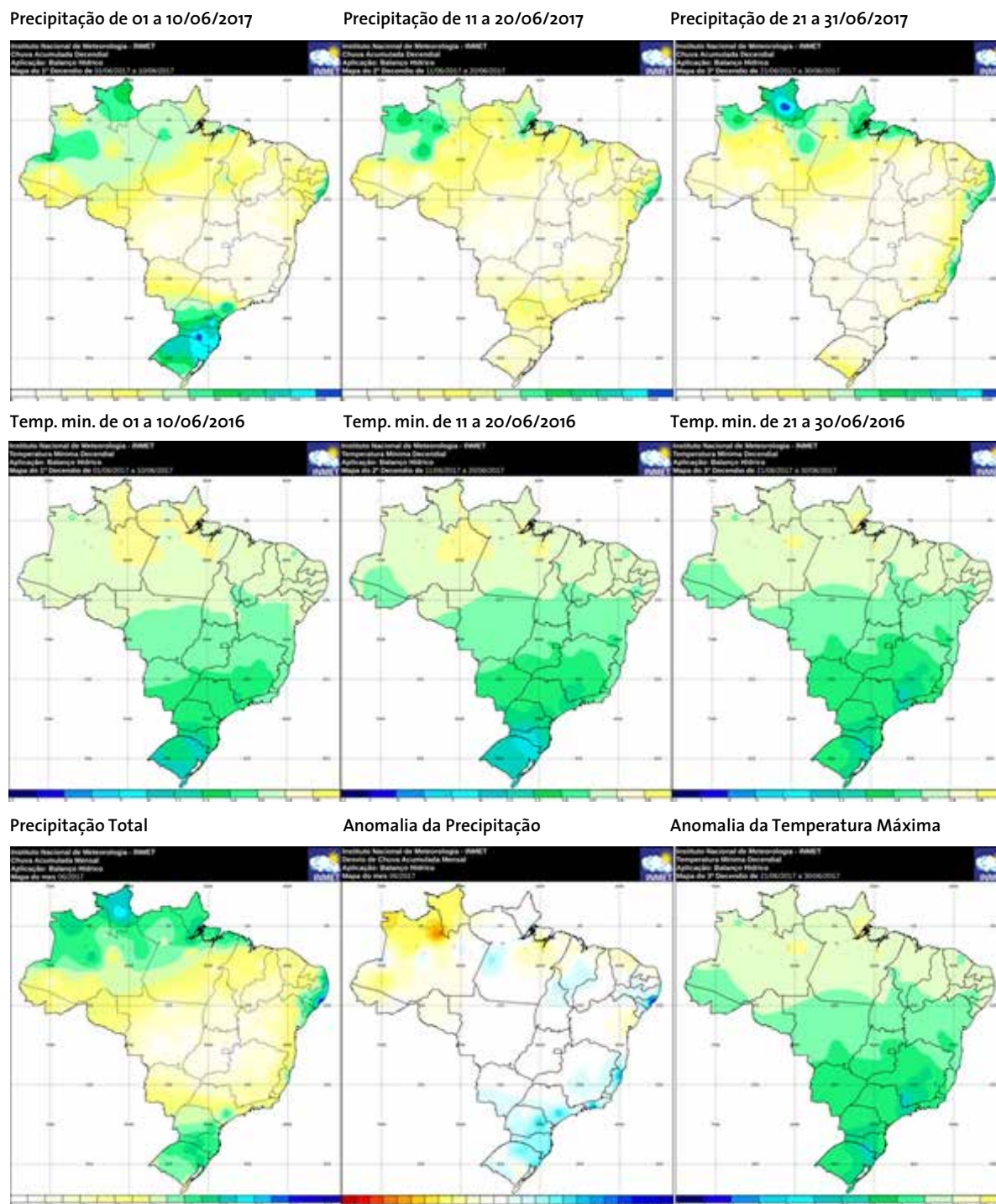
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



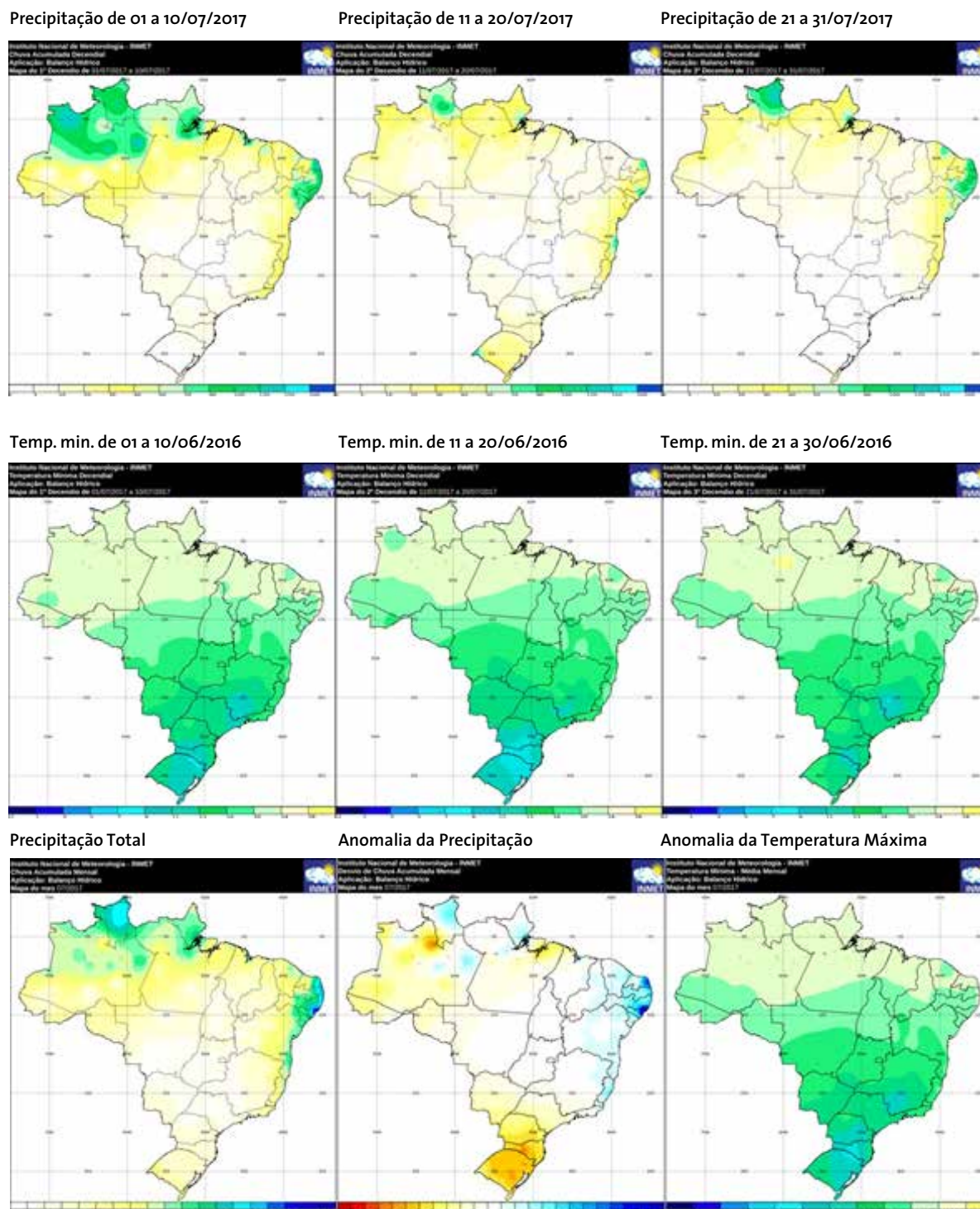
Figura 19 - Precipitação e temperatura mínima média decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em junho de 2017



Fonte: Inmet.



Figura 20 - Precipitação e temperatura mínima média decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média, em julho de 2017



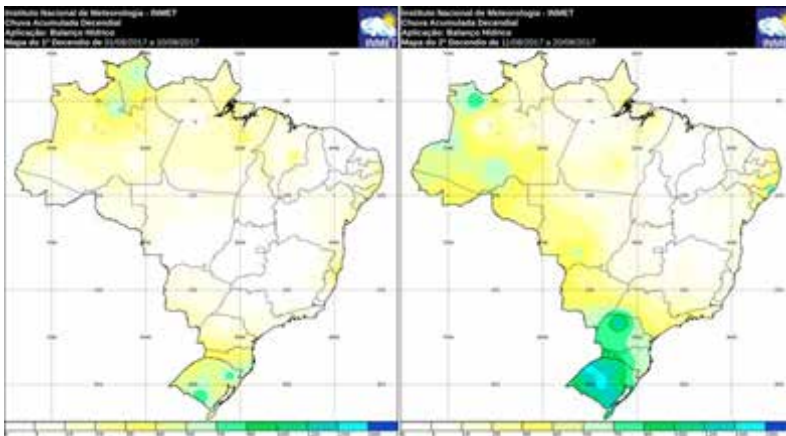
Fonte: Inmet.



Figura 21 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2017

Precipitação de 01 a 10/08/2017

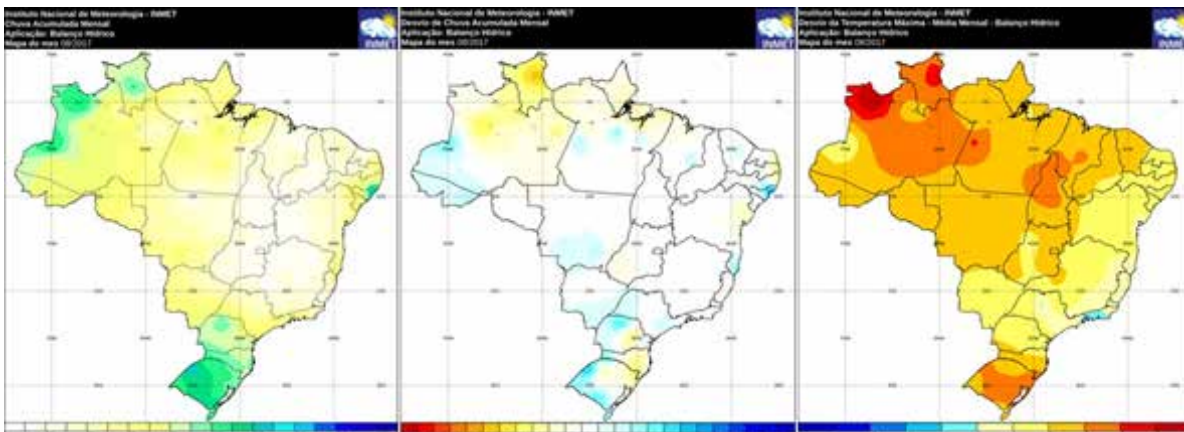
Precipitação de 11 a 20/08/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



8. AVALIAÇÃO POR ESTADO

8.1. MINAS GERAIS

8.1.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As chuvas registradas ao longo de agosto de 2016 contribuíram para a recuperação do estado vegetativo dos cafezais, assim como para a emissão de uma primeira florada nas principais regiões produtoras do estado.

Em setembro de 2016, o clima seco favoreceu a conclusão das atividades de colheita da safra anterior, porém, provocou abortamento de flores na maior parte das regiões. Contudo, uma segunda florada, mais forte, ocorreu entre o final de setembro e o início de outubro, com melhor vingamento.

A continuidade das chuvas nos três últimos meses do ano favoreceu a formação dos grãos de café, entretanto, as plantas apresentaram menor crescimento de ramos e maior raleamento das rosetas resultando em uma carga mais baixa que a da safra anterior. Fato já esperado, visto que 2017 é ano de baixa bienalidade, na maior parte das regiões produtoras, em face do estresse das lavouras resultantes da produção recorde alcançada na safra 2016.

O regime de chuvas no início de 2017, entre janeiro e fevereiro, quando os frutos estavam em sua fase de enchimento de grãos, foi irregular e insuficiente, com precipitações concentradas em curtos períodos, inter-

Figura 22 – Lavoura de café arábica em Minas Gerais



Fonte: Conab.

calados por períodos de longa estiagem. Isso acarretou redução do tamanho do grão e consequentemente em queda de rendimento e qualidade do produto final devido à presença de maior quantidade de grãos chochos, os chamados “café-boia”.

Registrou-se também ocorrência de geadas em alguns municípios, com diferentes graus de intensidade, de forma que algumas lavouras foram fortemente atingidas, ao passo que outras foram afetadas apenas superficialmente.

Ocorrência de chuvas em maio, junho e julho dificultaram a colheita e influenciaram negativamente na qualidade do café em alguns municípios das regiões Sul de Minas, Zona da Mata e Jequitinhonha /Mucuri.

De modo geral, as condições climáticas não foram muito favoráveis à safra de café 2017. A estiagem que atingiu fortemente a maioria das regiões cafeeiras, em janeiro e fevereiro, trouxe prejuízos quantitativo e qualitativo à cafeicultura mineira.

8.1.2. ESTIMATIVA DE ÁREA, RENDIMENTO E PRODUÇÃO

A produção do café em Minas Gerais está estimada em 24,38 milhões sacas na safra 2017. O que sinaliza um recuo da produção cafeeira em 20,7% em comparação à safra 2016 em razão, principalmente, da queda de produtividade e, em menor parte, da redução de área.

A queda de produtividade se deve, basicamente, à bialidade negativa da cultura (na maior parte dos municípios produtores), às más condições climáticas e à incidência de pragas e doenças. Vale ressaltar que

a queda de produção foi minimizada pela produção de uma boa safra de café nas regiões que apresentam inversão da bialidade, tais como: a Zona da Mata Mineira, a Serra da Mantiqueira na região Sul de Minas e a região Noroeste do estado, mais precisamente, o município de Unai.

A área em produção está estimada em 977.665 hectares, redução de 3,2% em relação à safra passada. Resultante da intensificação de podas e erradicação de algumas lavouras.

8.1.3. PARQUE CAFEIRO

O parque cafeeiro de Minas Gerais é formado por aproximadamente 3,9 bilhões de plantas, composto pelas espécies café arábica e conilon, visto que a primeira espécie corresponde a 99% do parque cafeeiro mineiro, enquanto a segunda espécie representa apenas 1%. A produtividade média alcançada pelo café

arábica foi de 24,9 sc/ha enquanto o café robusta produziu, em média, 25,7 sc/ha na safra 2017. O café conilon é cultivado nas regiões do Norte de Minas, Zona da Mata, Rio Doce e Jequitinhonha/Mucuri.



8.1.4. CONDIÇÕES DAS LAVOURAS

Registrou-se ocorrência de bicho-mineiro, ferrugem, cercosporiose, Phoma e broca em várias regiões do estado, visto que a última foi relatada em todas as áreas produtoras, algumas com menor, outras com maior infestação pela praga.

A grande incidência de bicho-mineiro nas lavouras de café contribuiu para a desfolha das plantas, dado ao acentuado depauperamento que se verifica nos cafezais nas diversas regiões do estado, algumas mais, outras menos afetadas.

A ferrugem, a cercosporiose e Phoma foram relatadas em algumas regiões, sem maiores problemas, salvo em alguns municípios pontuais.

As infestações por broca vêm apresentando grande problema no estado, especialmente após 2013, quando o defensivo mais utilizado para o controle da praga foi proibido no país. Desde então, novos defensivos têm sido utilizados, porém, com menor eficácia e maior custo se comparado ao produto anteriormente utilizado, conforme relatos de cafeicultores e extensionistas dos municípios visitados.

Constata-se maior ocorrência da broca nas lavouras onde a colheita é mecanizada e em lavouras onde não são feitos repasses eficientes. Reafirma-se, portanto, a necessidade de recolher os frutos remanescentes do

8.1.5. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS POR REGIÃO

Cerrado mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)

No Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Noroeste de Minas Gerais, regiões que compõem o Cerrado Mineiro, registrou-se significativa incidência de pragas e doenças, com muitos grãos danificados por broca, o que influenciou negativamente na qualidade do produto final. Além disso, verificou-se que em torno de 5% dos grãos apresentavam má formação (café-boia) e baixo crescimento, o que impactou fortemente no rendimento. Tais ocorrências fizeram com que essa safra tenha uma acentuada queda de produção em relação ao levantamento anterior. Destaque-se ainda se tratar de um ano de bienalidade negativa na maioria dos municípios que compõem a amostra, o que já determinaria uma produção inferior ante à safra passada.

Os fitopatógenos presentes na região têm sido controlados com o uso de defensivos químicos, porém,

cafeeiro, inclusive aqueles que se encontram no solo, visando impedir que a praga complete seu ciclo reprodutivo.

É importante frisar que, a broca em sua fase adulta é capaz de percorrer grandes distâncias, o que evidencia o fato de que não basta ao produtor se preocupar apenas com a sua lavoura, é necessário que as demais propriedades ao seu redor também façam o controle.

Em se tratando de manejo, as podas, sobretudo esqueletamento, foram intensificadas nas áreas mais sentidas, mas, em virtude da extensão dos danos, algumas lavouras sofreram podas radicais - recepa. Tem ocorrido também renovação por meio de erradicação de lavouras e plantio em substituição às plantas antigas, além de plantio de novas áreas.

As lavouras novas e aquelas que haviam sido esqueletadas na safra anterior, encontram-se em plenas condições produtivas na presente safra.

No tocante à adubação, de modo geral, os cafeicultores investiram significativamente na presente safra, motivados pela queda nos preços dos fertilizantes, pelos bons resultados alcançados na última safra, pelas perspectivas positivas em relação à próxima e pelos preços remuneradores do mercado de café.

alguns produtos atualmente utilizados não têm proporcionado um controle eficiente das pragas. O controle biológico, apesar de conhecido, ainda não tem sido utilizado em escala significativa na referida região.

Estima-se que 95% da safra na região tenha sido colhida, restando, basicamente, a coleta dos frutos que se encontram no solo (café de varrição), de modo que a colheita deverá se encerrar na primeira quinzena de setembro.

Com a finalização da colheita verifica-se que o índice de lavouras depauperadas está acima do esperado, para uma safra de menor produção devido aos problemas climáticos e fitossanitários.



Região sul e centro-oeste

No sul de Minas se registrou um crescimento de 50,4% na área em formação e uma queda de 5,8% na área em produção. Variações explicadas pela intensificação das podas, realizadas nas lavouras que sofreram mais com os efeitos da alta carga produtiva da safra anterior, ou com os danos provocados pela geada nas áreas atingidas com maior severidade. Tem ocorrido também renovação por meio de erradicação de lavouras e substituição de cafezais antigos, bem como plantio de novas áreas. Ressalta-se, entretanto, que houve limitação na disponibilidade de mudas na região.

No tocante à produtividade média esperada para 2017, no Sul de Minas, as estimativas traçam uma tendência de queda na ordem de 15,6% devido ao esgotamento da planta em decorrência da alta carga produtiva e acentuada desfolha na pós colheita da safra anterior. As lavouras novas e aquelas podadas em 2015, que retornaram à produção na atual safra, apresentaram bom potencial produtivo, entretanto, contribui apenas com uma pequena parcela da área produtiva.

Outro fator que contribuiu com a redução de rendimento foi a ocorrência de pragas e doenças. Em algumas áreas houve incidência de broca, ferrugem tardia, cercóspora e bicho mineiro, apesar do esforço dos

Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri

Nas regiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri, estima-se uma ligeira redução de área em produção em razão de manejo (podas). Houve também queda de rendimento e qualidade, tanto nas áreas de sequeiro como nas irrigadas, o que ocorreu devido a fatores tais como: baixos índices pluviométricos, incidência de pragas e doenças, falta de manejo da cultura e chuvas atípicas.

Na maior parte dos municípios verifica-se que a falta de chuvas regulares e de boa intensidade a partir de meados de janeiro, acabaram por prejudicar o desenvolvimento e o enchimento dos grãos, determinando assim um menor rendimento da cultura de sequeiro.

Nas áreas de cultivo irrigado se observou uma redução drástica na irrigação, chegando a situações extremas, como é o caso registrado no município de Taiobeira, que teve a irrigação suprimida em 305 hectares de lavouras em produção.

Outro fator que influenciou negativamente nos resul-

produtores para manter um controle adequado das lavouras. Tais ocorrências impactaram negativamente a qualidade e o rendimento do produto final.

Na região da Mantiqueira, situada no sul de Minas, a colheita transcorre sem registro de chuvas, o que tem propiciado a obtenção de boas bebidas dos cafés colhidos até o presente momento. Entretanto, em alguns municípios o café beneficiado tem se apresentado, em grande parte, com alta incidência de grãos miúdos (peneira baixa) e com bastante catação, a ponto de os produtores enfrentarem dificuldades para cumprimento dos contratos de venda.

Outro problema enfrentado nessa região é a dificuldade para a colheita do café, visto que as peculiaridades topográficas exigem o aporte intenso de mão de obra, propiciando um descompasso entre as exigências trabalhistas e a capacidade de cumprimento por parte dos cafeicultores.

No que se refere aos tratamentos culturais e ocorrência de pragas e doenças nota-se que, de modo geral, as lavouras estão razoavelmente bem tratadas, apenas com alguma incidência de ferrugem tardia assim como broca, principalmente nas lavouras cuja colheita é mecanizada.

tados foi o prolongamento incomum do período chuvoso, que se seguiu durante maio, junho, julho, até ao início de agosto. Apesar das precipitações registradas neste período contribuir para a recuperação das lavouras, retardou as operações de colheita e provocou a queda dos grãos, resultando em perda de volume e qualidade do café.

Ressalta-se que na maioria dos municípios das referidas regiões prevalecem pequenos produtores e suas lavouras de sequeiro. Nessas, os tratamentos culturais praticamente não ocorrem, sendo raras as práticas de análise e correção de solo, adubação e podas, por exemplo.

Durante o levantamento, em alguns municípios, foram relatadas a presença de broca, bicho mineiro e ferrugem, em boa parte, atribuídos ao atraso ocorrido na colheita. É digno de registro, entretanto, a situação de Ladainha, com registros de ocorrência da ferrugem, em maior escala, e da broca, fato que tem mobilizado a administração do município visando melhorar o manejo fitossanitário.



Região da zona da mata

De forma contrária ao cenário estadual, a região da Zona da Mata registrou um aumento da produtividade em relação à safra anterior. O que se deve à bienalidade positiva das lavouras, à melhoria dos tratamentos culturais e manejo e às condições climáticas favoráveis durante as floradas e no período pós-floradas, na maior parte da região.

A área em produção aumentou 4,6% e a área em formação reduziu 14,4%, quando comparada com a safra passada, em decorrência do retorno de lavouras podadas em safras anteriores. Fator que, somado ao incremento da produtividade, aponta para um aumento de 8,2% na produção em relação à safra anterior.

Com a colheita praticamente encerrada, restando apenas as lavouras localizadas nas regiões mais altas, e o levantamento de café de varrição, os cafeicultores da Zona da Mata foram surpreendidos por uma redução significativa da produção estimada no levantamento anterior. Redução que se deve, em parte, a expectativa de excelentes floradas ocorridas, nas condições climáticas inicialmente ideais e na expectativa da bienalidade positiva dos cafeeiros.

Adversidades climáticas ocorridas no transcorrer da safra também contribuíram para tal quebra. Chuvas

ao longo de maio e junho e o microclima úmido característico da região, além de derrubar grande quantidade de grãos, prejudicaram os trabalhos de beneficiamento do café, com prejuízos à qualidade da bebida.

A despeito da estiagem observada durante o janeiro, destacamos que as condições climáticas deste ano-safra são consideradas favoráveis à cafeicultura e classificadas pelos diversos agentes da cadeia produtiva local como a melhor das últimas quatro safras.

Outro fator que contribuiu para a queda da produção foi o aumento significativo de ataques de broca nas lavouras, com prejuízos ao rendimento da colheita (grãos chochos) e à qualidade final da bebida colhida. Apesar dos entraves, a safra 2017 da região da Zona da Mata é considerada boa.

Observou-se na região, inclusive, um aumento significativo do número de secadores em caixa para café que vem sendo construídos na região da Zona da Mata em razão do seu baixo custo de implantação, do seu manejo simplificado e dos bons resultados operacionais obtidos até o momento, transformando-o em uma boa opção de beneficiamento do café pós colheita, para os pequenos e médios cafeicultores.

Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

Minas Gerais																						
Ano		2016										2017										
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R	R/F	F	F	F/CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva
 Baixa restrição geadas



Figura 23 – Lavoura de café apresentando murchas e escaldaduras foliar no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 24 – Lavoura de café apresentando queda de folha no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 25 – Lavoura de café esqueletada no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 26 – Lavoura de café esqueletada no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 27 – Lavoura recepada no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 28 – Lavoura nova irrigada por pivô em Monte Carmelo-MG



Fonte: Conab.



Figura 29 – Lavoura emitindo florada no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 30 – Lavoura emitindo florada no sul de Minas



Fonte: Conab.

Figura 31 – Lavoura depauperada em Araguari-MG



Fonte: Conab.

Figura 32 – Lavoura com primeira florada em Indianópolis-MG



Fonte: Conab.

Figura 33 – Amostra de café da safra 2017 do cerrado mineiro



Fonte: Conab.

8.2. ESPÍRITO SANTO

A estimativa para a safra de café do Espírito Santo, em 2017, é de 8,83 milhões de sacas de café, sendo o arábica 2,92 milhões de sacas e o conilon 5,91 milhões de sacas, representando, 33,06% e 66,94% da produção total, respectivamente. Tal resultado representa uma diminuição de 1,47% na produção em relação à safra anterior (2016 foi de 8,96 milhões de sacas).

8.2.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

A floração das lavouras de conilon no estado foi irregular em virtude da baixa pluviosidade nesta fase fenológica, acabando por alongar sua duração até novembro em alguns municípios, quando o normal seria setembro. Esse fato, aliado à boa vegetação das lavouras durante o ano e, por isso, a grande quantidade de folhas existentes agora atrasou a colheita, iniciando, na maior parte das lavouras, na segunda quinzena de maio e se estendendo até julho.

A safra informada para 2017 se deve, principalmente, às condições climáticas desfavoráveis atravessadas pelas lavouras de conilon há cerca de três anos e somado a isso, uma florada desfavorável e a bienalidade negativa no arábica neste ano produtivo, haja vista que na safra de 2016 a bienalidade foi positiva.

A seca atravessada nas regiões do café arábica do Espírito Santo, principalmente no último ano, também interferiu na produção desse. A precipitação observada em 2016 foi menor que a média histórica para o estado, tendo ocorrido algumas chuvas em momento que se tornou estratégico para a produção. Porém, a quantidade de frutos na planta para a safra 2017 é, notoriamente, menor que da última, fato que também justifica a diminuição da colheita.



8.2.2. CONDIÇÕES DA CULTURA

A safra do café conilon 2017 ficará em torno de 5,92 milhões de sacas, sendo 17,5% superior que a anterior, que foi de 5,04 milhões de sacas, obtida numa área de 235.415 hectares, com uma população de 526.274 pés de café. A produtividade média está estimada em 25,13 sc/ha.

Apesar de superar a safra de 2016, a baixa expectativa para a safra 2017, com relação ao potencial das lavouras, ocorre devido à seca atravessada no estado nos últimos três anos, que ocasionou uma grande diminuição do parque cafeeiro em produção, passando de 260 mil hectares, para 235,4 mil hectares. Também houve uma florada irregular para a produção deste ano, reflexo das baixas precipitações, ocasionando poucos grãos maduros ao pé que, mesmo tendo granulometria melhor nessa safra, não gerarão grande produção. Entendendo-se ainda esta safra como baixa, pois as lavouras de conilon do Espírito Santo já mostraram

alcançar produção em torno de 10 milhões de sacas (2014: 9,95 milhões de sacas).

Com uma menor quantidade de chuva e menos água em reservatórios, córregos, rios e barragens, as adubações ficaram comprometidas, refletindo também na produção abaixo do potencial estadual.

As plantas de conilon vinham de um grande desgaste nos últimos três anos, que ocasionaram grande desfolha, baixo crescimento de ramos e com uma florada menor este ano, ou seja, menos “dreno” no período de produção. As poucas chuvas que vieram entre setembro e dezembro de 2016 favoreceram uma acelerada vegetação das lavouras, que lançaram muitas folhas e projetaram boa copa. As novas folhas auxiliam na produção de grãos de melhor qualidade e de melhor peneira, principalmente quando comparado à safra de 2016.

Figura 34 – Amostra de grãos de café da safra 2016 e 2017



Fonte: Conab.

A produção de café arábica ficará em torno de 2,92 milhões de sacas, inferior em 25,7% com relação à safra passada, que foi 3,93 milhões de sacas, colhida em uma área de 150.123 hectares, com uma população de 513.053 pés e uma produtividade média de 19,45 sc/ha. Com a alta produção de 2016, já seria esperado uma diminuição de safra para 2017 em virtude da bienalidade, que pode atingir queda entre 20 e 30% em relação ao ano anterior.

Para essa variedade de café há a ocorrência de um fenômeno bem conhecido por seus produtores, a bienalidade. Esse evento é caracterizado pela alternância anual de altas e baixas produtividades, sendo comumente atribuída à diminuição das reservas das

plantas em anos de safra com altas produtividades, o que faz com que, em virtude do menor crescimento dos ramos plagiotrópicos, a produção no ano seguinte seja baixa, e nem mesmo a prática da irrigação é capaz de modificar este comportamento. Isso é em razão da ocorrência simultânea em um mesmo ramo da planta das funções vegetativas e reprodutivas. Como a planta do café não consegue produzir reservas suficientes para frutificação e crescimento ao mesmo tempo, em um ano as reservas são utilizadas para os frutos, o que aumenta a produtividade. Porém, neste ano, não há alimento suficiente para o crescimento dos ramos, fazendo com que a produção de frutos seja baixa no ano seguinte.



Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo																					
Ano	2016												2017								
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.
 ** maior concentração na região norte.

■ Favorável

■ Baixa restrição
falta de chuva

■ Média restrição
falta de chuva

■ Baixa restrição
geadas

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo																					
Ano	2016												2017								
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.
 ** maior concentração na região sul.

■ Favorável

■ Baixa restrição
falta de chuva

■ Média restrição
falta de chuva

■ Baixa restrição
geadas

8.3. SÃO PAULO

8.3.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas, principalmente nas regiões norte e noroeste do estado, nos últimos meses favoreceram a colheita de café, que atualmente já se encontra praticamente todo colhido. No momento, cerca de 96% da safra foi colhida, restando apenas 4%.

Os dados do estado indicam que a área do café arábica teve ligeira redução em relação à safra anterior, entretanto, o estado deverá ter uma redução expressiva de produtividade na safra atual. Os dados consolidados apontam para uma redução de 28,06% na produtividade e de 28,23% na produção, ou seja, uma redução de 1.702,7 mil sacas de café beneficiadas, quando comparada ao ano anterior.

Havia até uma expectativa que nesse levantamento poderia haver um ligeiro aumento na produção em razão da recuperação que as lavouras vinham apresentado, entretanto com o surgimento da broca-do-café, essa previsão não foi confirmada.

As expectativas do segmento são de aumento na quebra do grão entre 10% a 15%, por conta dessa praga, que está se instalando nas lavouras. Devido à parte dos grãos que foram colhidos estarem miúdos e deformados, são necessários mais grãos de café para o enchimento de uma saca, razão da redução da pre-

sente safra.

A safra de café 2017 está quase encerrada e a tendência é que grande parte desse café tenha uma bebida de menor qualidade. Tal fato se deve à infestação da broca-do-café. Aqueles talhões que não foram afetados por essa praga proporcionaram um café de boa qualidade.

A primeira florada normalmente ocorre na primavera, entre setembro e novembro. Entretanto, pode ocorrer mais de uma florada, dependendo das características da planta, bem como fatores ambientais como radiação solar, temperatura, disponibilidade de água, entre outros. O número de flores depende da quantidade de nós (locais de onde partem novos ramos e folhas) dos ramos laterais formados no período de crescimento anterior (setembro a maio). Há de se levar em conta também, que após o período de floradas é muito importante que haja uma continuidade das chuvas para que a planta não aborte o chumbinho.

Uma característica dos cafeeiros é de produções alternadas, ou seja, um ano de alta produção e outro seguinte de baixa produção, denominados ciclo de biennialidade. A safra 2017 está em ciclo de baixa produção e, em razão disso, haverá uma significativa redução no



Figura 35 - Café em floração no Espírito Santo do Pinhal-SP



Fonte: Conab.

Figura 36 - Café em floração no Espírito Santo do Pinhal-SP



Fonte: Conab.

Figura 37 - Café em início de florada em Franca-SP



Fonte: Conab.

Figura 38 - Café em início de florada em Franca-SP



Fonte: Conab.



montante a ser produzido. A planta, em razão do alto estresse sofrido no período anterior, de alta produção, tem sua performance bastante reduzida, ocasião em que os produtores aproveitam para praticar podas extensivas em suas lavouras, objetivando o ciclo seguinte. Esse ciclo diminui a oferta do produto, exigindo estocagem e carregamento de uma safra para outra.

Outro fator adverso foi que os cafezais também foram afetados pelas geadas no meio do ano passado, as quais acarretaram grande redução na produção dessa safra. Ainda há que se considerar que muitas lavouras já são consideradas muito antigas, com espaçamentos pouco usuais, com necessidades de renovação, novos plantios, bem como novas variedades, mais produtivas e resistente à infestação de pragas.

O segmento cafeicultor paulista, aproveitando que esta safra (2017) é de ciclo de baixa produção, em face da bialidade negativa, implementou aproximadamente 30% de podas em suas lavouras. Isso significa que tivemos safra zero nesse percentual de lavouras que passaram por esse processo.

Os tipos mais comuns de poda em São Paulo é o esqueletamento, o decote e o desponte. O esqueletamento é feito com o corte dos ramos laterais do cafeeiro, deixando-os com tamanhos aproximados entre 30 e 40 cm. Preserva-se o esqueleto central constituído do tronco e dos ramos, que serão responsáveis pela produção. Desses ramos, brotarão outros, recompondo toda a estrutura produtiva da planta. A principal característica dessa poda é uma boa recuperação da planta em um ano, que fica sem produzir apenas uma safra.

O decote é uma poda alta, feita acima de 1,5m com o objetivo de diminuir a altura das plantas para facilitar a colheita. Já o desponte é uma poda lateral, similar ao

esqueletamento, com a diferença de que é realizada mais distante do tronco, em torno de 60 cm a 70 cm. Serve para estimular a emissão de ramos produtivos secundários e terciários, graças ao aumento da área produtiva da planta.

Devido às condições adversas que essa safra sofreu ao longo de seu desenvolvimento, existem registros que, em algumas regiões produtoras do estado, teremos cafés miúdos e com bebida fraca. A estiagem afetou a produção justamente no momento de enchimento de grãos dos frutos.

Outro fator determinante foi a alta incidência de broca nas lavouras, o que tem trazido bastante preocupação com aqueles segmentos envolvidos com o mercado. Há relatos de incidência de broca em quase todas as regiões produtoras de São Paulo.

A broca do café, de difícil erradicação, tem causado muito transtorno aos produtores de café. Depois que elas penetram no caroço, torna-se bastante difícil qualquer tentativa de controle por parte do produtor. Penetrando no fruto, essa praga se alimenta do caroço e realiza seu ciclo, ou seja, coloca os ovos, que se tornarão larvas mais tarde e, posteriormente se tornam insetos adultos.

Os grãos de café brocados se apresentam perfurados total ou parcialmente na parte interna do grão. Os orifícios de entrada da praga normalmente se localizam na parte da coroa. Ao se alimentar, o inseto acaba abrindo galerias nos frutos, possibilitando também a infecção por fungos, que provocam o apodrecimento dos frutos. Os cafeicultores estão com dificuldades, no que se refere ao controle desta praga. Outros inseticidas que atuam contra essa praga não apresentam a mesma eficiência, além de serem considerados de alto custo pelos produtores.

Figura 39 - Cafezal em Ribeirão Preto-SP



Fonte: Conab.



Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo																
Ano	2016							2017								
Meses	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável.

*** impactos pontuais por excesso de chuva.

**** restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	---	---	---

8.4. BAHIA

8.4.1. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura na Bahia segue a característica do agromercado baiano, com a estratificação do perfil dos produtores quanto ao emprego da tecnologia disponível no mercado agrícola. Há produtores cujo o cultivo é irrigado, com a colheita e as operações agrícolas estritamente mecanizadas, há produtores que mecanizam algumas etapas das práticas agrícolas e outros produtores que empregam o uso da agricultura familiar, com reduzida mecanização.

A grande variação nas características abrange também os aspectos edafoclimáticos, havendo cultivos em região de litoral, região de elevada altitude, região de caatinga e região de cerrado. Com essas diferentes características é possível produzir cafés de bebida estritamente mole até cafés de bebida dura, com produtividades variando de 2 a 50 sc/ha.

A região produtora, denominada de atlântico, está localizada na Mesorregião Sul, fronteira com o Espírito Santo e banhada pelo Oceano Atlântico. A produ-

ção se baseia no cultivo de café conilon em condição de sequeiro e irrigado, favorecido pela baixa altitude e com chuvas distribuídas ao longo do ano.

A região produtora, denominada de cerrado, está localizada na Mesorregião Extremo Oeste. A produção se baseia no cultivo de café arábica em condição irrigada, favorecido pelos solos profundos. As chuvas predominantes ocorrem na primavera e verão, e as temperaturas típicas de ambientes tropicais criam condições para produção de cafés de bebida dura e mole

A região produtora denominada de planalto, está localizada na Mesorregião Centro-Sul e Centro-Norte. A produção se baseia no cultivo de café arábica em condição de sequeiro, com poucas áreas irrigadas. As chuvas predominantes ocorrem na primavera e verão, e a produção é favorecida pelo clima de altitude, com temperaturas amenas que criam condições para produção de cafés de alta qualidade

8.4.2. RESUMO DA PRODUÇÃO

A produção de café para esta safra, na Bahia, está estimada em 3.361 mil sacas beneficiadas, sendo 981 mil sacas da espécie arábica e 2.380 mil sacas da espécie conilon. A área total cultivada (em produção e em formação) está estimada em 154.567 hectares.

Comparando a safra atual com a passada, a área cul-

tivada sofreu redução de 4,7%, sendo a cultura do café substituída pela lavoura de grãos, de fruteiras tropicais e pastagens. As estimativas apontam para o crescimento de 69,4% dos rendimentos e 60,3% da produção, esta elevação é atribuída à recuperação das lavouras de café conilon.



8.4.3. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

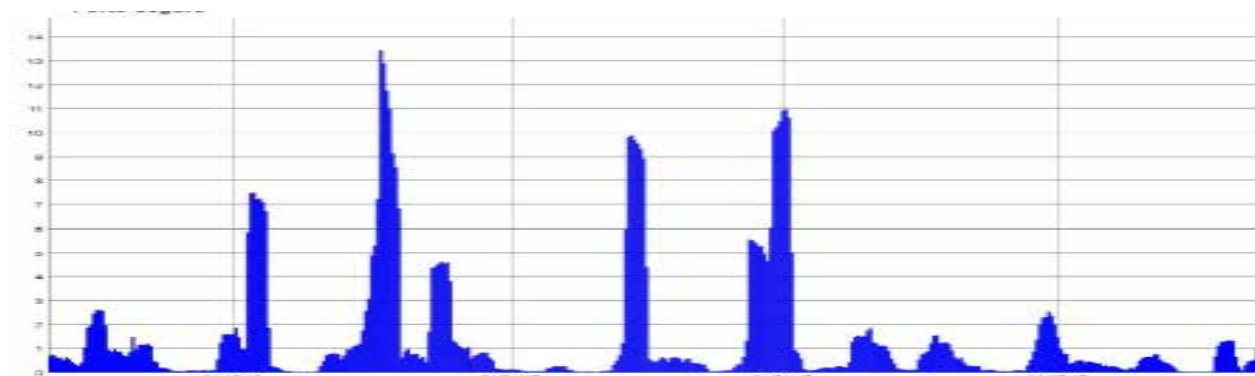
Diversos fatores influenciam a produtividade e a qualidade do grão de café, mas os elementos climáticos possuem grande relevância nesse aspecto e, por isso, destacaremos a importância de precipitação, temperatura máxima e mínima.

Estudos da Embrapa (2009) demonstram que as temperaturas médias entre 18 e 22°C e precipitações entre 600 e 1.500 mm configuram ambientes propícios para a produção do café, obtendo-se as melhores qualidades de bebida em ambientes mais frios, cuja a maturação dos frutos é mais lenta. Temperaturas acima de 26°C aceleram o ciclo reprodutivo, antecipando a maturação dos frutos e acima de 30°C prejudicam o desenvolvimento dos botões florais, provocando má

formação dos frutos e aborto de flores e frutos novos. Nas figuras a seguir está ilustrada a evolução de precipitação total da temperatura máxima, média e mínima de agosto de 2016 a setembro de 2017 nas principais microrregiões produtoras de café.

No Gráfico 1 se observa a distribuição das chuvas na Microrregião de Porto Seguro (região atlântico) de agosto de 2016 a setembro de 2017, com registros superiores a 1.200 mm. A boa regularidade das chuvas durante todo o ano, desde a fase de floração em agosto de 2016 e durante o enchimento e maturação dos frutos de café não havendo restrição hídrica, propicia ótimas produtividade de café conilon.

Gráfico 21 - Média dos registros pluviométricos das estações meteorológicas localizadas na microrregião de Porto Seguro, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017

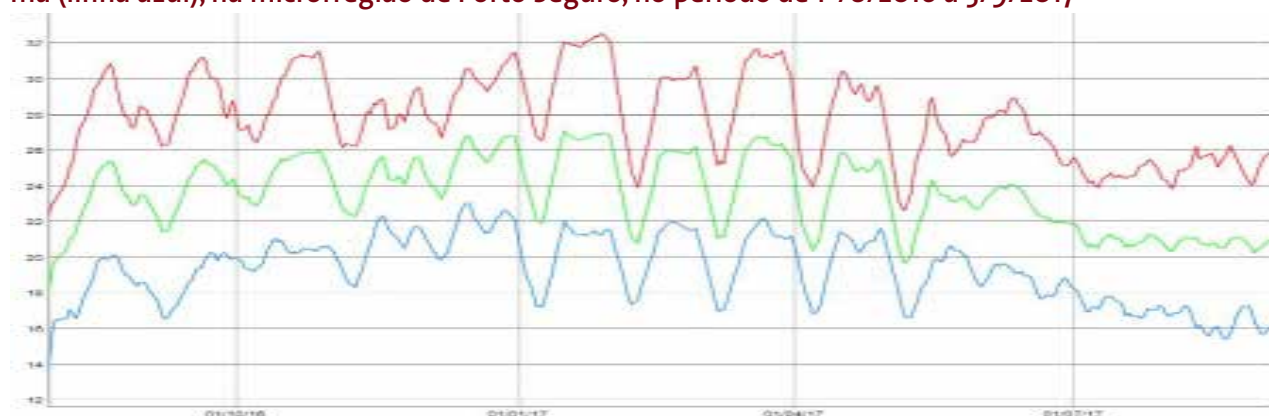


Fonte: AgriTempo.

No Gráfico 2 se observa a evolução das temperaturas máximas, médias e mínimas na Microrregião de Porto Seguro (Região Atlântico) de agosto de 2016 a setembro de 2017. As temperaturas médias oscilaram de 19 a 27 oC, com máximas de até 33 oC e mínimas de até 14 oC. Tais condições de temperatura influenciaram

positivamente na qualidade fisiológica das plantas, aumentou o percentual de pegamento dos frutos e garantiu maior massa e qualidade aos grãos formados. As temperaturas amenas retardam a velocidade de formação e amadurecimento dos frutos de café.

Gráfico 22 – Média dos registros de temperatura máxima (linha vermelha), média (linha verde) e mínima (linha azul), na microrregião de Porto Seguro, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017



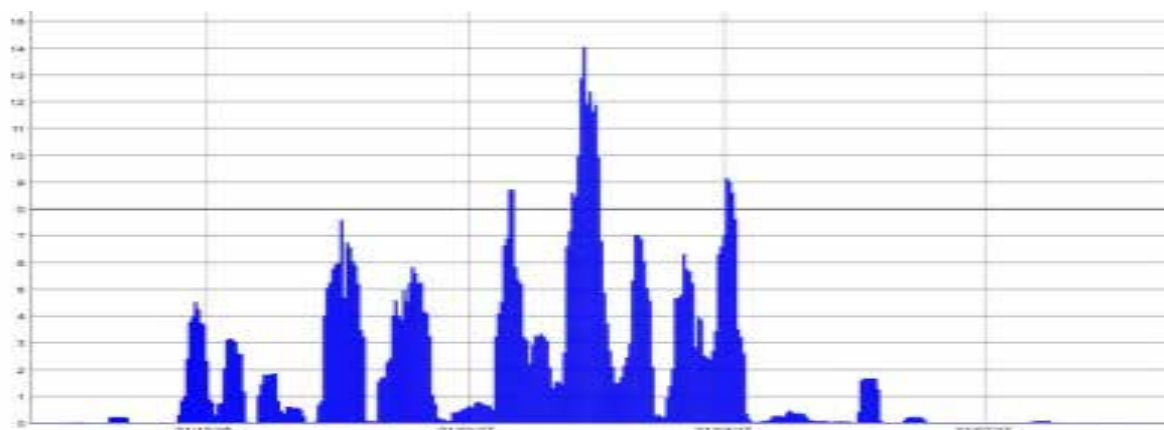
Fonte: AgriTempo.



No Gráfico se observa a distribuição das chuvas na Microrregião de Barreiras (Região Cerrado) de agosto de 2016 a setembro de 2017, com registros de cerca de 800 mm. As chuvas foram concentradas de outubro de 2016 a abril de 2017. Houve restrição hídrica na época da floração em agosto de 2016 e na fase final de

maturação em maio e junho de 2017. Apesar de 100% dos cultivos nessa região serem irrigados, foram observados impactos na produtividade, principalmente pelo abortamento de flores e redução na massa dos grãos.

Gráfico 23 – Média dos registros pluviométricos das estações meteorológicas localizadas na microrregião de Barreiras, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017

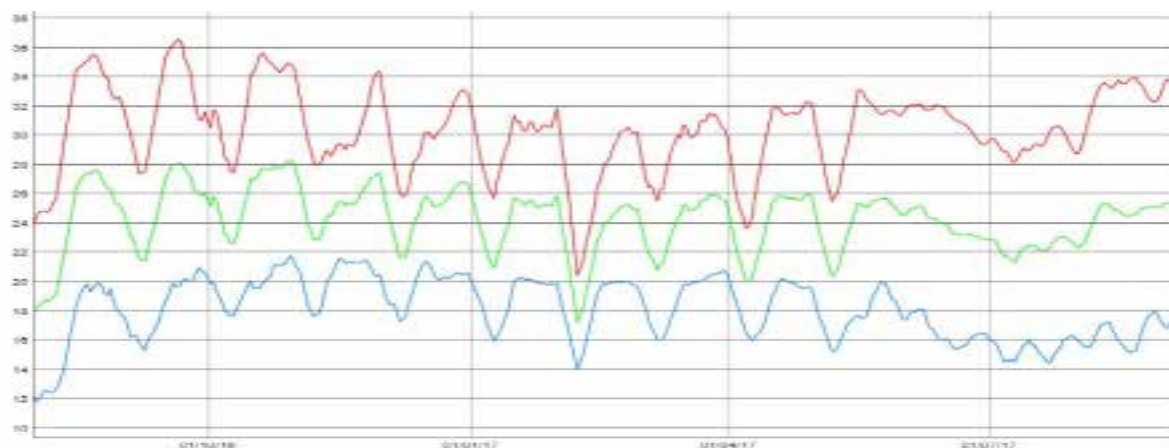


Fonte: Agritempo.

No Gráfico se observa a evolução das temperaturas máximas, médias e mínimas na Microrregião de Barreiras (Região Cerrado) de agosto de 2016 a setembro de 2017. As temperaturas médias oscilaram de 17 a 28 °C, com máximas de até 37 °C e mínimas de até 14

°C. Os picos acentuados de temperatura, aliada à baixa umidade relativa do ar em de setembro de 2016, reduziu o potencial de pegamento das flores devido às escaldaduras ocorridas e ao estresse fisiológico.

Gráfico 24 – Média dos registros de temperatura máxima (linha vermelha), média (linha verde) e mínima (linha azul) das estações meteorológicas localizadas na microrregião de Barreiras, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017



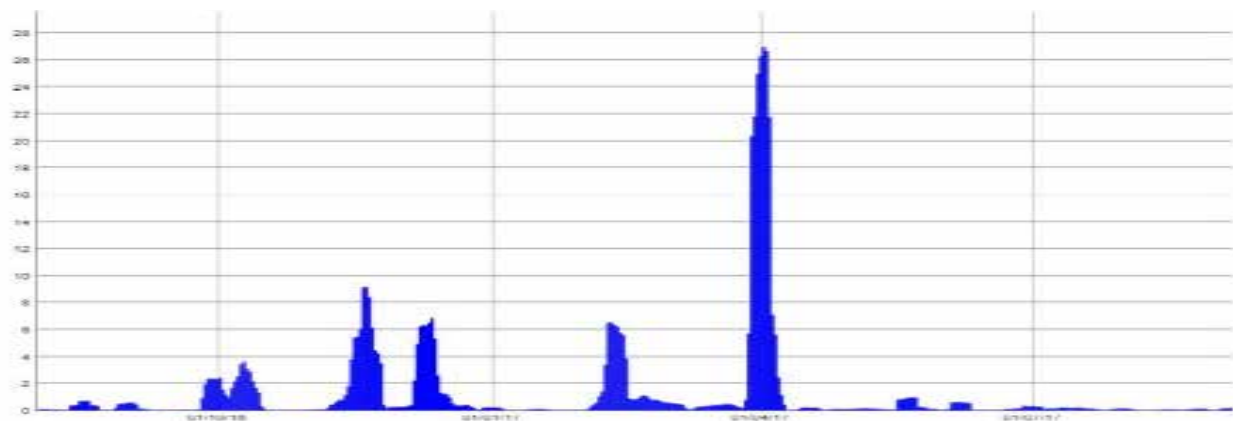
Fonte: Agritempo.



No Gráfico se observa a distribuição das chuvas na Microrregião de Vitória da Conquista (Região do Planalto) de agosto de 2016 a setembro de 2017, com registros de cerca de 650 mm. As chuvas foram irregulares

e mal distribuídas, prejudicando o florescimento que ocorreu de forma irregular e com baixa intensidade. A falta de chuva também prejudicou o enchimento dos grãos, comprometendo a produtividade das lavouras.

Gráfico 25 – Média dos registros pluviométricos das estações meteorológicas localizadas na microrregião de Vitória da Conquista, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017



Fonte: Agritempo.

No Gráfico se observa a evolução das temperaturas máximas, médias e mínimas na Microrregião de Vitória da Conquista (Região do Planalto) de agosto de 2016 a setembro de 2017. As temperaturas médias oscilaram de 18 a 27 °C, com máximas de até 34 °C e

mínimas de até 12 °C. As temperaturas amenas registradas retardam o processo de amadurecimento dos frutos de café e aumentou a qualidade de bebida dos grãos colhidos.

Gráfico 26 – Média dos registros de temperatura máxima (gráfico vermelho), média (gráfico verde) e mínima (gráfico azul) das estações meteorológicas localizadas na microrregião de Vitória da Conquista, no período de 1º/8/2016 a 5/9/2017



Fonte: Agritempo



8.4.4. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

Atlântico

Embora as condições climáticas tenham favorecido a produtividade e a qualidade do café, estas também favoreceram o desenvolvimento da ferrugem e cercosporiose que promoveram uma acentuada queda de folha na microrregião de Teixeira de Freitas, na fase de pós-colheita. Foi registrado a presença de broca da haste em toda a região do Atlântico, mas sem com-

Cerrado

A infestação do bicho mineiro estava sobre controle durante o período chuvoso, mas com a estiagem e temperatura elevada houve intensa infestação da referida praga, causando danos significativos em di-

Planalto

A irregularidade das precipitações e as altas temperaturas potencializaram a vulnerabilidade das plantas e permitiram a ocorrência de fungos e bactérias. Observou-se a incidência do bicho mineiro em lavouras

prometimento da produtividade.

A cochonilha da roseta está aparecendo gradativamente, em reboleiras, em quase todas as lavouras, demandando monitoramento e controle, para minimizar a disseminação pelos campos de cultivo de café conilon.

versas lavouras. A melhor eficiência no controle foi obtida com a alternância de inseticidas sistêmicos e de contato. Não houve relato de infestações de outras pragas e doenças.

da microrregião de Vitória da Conquista. No entanto, convive-se com este problema fitossanitário através da utilização de controle químico, sem danos econômicos significativos.

8.4.5. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

Atlântico

Com a colheita finalizada, estima-se a produção de 2.380 mil sacas beneficiadas, em 46.770 hectares, com a produtividade de 50,89 sc/ha (Tabela 3).

A colheita foi iniciada em maio e finalizada em julho. A maturação dos frutos de café foi uniforme, fruto da tecnologia utilizada, destacando-se a utilização dos clones em linha e a utilização de irrigação em 40% dos campos de café.

A safra atual em relação à safra passada teve retração de 1,9% da área colhida, e crescimento de cerca de 180% da produtividade e da produção. A safra passada, sofrida com a escassez da chuva rendeu somente 18 sc/ha. Nessa safra as perspectivas iniciais de boas chuvas sinalizavam o rendimento de 36 sc/ha, elevada para 40,37 sc/ha devido à ótima granação dos frutos de café. Com a colheita e beneficiamento da safra,

constatou-se a excepcional formação dos grãos de café, com densidade e qualidade, que renderam a média produtiva de 50,89 sc/ha (Gráfico 1). O bom clima, a bienalidade positiva, a suplementação de irrigação em 40% das áreas e o empenho dos produtores foram fundamentais para a colheita de uma safra recorde.

É possível observar que o cultivo do café conilon está em plena expansão na região. A área cultivada na safra 2013 estava estimada em 29.434 hectares, e na safra atual chegou a 49.121 hectares, representando o crescimento de 67% em cinco anos. No mesmo período a produção saltou de 723 mil sacas para 2.380 mil sacas, representando o crescimento de 230%.

Em toda a região estima-se que haja 2.351 hectares de lavouras em formação, dentre lavouras novas e podadas, que entrarão em produção nos próximos anos.



Figura 40 – Novas áreas de lavoura de café conilon em Valença-BA



Fonte: Conab.

Cerrado

Com a colheita finalizada, estima-se a produção de 291 mil sacas beneficiadas, em 9.670 hectares, com a produtividade de 30,09 sc/ha. Os cafés colhidos estão em fase de beneficiamento.

Afetado pela longa estiagem ocorrida de abril a outubro de 2016, a florada foi abaixo do desejado, e apesar de possuir lavouras irrigadas e mecanizadas, a eficiência produtiva é desuniforme, encontrando-se propriedade com rendimentos de 55 a 10 sc/ha, e produtores erradicando as lavouras e substituindo pelo cultivo de grãos. O principal motivo para tal heterogeneidade é a severa infestação do bicho mineiro, cujo o ciclo de vida é favorecido pelas altas temperaturas e o microclima criado nas áreas irrigadas. Na expectativa do melhor convívio com as pragas, alguns produtores têm manejado a lavoura deixando as ruas vegetadas, buscando o equilíbrio das populações entre os insetos que promovem controle biológico.

Com a colheita finalizada, já foram iniciadas as ações para o preparo da próxima safra, tais como, podas e adubação. A safra atual em relação à safra passada

teve retração de 14,6% da área colhida, 15,8% da produção e 1,4% da produtividade. A safra passada e a atual sofrem os impactos negativos da severidade do clima e da escassez das chuvas, com rendimentos na ordem de 30 sc/ha, muito abaixo do desejável, 40 sc/ha obtidas na safra 2012.

Observa-se uma tendência de queda da área cultivada e da produção na região do cerrado. A área cultivada na safra 2013 estava estimada em 14.911 hectares, e na safra atual chegou a 13.020 hectares, representando retração de 13% em cinco anos. No mesmo período, a produção recuou de 399 mil sacas para 291 mil sacas, representando a queda de 27%. A dificuldade com o controle do bicho mineiro, a necessidade de irrigação e as incertezas climáticas podem estar levando o produtor a optar por culturas anuais.

Estima-se a erradicação de cerca de 1.100 hectares que foram substituídas pela lavoura de grãos, sendo cultivado nessa safra 13.020 hectares de café arábica, sendo 9.670 hectares em produção e 3.350 hectares em formação.



Figura 41 – Manejo do cafezal com permanência de ruas vegetadas buscando a maior eficiência no controle do bicho mineiro em Cocos-BA



Fonte: Conab.

Planalto

Nessa região a estimativa é de produção de 690 mil sacas beneficiadas, em 85.201 hectares com a produtividade de 8,10 sc/ha. A safra atual, em relação à safra passada, teve retração de 7,9% da área colhida, 25,5% da produção e 19,1% da produtividade e estima-se nesta safra a área cultivada de 92.426 hectares de café arábica, sendo 85.201 hectares em produção e 7.225 hectares em formação (Tabela 8). Nas últimas cinco safras, a produtividade foi igual ou inferior a 10 sc/ha, sofrendo os impactos negativos da severidade do clima e da escassez das chuvas, não conseguindo atingir e superar os rendimentos da safra de 2010, na qual foi obtida o rendimento de 12 sc/ha.

É possível observar uma leve queda da área cultivada. A área cultivada na safra 2013 estava estimada em 102.660 hectares, e na safra atual chegou a 92.426 hectares, representando retração de 10% em cinco anos. No mesmo período a produção saiu de 681 mil sacas para 690 mil sacas, representando aumento de 1%. Mas, nesse período houve oscilações na produção, típico da bienalidade e das incertezas hídricas.

O aumento da área em formação nas microrregiões da Chapada Diamantina (5,3%) e de Vitória da Conquista (14,9%) está associado à renovação de cafezais com idade elevada e podas de formação em face da expectativa da normalização das condições climáticas.

Os cafeicultores que possuem grandes áreas de cultivo e maior capacidade de investimento estão empregando melhores tratamentos culturais, adensamento das plantas, mecanização, de modo a reduzir os custos e aumentar os rendimentos. No entanto, os pequenos e médios produtores, com menor capacidade de investimento sofrem com o impacto da bienalidade nega-

tiva, da irregularidade das precipitações, do manejo inadequado, o que contribui para a falta de uniformidade das lavouras cafeeiras e os baixos rendimentos. A severidade das condições climáticas nas últimas safras tem sido um grande entrave à manutenção de uma boa produtividade. A irregularidade das chuvas gerou uma safra atípica, com baixas floradas de setembro a janeiro e ocorrência de floradas tardias em março, sendo possível encontrar no campo frutos maduros, frutos verdes e flores. Deve-se lembrar que a colheita precoce do café compromete a qualidade da bebida.

Na microrregião de Brejões, tem-se observado o abandono de lavouras e o aumento da erradicação de áreas de café. Sobre as áreas erradicadas, está sendo cultivado pastagem, favorecendo a expansão da pecuária. A falta de arborização para sombreamento e a dificuldade para irrigação (outorga para irrigação e salinidade das águas), além da falta de chuva, foram apontadas como fatores que influenciam o baixo rendimento na região.

Na microrregião da Chapada Diamantina, tem-se observado a tendência da substituição de algumas lavouras de café pelo cultivo de maracujá, batata, morango e tangerina. Cafeicultores que buscam a tecnologia para o enfrentamento das irregularidades das precipitações tem se destacado no aumento da eficiência produtiva e nos ganhos de qualidade do café colhido e beneficiado.

Na microrregião de Vitória da Conquista, importante polo de produção cafeeira, apesar da queda na produção de café para a safra 2017, as plantas apresentam boas condições fisiológicas.



Figura 42 – Lavoura de café em Vitória da Conquista-BA



Fonte: Conab.

Figura 43 – Café colhido verde em Barra da Estiva-BA



Fonte: Conab.

Figura 44 – Planta de café com frutos maduros e verdes em Barra do Choça-BA



Fonte: Conab.



Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia

Bahia																						
Ano		2016										2017										
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Cerrado**	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C		C
	Planalto	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	
	Atlântico	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C			

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** região irrigada.

*** impacto por altas temperaturas.

Favorável Baixa restrição falta de chuva Média restrição falta de chuva

8.5. RONDÔNIA

8.5.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As chuvas que ocorreram em agosto favoreceram a emissão floral e a manutenção das floradas. No entanto, junho e julho foram marcados por intensa radiação solar, pouca nebulosidade e precipitação quase nula. Mais susceptíveis a esses fatores são aquelas lavouras de cafés antigos oriundos de sementes e geralmente sem irrigações. Já nas lavouras de cafés clonais, na sua maioria dotadas do sistema de irrigação, as plantas não chegaram a ser prejudicadas.

Com a redução das chuvas em abril e a entrada do período seco teve início a colheita do café em todo estado, estendendo até a primeira quinzena de julho. De forma geral, a condição climática se mostrou bas-

tante favorável nessa safra.

Porém, no município de Cacoal, as precipitações do dia 1º de abril de 2017 até o dia 11 de setembro de 2017 totalizaram 493,16 mm. A quantidade precipitada e registrada nesse município foi inferior a 6 mm. Julho foi caracterizado por intensa radiação solar, pouca nebulosidade e severa restrição hídrica, uma vez que não houve precipitação pluviométrica. O município está localizado na região central do estado, no eixo da rodovia federal BR-364, e se configura como importante produtor de café conilon em Rondônia.

8.5.2. CONDIÇÕES DA CULTURA

A área estimada e plantada de café no estado é de 83.339 hectares, inferior 13,5% em relação à safra passada, que foi de 94.561 hectares, sendo 74.255 hectares em produção e 9.084 hectares em formação. Essa redução da área em produção se deve basicamente ao fato de que, nos últimos anos, a cafeicultura no estado vem passando por um processo constante de renovação do material genético em todas as lavouras e os cafeicultores, neste primeiro momento, estão utilizando áreas menores, porém, com melhor uso de tecnologia. Esse material genético, por sua vez, ainda está expressando o seu máximo potencial genético.

A estimativa é que para esta safra a produtividade média no estado alcance 26,1 sc/ha portanto, superior em 40,6% em relação à safra passada. Esse aumento expressivo é estimulado por materiais genéticos mais responsivos, melhor manejo da cultura, os quais são: calagem e adubação com base em análise de solo, inclusive adubação fosfatada na cova, uso de irrigação por gotejamento nas lavouras de cafés clonais, controle de pragas e doenças e condições climáticas favo-

ráveis durante todo o ciclo evolutivo da cultura.

Tal aumento, portanto, só não será mais expressivo em razão do maior percentual de área em produção ainda a ser ocupada com café seminal e áreas novas que ainda não estão em produção.

As pragas mais comumente observadas nas lavouras de Rondônia, nessa atual safra, são a cochonilha-da-roseta, cochonilha-da-raiz, ácaro vermelho e bichomineiro. Porém, cabe ressaltar que em todas as regiões visitadas há predomínio da cochonilha-da-roseta. Com relação às doenças, as mais presentes foram a ferrugem, cercosporiose, seca-de-ponteiros e kolero-ga.

Os cafeicultores estão recebendo melhor informação e assistência técnica, portanto, mais atentos aos cuidados que a lavoura requer, seja na realização dos controles químico, biológico, natural e cultural ou outros tratamentos culturais de forma a garantir melhor produtividade.



Figura 45 – Adultos de cochonilha em lavoura de café clonal irrigado em Alvorada do Oeste-RO



Fonte: Conab.

Figura 46 – Presença detalhada da cochonilha causando danos na roseta do café em lavoura de café clonal em Buritis-RO



Fonte: Conab.

As cochonilhas vivem em colônias constituídas por indivíduos em vários estádios de desenvolvimento e, tanto as ninfas como as fêmeas adultas, sugam a seiva em botões florais e frutos em desenvolvimento,

ocasionando danos nas rosetas desde a floração até a colheita. Os frutos atacados caem prematuramente, podendo, em alta infestação, causar prejuízos próximos a 100%.



8.5.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A maior parte da produção de café no estado está concentrada nos municípios de Ministro Andreazza, Cacoal, Alto Alegre do Parecis, Alta Floresta do Oeste, Nova Brasilândia do Oeste, São Miguel do Guaporé e Machadinho d'Oeste. Em Rondônia é plantado exclusivamente café Conilon, melhor adaptado às condições edafoclimáticas. O café é produzido, na sua imensa maioria, em pequenas propriedades com características da agricultura familiar.

Ainda é bastante comum a existência de lavouras com baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção. Nessas lavouras utilizam-se o sistema tradicional, com baixo padrão tecnológico, sem irrigação e com pouco ou até nenhum controle de pragas e doenças, aplicação de calagem, realização de poda ou desbrota. Aliada a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados.

Observa-se, de uma forma geral, que nos últimos anos, as maiores produções estão passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se clones com elevado potencial produtivo. Recentemente esse processo está mais intenso, com ênfase em polos tradicionais da cafeicultura, onde estão concentrados um maior número de produtores.

Em determinados municípios tradicionalmente produtores, essa substituição já alcança cerca de 50% da área plantada. Essa mudança exige uma maior profissionalização e conscientização do produtor, no preparo e retirada de amostras de solo, com objetivo de enviá-las aos laboratórios, no uso racional e sustentável da água para irrigação, na interpretação e recomendação de fertilizantes, corretivos e agroquímicos, correto manejo das hastes por hectare, desbrotas, poda, enfim, um melhor manejo da cultura.

Os agentes financeiros, destacando o Banco da Amazônia, Banco do Brasil e ainda as cooperativas de créditos, têm disponibilizado volumes de crédito para custeio e investimentos suficientes para atender a demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras seminais por lavouras clonais, as quais exigem um maior investimento e melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa-RO) tem buscado, em parceria com a Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RO) e a Agência de Defesa Agrossilvipastoril (Idaron-RO), diagnosticar pragas e doenças no desenvolvimento da cultura, bem como desenvolver cultivares mais adaptados às condições edafoclimáticas do estado. No processo de disseminação de variedades de café, além de destacar como resultado das pesquisas desenvolvidas pela Embrapa-RO ao longo dos anos a variedade Conilon BRS Ouro Preto, existem aquelas desenvolvidas pelos próprios viveiristas/produtores, constituindo a maioria dos clones utilizados/comercializados, que detêm viveiros de mudas clonais sem base genética definida, porém bem adaptados à região e com elevados resultados de produtividade. O valor unitário da muda de café clonal varia de R\$ 0,80 a 1,20.

O Idaron tem exigido a análise laboratorial das raízes das mudas comercializadas pelos viveiristas cadastrados no Registro Nacional de Sementes e Mudas (Renasem), para detecção do nematoide das galhas, objetivando, assim, maior segurança para quem adquire mudas para implantação da cultura no estado. Recentemente alguns viveiros tiveram que inutilizar diversas mudas, porque o exame realizado nas raízes detectou a presença de nematoides do gênero *Meloidogyne sp.*

Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia														
Ano							2017							
Meses	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	R/F	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

Favorável

Baixa restrição falta de chuva

Média restrição falta de chuva



8.6. RIO DE JANEIRO

A estimativa para a safra de café em 2017, no Rio de Janeiro, é de 349 mil sacas de café arábica. O resultado representa um aumento de 0,3% na produção em relação à safra anterior (2016 foi de 348 mil sacas). O aumento na produção da safra informada para 2017 se deve, principalmente, às condições climáticas favoráveis, tratamentos culturais e expectativa de preço no mercado futuro.

cado futuro.

As pragas não chegaram a afetar o cafezal a ponto de se observar uma situação que pudesse comprometer a cultura em seus estágios. As pragas são as conhecidas como ferrugem, broca do café, dentre outras.

8.7. GOIÁS

8.7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As plantas de café necessitam de certas condições climáticas para expressar todo o seu potencial produtivo, principalmente no que se refere a temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, haja vista as características agrometeorológicas do seu centro de origem que moldaram a sua genética ao longo da evolução da espécie.

deficiência hídrica ou qualquer fator estressante para a planta determinará o percentual de abortamento das flores e, por consequência, a quantidade dos grãos por área.

Podemos afirmar que o momento mais crítico na fenologia do cafeeiro, em se tratando de obtenção de uma boa produtividade, é a fase da antese (abertura das flores), onde o aumento da temperatura do ar, a

Estresses ambientais também podem prejudicar as demais fases do desenvolvimento reprodutivo e todo o desenvolvimento vegetativo da planta, deixando-a predisposta a ataques de pragas e doenças, prejudicando a produtividade e a qualidade dos grãos.

Quadro 7 – Período vegetativo e reprodutivo do café arábica em Goiás

Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
Período vegetativo											
Vegetação e formação das gemas vegetativas					Indução e maturação das gemas florais						
Período reprodutivo											
Florada, chumbinho e expansão dos frutos			Granação dos frutos			Maturação dos frutos		Repouso, senescência dos ramos e colheita			

Fonte: Conab.

8.7.2. PRAGAS E DOENÇAS

Nesse levantamento, além das pragas já relatadas no levantamento anteriormente (broca, bicho mineiro), algumas áreas começaram a apresentar a incidência de cochonilha da roseta em algumas áreas em Goiás, que mesmo sendo comum em áreas do Espírito Santo, mais especificamente no café conilon. O aparecimento da cochonilha da roseta ocorre, principalmente, de setembro a novembro. Devido ao ataque da cochonilha da roseta foram relatadas ocorrências de queda prematura de flores, queda prematura de frutos e deficiência no enchimento dos frutos em algumas localidades atacadas pela praga.

A principal praga e de difícil controle no estado ainda é o bicho mineiro, que tem ciclo curto e ataques severos na época de verão, que, aliadas ao clima quente, continua sendo difícil seu controle, mesmo utilizando-se de produtos registrados para a cultura. Considera-se que aplicações em intervalos de dez dias podem estar gerando fator de resistência da praga.

Podas e esqueletamento foram realizados em diversas áreas, com plantas de café mais antigas.



Figura 48 – Cochonilha da roseta



Fonte: Conab.

Figura 49 – Cochonilha da roseta



Fonte: Conab.

Figura 50 – Cochonilha da roseta



Fonte: Conab.



Figura 51 – Floração de lavouras de café em floração em Catalão-GO



Fonte: Conab.

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás													
Ano	2017												
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F***	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva
 Baixa restrição geadas

Figura 52 – Esqueletamento de lavouras de café em Catalão-GO



Fonte: Conab.



Figura 53 – Colheita e processamento café em Ipameri-GO



Fonte: Conab.

Figura 54 – Colheita e processamento café em Ipameri-GO



Fonte: Conab.

Figura 55 – Colheita e processamento café em Ipameri-GO



Fonte: Conab.



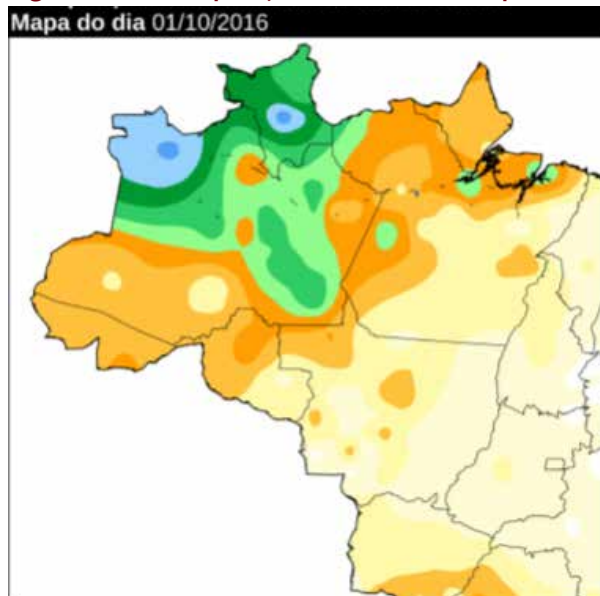
8.8. MATO GROSSO

8.8.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O índice pluviométrico dentro da normalidade favoreceu o desenvolvimento das lavouras de café em Mato Grosso. Porém, durante a fase de floração/frutificação houve períodos de estiagem em alguns municípios

do estado, o que afetou o pegamento das floradas e influenciou negativamente algumas lavouras, diminuindo a expectativa de produtividade (Figura 35).

Figura 56 – Precipitação acumulada no período da floração do café em Mato Grosso



Fonte: Inmet

8.8.2. ÁREA E PRODUÇÃO

A área em produção de café conilon em Mato Grosso soma 9,5 mil hectares. Para a safra 2017, a redução foi de 32% em relação aos 14,1 mil hectares da safra 2016. Essa redução ocorreu principalmente em razão do abandono de lavouras velhas de alguns importantes produtores de café no estado.

As áreas em formação neste ano são, em sua totalidade, compostas por mudas clonais, tecnologia que vem sendo implantada na região e que permite maior número de plantas por hectare, maior produtividade e, conseqüentemente, maior produção. Essas áreas somam 1.631 hectares, 3,3% superior à safra 2016, que era de 1.577.

Essas áreas em formação de café clonal foram implantadas com parte de mudas obtidas em Rondônia, por meio do Programa de Incentivo à Cafeicultura do Estado (Procafé-MT), e também por mudas produzidas em viveiros particulares e conveniados com os municípios.

A produção de café conilon na safra 2017 no estado foi de 84,4 mil sacas de café, 31,9% menor que a safra 2016, quando a produção foi de 124,1 mil sacas. A queda da produção se deve à redução das lavouras, as quais estão muito antigas e foram abandonadas, sem que haja a possibilidade de recuperação.

As lavouras não afetadas pela estiagem durante a florada e que receberam as chuvas bem distribuídas apresentaram boa produção, contudo, não foram suficientes para a confirmação da expectativa de aumento na produtividade do estado, que permaneceu em 8,8 sc/ha para essa safra, repetindo o número da safra anterior.

Em relação à área de café arábica no estado, os dois municípios produtores somam uma área de 45 hectares, 36% menor que a safra passada (70 hectares), e apresentam produtividade de 23,6 sc/ha. A produção foi de 1,06 mil sacas, 18,5% de redução ante à safra 2016, na qual foram colhidas 1,3 mil sacas.



8.8.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, a diminuição da área em produção se deve ao abandono de áreas improdutivas ou de difícil recuperação. Os produtores tem optado pela renovação das áreas com mudas clonais, tecnologia que garante maior produtividade à cultura e permite ainda um produto de melhor qualidade em relação ao

plantio tradicional por sementes. Assim, o produtor consegue um melhor preço pelo produto e garante melhor renda. A baixa produtividade é decorrente da deficiência nutricional das lavouras, aliada à estiagem ocorrida no período da floração.

Figura 57 – Jardim clonal de café conilon em Nova Bandeirantes-MT



Fonte: Conab.

Figura 58 – Lavoura de café conilon em Colniza-MT



Fonte: Conab.



8.9. AMAZONAS

O município de Apuí ainda se apresenta como o de maior destaque na produção de café no estado. Como o seu sistema de produção é baseado na agricultura familiar, os cafeicultores locais estão buscando no manejo agroecológico uma forma de manter a viabilidade de seus pomares, em detrimento ao abandono de muitas áreas cultivadas e ao avanço da pecuária extensiva.

Aspectos como a boa fertilidade dos solos da região,

a existência de uma unidade beneficiadora de café e a tradição dos imigrantes no plantio de café, são aspectos favoráveis à manutenção do cultivo naquele município.

Na contramão desses, podemos apresentar a redução da mão de obra no campo e o avanço da pecuária extensiva como os principais fatores que favoreceram a redução da área plantada de café na última década.

8.9.1. SISTEMA DE PRODUÇÃO

A grande maioria dos pomares foi implantada há mais de dez anos, com mudas produzidas através de sementes, o que confere às plantas irregularidades de produção e baixa produtividade.

No ano de 2012, com o início dos trabalhos do Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia/Idesam, iniciou-se a transição agroecológica, com a inclusão de novas práticas de manejo voltadas para a certificação orgânica da produção. A perspectiva é que ainda no ano de 2017 seja concedida a certificação. Atualmente o espaçamento adotado na maioria das áreas é de 3 m x 2 m, com aproximada-

mente 1.666 plantas por hectare. A colheita é realizada conforme o grau de maturação, quando a planta atinge acima de 70% de grãos maduros.

Todo o café cultivado no Amazonas é conilon, por conta da sua maior rusticidade e maior adaptação às condições de floresta tropical. Porém, em parceria com a Embrapa Amazônia Ocidental, foram implantadas em 2015 três unidades de observação de café clonal da variedade BRS Ouro Preto em cultivo orgânico. As áreas das unidades de observação variam de 0,3 a 0,5 hectares, onde já foi realizada a primeira colheita em 2017.

Figura 59 – Unidade de observação de café clonal conduzido para produção de estacas



Fonte: Conab.



Figura 60 – Estacas de BRS Ouro Preto em viveiro para produção de mudas clonais



Fonte: Conab.

Figura 61 – Estrutura montada para produção de mudas clonais



Fonte: Conab.

A introdução de mudas clonais nas áreas da maioria dos cafeicultores se apresenta como o fator de grande esperança para a manutenção da atividade no município em razão da uniformidade da produção e da alta produtividade.

Os produtores pertencentes ao grupo agroecológico

recebem, um aporte de R\$ 600,00 por ano, a título de pagamento pelos serviços ambientais relacionados ao plantio de espécies florestais em consórcio com o cafezal (leguminosas e espécies florestais – ingá, parará, ipê etc.), que atuam no sequestro de carbono.

Figura 62 – Plantio de café consorciado com espécies florestais



Fonte: Conab.

8.9.2. CONDIÇÃO DA CULTURA

A expectativa de produção da safra 2017 foi frustrada pela deficiência de chuvas na época da florada em 2016.

Em linhas gerais, existe um abandono de grande parte das áreas plantadas com café no município de Apuí, excetuando os agricultores que fazem parte do grupo do manejo agroecológico (por volta de 30 agricultores), que retomaram a condução do plantio com a orientação do Instituto de Conservação e Desenvolvi-

mento Sustentável do Amazonas (Idesam), seguindo os princípios agroecológicos. Essas práticas de manejo já permitem observações na melhoria sanitária do pomar em virtude da nutrição das mesmas.

O único relato da existência de ataques de pragas no município foi relacionado à broca-do-café, sendo o seu controle realizado através do uso de armadilhas com atrativos naturais.

Figura 63 – Armadilha para controle da broca-do-café em Apuí-AM



Fonte: Conab.

Figura 64 – Secadores de café em Apuí-AM



Fonte: Conab.

8.9.3. BENEFICIAMENTO

O café colhido em Apuí é beneficiado no próprio município, em uma agroindústria local. O produto finalístico possui duas formas de apresentação, sendo uma para o mercado local e de municípios vizinhos, produto que recebe um percentual de café arábica

para produzir um *blend* mais barato, tendo em vista que este café arábica é proveniente de outros estados. O produto tido como de primeira linha é embalado como café agroflorestal e é 100% conilon, com grãos selecionados.

Figura 65 – Estrutura para torrefação do café



Fonte: Conab.

Figura 66 – Estrutura da moagem do café



Fonte: Conab.

Figura 67 – Empacotadora e seladora do café



Fonte: Conab.



Figura 68 – Café armazenado na agroindústria



Fonte: Conab.

8.9.3. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

No tocante à área plantada de café, esse levantamento apresenta um incremento de 16% na área plantada quando comparado ao fechamento da safra de 2016. No município de Apuí foram comercializados 830 sacos de 60 quilos de café em coco, porém ainda exis-

tem 160 sacos de café nas propriedades aguardando por comercialização, totalizando uma produção de 990 sacos de café na safra de 2017, só no município de Apuí-AM.

8.10. PARANÁ

O levantamento foi realizado nas regiões cafeeiras durante a segunda quinzena de agosto, um período de plena colheita onde boa parte dos produtores já estavam concluindo os trabalhos.

A atual previsão é que sejam colhidas entre 1,15 a 1,27 milhões de sacas beneficiadas, volume 4% menor em comparação ao previsto no levantamento realizado de maio.

Esta redução se deve a maturação desuniforme dos frutos, em função das floradas terem sido pouco concentradas, e que foram colhidos sem atingir o ponto ideal de maturação, gerando frutos verdes e mais leves. Outro fator que pode ter contribuído, foi a adu-

bação insuficiente nas lavouras com maior potencial de produção, seja pelo menor investimento financeiro ou mesmo pela dificuldade de uma boa distribuição. Embora o regime de chuvas tenha sido normal durante o ciclo produtivo, verificou-se que o volume de precipitação em alguns períodos foi insuficiente para aplicação e a absorção ideal dos nutrientes.

A colheita iniciou no mês de maio, e avançou lentamente até a segunda quinzena de junho por conta do excesso de chuvas. Em seguida foi registrado mais de cinquenta dias de estiagem, período altamente favorável, contribuindo para o avanço dos trabalhos de colheita e secagem em todas as regiões produtoras.

Quadro 9 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná																		
Ano	2016										2017							
Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.





9. RECEITA BRUTA

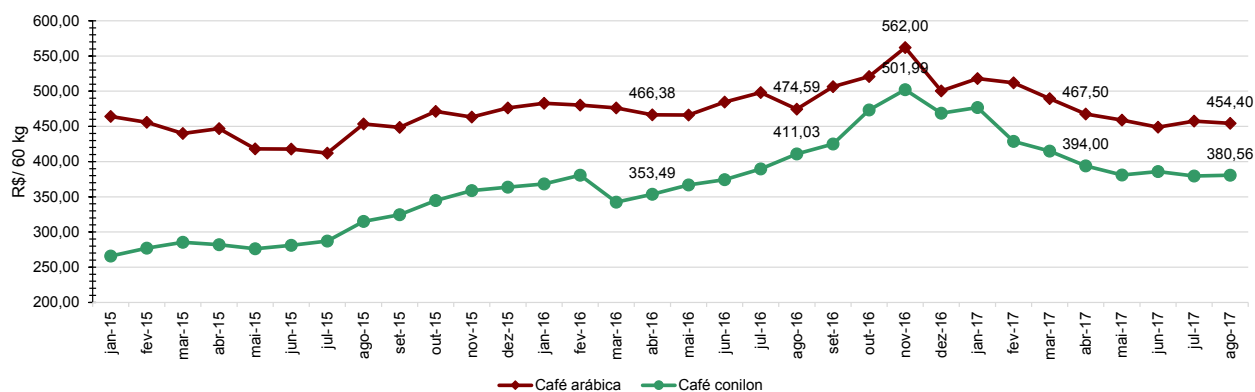
A produção brasileira de café arábica e conilon, na safra 2017, deverá ser de 44,83 milhões de sacas de café beneficiado, 12,7% abaixo da obtida em 2016 – 51,37 milhões de sacas.

A redução da safra foi influenciada pelo efeito da bionalidade negativa da lavoura, principalmente nos cultivos de café arábica, uma vez que o café conilon, embora também esteja sujeito às influências do ciclo bienal de produção, esta situação se manifesta com menor intensidade devido às práticas de manejo e ao fato de ser uma espécie mais rústica e, por isso, menos suscetível às adversidades do que o arábica.

Os maiores produtores nacionais de café arábica e robusta são Minas Gerais e Espírito Santo. Em Minas Gerais deverão ser produzidas 24,04 milhões de sacas de café, que corresponde a 70,5% do total de arábica e o Espírito Santo, 5,92 milhões de sacas ou 55,25% do total de conilon produzido no Brasil.

O cenário de preços nesses dois estados indica a manutenção da tendência de queda, com leve estabilização quando comparados os últimos 4 meses, iniciada em novembro de 2016, depois de quase dois anos de elevação contínua.

Gráfico 27 - Preços mensais recebidos pelos produtores de café arábica, em Minas Gerais e de café conilon, no Espírito Santo

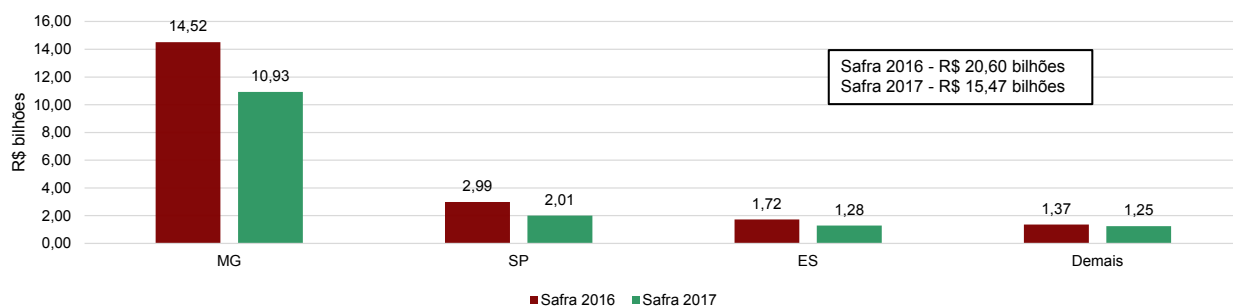


Fonte: Conab.

Considerando as estimativas de produção divulgadas nas safras 2016 e 2017 e os preços médios pagos aos produtores em agosto de 2016 e 2017, a receita bruta

de café arábica foi estimada em R\$ 15,47 bilhões na safra 2017, 24,9% inferior aos R\$ 20,60 bilhões da safra 2016.

Gráfico 28 - Receita bruta de café arábica - safras 2016 e 2017 - preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.

O fator determinante para o menor faturamento deste ano foi a queda de 21,3% na safra de café arábica, já que os preços, embora estejam em queda, apresentaram variação negativa média, para o período em análise,

de 4,7% e 6,3%, para os maiores estados produtores dessa variação do grão, sejam eles Minas Gerais e São Paulo, respectivamente.



Tabela 6 - Estimativa da receita bruta - Café arábica beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
BA	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
Cerrado	345,6	291,0	-15,8	470,30	447,36	-4,9	162.535,7	130.181,8	-19,9
Planalto	921,6	690,0	-25,1	470,30	447,36	-4,9	433.428,5	308.678,4	-28,8
Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	228,1	181,2	-20,6	484,00	450,86	-6,9	110.390,7	81.695,8	-26,0
MT	1,3	1,1	-14,1	484,00	450,86	-6,9	619,5	495,9	-20,0
GO	226,8	180,1	-20,6	484,00	450,86	-6,9	109.771,2	81.199,9	-26,0
SUDESTE	40.738,4	31.638,3	-22,3	475,89	454,26	-4,6	19.386.875,7	14.371.891,2	-25,9
MG	30.427,9	24.041,0	-21,0	477,03	454,46	-4,7	14.515.021,1	10.925.672,9	-24,7
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.219,0	-20,5	477,03	454,46	-4,7	7.931.911,7	6.007.506,7	-24,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	7.401,6	3.975,0	-46,3	477,03	454,46	-4,7	3.530.785,2	1.806.478,5	-48,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	5.889,4	6.361,0	8,0	477,03	454,46	-4,7	2.809.420,5	2.890.820,1	2,9
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	509,2	486,0	-4,6	477,03	454,46	-4,7	242.903,7	220.867,6	-9,1
ES	3.932,1	2.920,0	-25,7	438,60	439,13	0,1	1.724.619,1	1.282.259,6	-25,7
RJ	347,4	349,0	0,5	445,00	432,53	-2,8	154.593,0	150.953,0	-2,4
SP	6.031,0	4.328,3	-28,2	496,21	465,08	-6,3	2.992.642,5	2.013.005,8	-32,7
SUL	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
PR	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
OUTROS(*)	101,5	58,8	-42,1	468,75	473,34	1,0	47.578,1	27.832,4	-41,5
NORTE/NORDESTE	1.267,2	981,0	-22,6	470,30	447,36	-4,9	595.964,2	438.860,2	-26,4
CENTRO-SUL	42.013,5	33.084,5	-21,3	475,01	453,50	-4,5	19.956.637,7	15.003.824,1	-24,8
BRASIL	43.382,2	34.124,3	-21,3	474,85	453,36	-4,5	20.600.180,0	15.470.516,6	-24,9

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF.

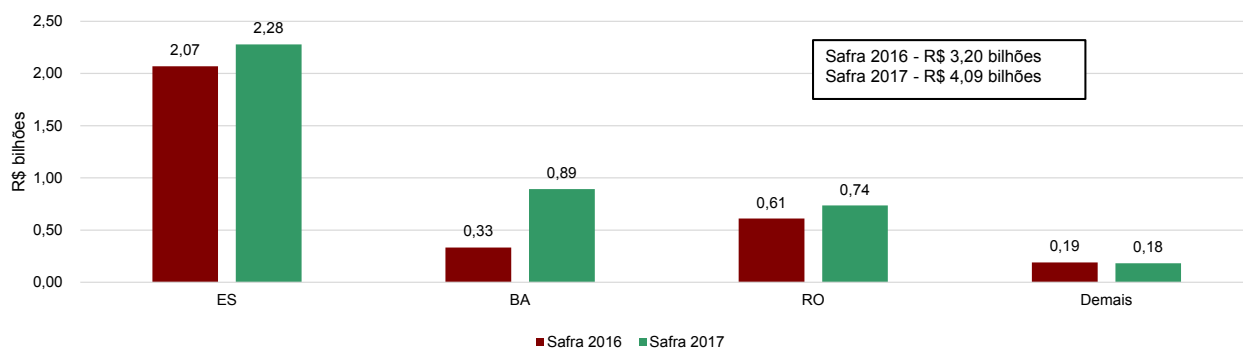
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Quanto ao café conilon, o quadro atual apresenta aumento substancial para a produção e pequena queda

para os preços, potencializando, assim, o crescimento da receita dos produtores dessa espécie.

Gráfico 29 - Receita bruta de café conilon - safras 2016 e 2017 - preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.



Tabela 6 - Estimativa da receita bruta - Café conilon beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	1.642,0	1.952,9	18,9	-	-	-	615.451,5	739.930,5	20,2
RO	1.626,9	1.938,2	19,1	375,69	379,30	1,0	611.210,1	735.159,3	20,3
AM	6,0	7,5	24,7	240,00	320,00	33,3	1.440,0	2.393,6	66,2
PA	9,1	6,8	-25,3	307,85	349,65	13,6	2.801,4	2.377,6	-15,1
NORDESTE	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
BA	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
Cerrado	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Atlântico	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
CENTRO-OESTE	124,1	83,4	-32,8	375,69	379,30	1,0	46.623,1	31.633,6	-32,2
MT	124,1	83,4	-32,8	375,69	379,30	1,0	46.623,1	31.633,6	-32,2
GO	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	5.331,5	6.249,1	17,2	410,66	385,52	-6,1	2.189.421,9	2.409.133,4	10,0
MG	296,2	334,1	12,8	404,33	388,88	-3,8	119.762,5	129.919,4	8,5
Sul e Centro-Oeste	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-
Zona da Mata, Rio Doce e Central	192,5	217,2	12,8	404,33	388,88	-3,8	77.833,5	84.459,3	8,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	103,7	116,9	12,7	404,33	388,88	-3,8	41.929,0	45.460,1	8,4
ES	5.035,3	5.915,0	17,5	411,03	385,32	-6,3	2.069.659,4	2.279.167,8	10,1
RJ	0,00	0,1	-	-	385,32	-	-	46,2	-
SP	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
SUL	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
PR	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS(*)	63,3	40,0	-36,8	305,00	377,50	23,8	19.306,5	15.100,0	-21,8
NORTE/NORDESTE	2.468,1	4.332,5	75,5	384,59	376,79	-2,0	949.195,9	1.632.430,5	72,0
CENTRO-SUL	5.455,6	6.332,5	16,1	409,86	385,44	-6,0	2.236.045,0	2.440.767,0	9,2
BRASIL	7.987,0	10.705,0	34,0	401,22	381,91	-4,8	3.204.547,4	4.088.297,5	27,6

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Consolidando os dados do arábica e do conilon, apura-se que a receita bruta total do café, na safra 2017,

atinge o montante de R\$ 19,56 bilhões, 17,8% abaixo dos R\$ 23,80 bilhões alcançados em 2016.



Gráfico 30 - Receita bruta total de café (arábica e conilon) - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017

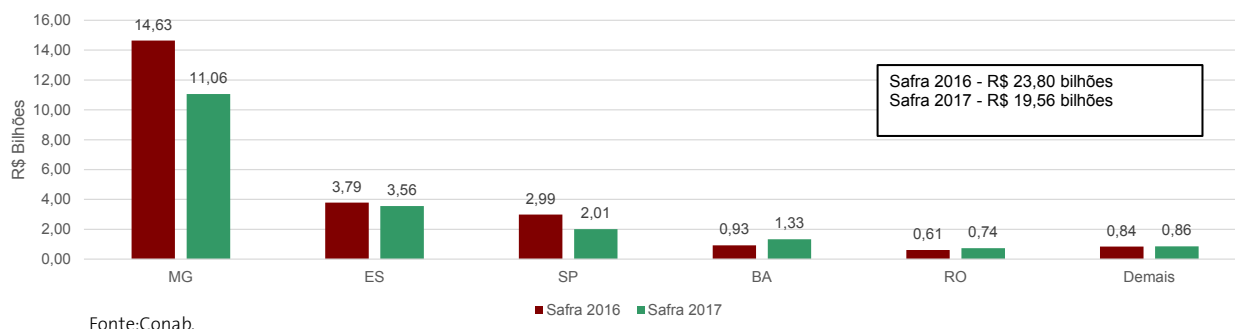


Tabela 8 - Estimativa da receita bruta - total do café beneficiado (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ SC/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	1.642,0	1.952,9	18,9	374,82	378,89	1,1	615.451,5	739.930,5	20,2
RO	1.626,9	1.938,2	19,1	375,69	379,30	1,0	611.210,1	735.159,3	20,3
AM	6,0	7,5	24,7	240,00	320,00	33,3	1.440,0	2.393,6	66,2
PA	9,1	6,8	-25,3	307,85	349,65	13,6	2.801,4	2.377,6	-15,1
NORDESTE	2.093,3	3.361,0	60,6	444,14	396,12	-10,8	929.708,6	1.331.360,2	43,2
BA	2.093,3	3.361,0	60,6	444,14	396,12	-10,8	929.708,6	1.331.360,2	43,2
Cerrado	345,6	291,0	-15,8	470,30	447,36	-4,9	162.535,7	130.181,8	-19,9
Planalto	921,6	690,0	-25,1	470,30	447,36	-4,9	433.428,5	308.678,4	-28,8
Atlântico	826,1	2.380,0	188,1	404,00	375,00	-7,2	333.744,4	892.500,0	167,4
CENTRO-OESTE	352,2	264,6	-24,9	445,83	428,30	-3,9	157.013,8	113.329,5	-27,8
MT	125,4	84,5	-32,6	376,80	380,23	0,9	47.242,6	32.129,6	-32,0
GO	226,8	180,1	-20,6	484,00	450,86	-6,9	109.771,2	81.199,9	-26,0
SUDESTE	46.069,9	37.887,4	-17,8	468,34	442,92	-5,4	21.576.297,6	16.781.024,6	-22,2
MG	30.724,1	24.375,1	-20,7	476,33	453,56	-4,8	14.634.783,7	11.055.592,2	-24,5
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.219,0	-20,5	477,03	454,46	-4,7	7.931.911,7	6.007.506,7	-24,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	7.401,6	3.975,0	-46,3	477,03	454,46	-4,7	3.530.785,2	1.806.478,5	-48,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.081,9	6.578,2	8,2	474,73	452,29	-4,7	2.887.254,0	2.975.279,4	3,1
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	612,9	602,9	-1,6	464,73	441,74	-5,0	284.832,7	266.327,6	-6,5
ES	8.967,4	8.835,0	-1,5	423,12	403,10	-4,7	3.794.278,4	3.561.427,4	-6,1
RJ	347,4	349,1	0,5	445,00	432,51	-2,8	154.593,0	150.999,2	-2,3
SP	6.031,0	4.328,3	-28,2	496,21	465,08	-6,3	2.992.642,5	2.013.005,8	-32,7
SUL	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
PR	1.047,0	1.265,0	20,8	438,75	434,97	-0,9	459.371,3	550.237,1	19,8
OUTROS(*)	164,8	98,8	-40,1	405,85	434,54	7,1	66.884,6	42.932,4	-35,8
NORTE/NORDESTE	3.735,3	5.313,5	42,3	413,66	389,82	-5,8	1.545.160,0	2.071.290,6	34,1
CENTRO-SUL	47.469,1	39.417,0	-17,0	467,52	442,57	-5,3	22.192.682,7	17.444.591,1	-21,4
BRASIL	51.369,2	44.829,3	-12,7	463,40	436,30	-5,9	23.804.727,3	19.558.814,1	-17,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF.





10. ANÁLISE DE MERCADO

Os números constantes no terceiro boletim de acompanhamento da safra de café 2017, ora divulgada pela Conab, indicam que a produção brasileira deverá totalizar cerca de 44.774,3 mil sacas, portanto, inferior 12,8% ao montante colhido no ano passado, que foi de 51.369,2 mil sacas. Ressalta-se que em valores absolutos a retração foi na ordem de 6.594,9 mil sacas. No contexto da safra atual, a produção do café arábica foi estimada em 34.069,3 mil sacas, quantidade inferior em 21,5% do total de 10.705 mil sacas produzidas no ano safra 2016. Torna-se oportuno lembrar que, o ciclo da atual safra é de bienalidade negativa na maior parte do país, fato que justifica parte desse decréscimo na produção do arábica que também foi afetada pela ação negativa do clima desfavorável (seca, má distribuição de chuvas e geada) durante o ciclo da cultura e também pela infestação da broca do café (doença) em algumas regiões produtoras, notadamente em Minas Gerais. Quanto ao conilon, o clima foi mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Dessa forma, os cafeicultores no balanço final da safra deverão contabilizar uma colheita de aproximadamente 10.705 mil sacas, contra 7.987 mil sacas da safra passada, caracterizando, por conseguinte, um adicional de 2.718 mil sacas, na atual temporada.

Em razão da menor produção, a tendência natural é de que a oferta interna do produto no corrente ano safra 2017/18 (que vai de abril de 2017 a março de 2018) venha a ser bastante restrita, para fazer frente às necessidades de demanda dos mercados interno e de exportação, cujos embarques no ano safra 2016/17 recém-encerrado, totalizou 33.634 mil sacas, sendo, inclusive, inferior ao do biênio 2015/16. Assim, a propensão é de que pelo segundo período consecutivo ocorra uma nova e significativa retração das vendas do produto, para o mercado internacional.

Por outro lado, agentes dos mercados nacional e internacional não têm demonstrado muita preocupação com os problemas de safra do Brasil, cujos resultados, sejam eles de qualquer natureza, afetam o suprimento da cadeia mundial. Mesmo tendo a nítida consciência sobre os atuais fundamentos do mercado mundial, onde nos últimos quatro anos os volumes produzidos têm sido sempre inferiores às necessidades de consumo (ora estimados pela OIC em 155.000 milhões de sacas) da população mundial, essa situação tem ocasionado seguidas retrações nos estoques de passagem. Nesse sentido, a mais recente avaliação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos Usda, relativa ao ano safra 2017/18, apontou para um saldo de 34.000 milhões de sacas, algo equivalente a tão somente 2,6 meses de consumo da população mundial.

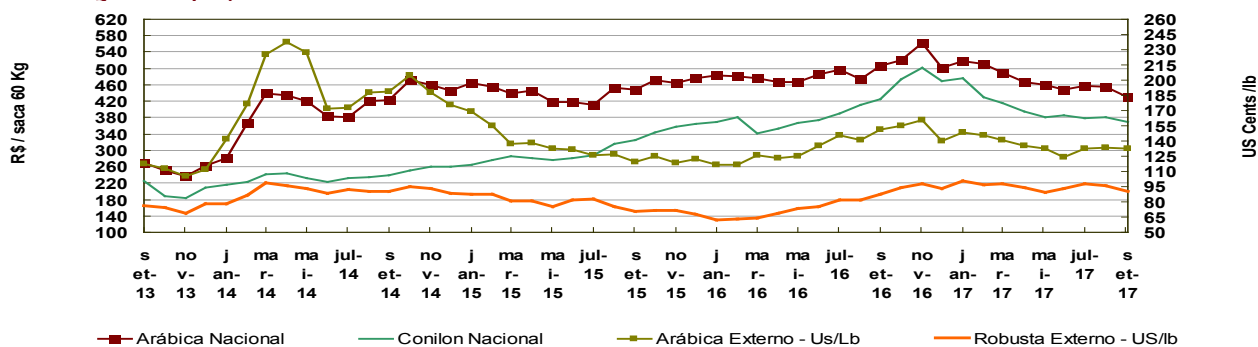
Diante desse cenário, as operações levadas a efeito nos mercados futuros do café, representados pela Bolsa de Nova Iorque, onde são operacionalizadas as negociações da espécie arábica e na Bolsa Liffe de Londres, local onde são negociados os contratos do café conillon/robusta, vêm, a partir de novembro de 2016, de forma persistente, apresentando sucessivas quedas (Gráfico 1) nas médias mensais dos preços, motivadas por fatores diversos, dentre os quais destacam-se os seguintes: a) depreciação do dólar americano ante ao real do Brasil, fato que desestimula as exportações do produto brasileiro (diminui a

rentabilidade) e b) o segundo fato julgado mais importante, trata-se da ação especulativa dos fundos de investimentos. Esses agentes atuam fortemente no mercado de café, sem contudo dar a devida atenção aos problemas existentes na cadeia do produto, notadamente no setor primário onde os produtores, em face da ação das bolsas, têm assistido sem nada poder fazer, a um verdadeiro processo de aviltamento dos preços e concomitante redução das margens de lucros dos cafeicultores que são obrigados a conviver com custos de produção cada vez mais crescentes. Não é demais lembrar que a curva dos preços (em baixa), vem caminhando em direção oposta às constantes altas dos custos de produção, criando uma situação do ponto de vista financeiro, insustentável para aqueles que lidam com as lavouras do café.

Conforme já comentado, os preços dos cafés, arábica e robusta no mercado internacional vêm apresentando quedas sistemáticas, desde novembro de 2016, gerando um efeito negativo na comercialização do produto no mercado interno. Como os preços internos são atrelados às cotações dos mercados futuros de Nova Iorque (Bolsa Ice) e de Londres (Bolsa Liffe), o desempenho das curvas dos valores mensais recebidos pelos produtores do café arábica e robusta no mercado físico do Brasil seguiu a tendência negativa do mercado internacional (Gráfico 1).

Deste modo, de novembro/2016 até o início de setembro/2017, a cotação média do café arábica tipo 6 Bebida Dura, recuou 23,5%, saindo de R\$ 562,00 para R\$ 430,00/sc. No mesmo período o café conilon tipo 7 também apresentou um expressivo decréscimo de 26,3%, passando de R\$ 502,00/sc para R\$ 370,00/sc. Torna-se interessante esclarecer que a queda dos preços só não foi maior devido a ação firme dos produtores que no decorrer da colheita (período em que a oferta normalmente é mais abundante), optaram por restringir a oferta, colocando à disposição do mercado, pequenos volumes produto a venda com o objetivo de levantar recurso para o saldar os compromissos mais imediatos.

Gráfico 31 – Preços, nacional e internacional do café

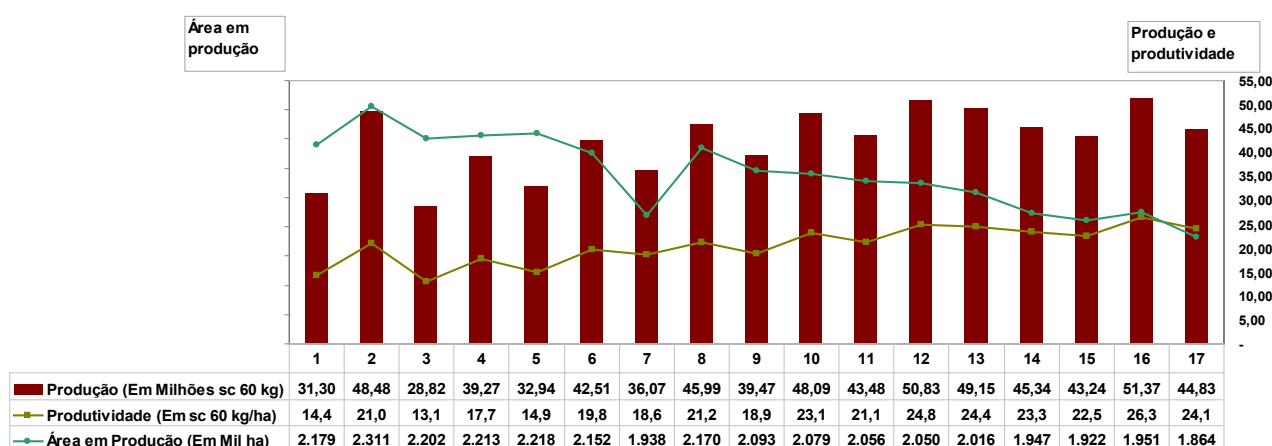


Fonte: Conab.

As exportações brasileiras de café no período de janeiro a agosto de 2017 (ano civil) totalizaram 19.332 mil sacas, configurando, com isso, um desempenho negativo de 9,47% em relação às 21.356 mil sacas embarcadas em idêntico período do ano passado. Acredita-se que a tendência de redução nos embarques em 2017 seja mantida, até o encerramento do exercício -, isso porque a oferta do produto no Brasil nos últimos anos anda cada vez mais restrita, senão veja: Com exceção do ano de 2016, os volumes produzidos no país

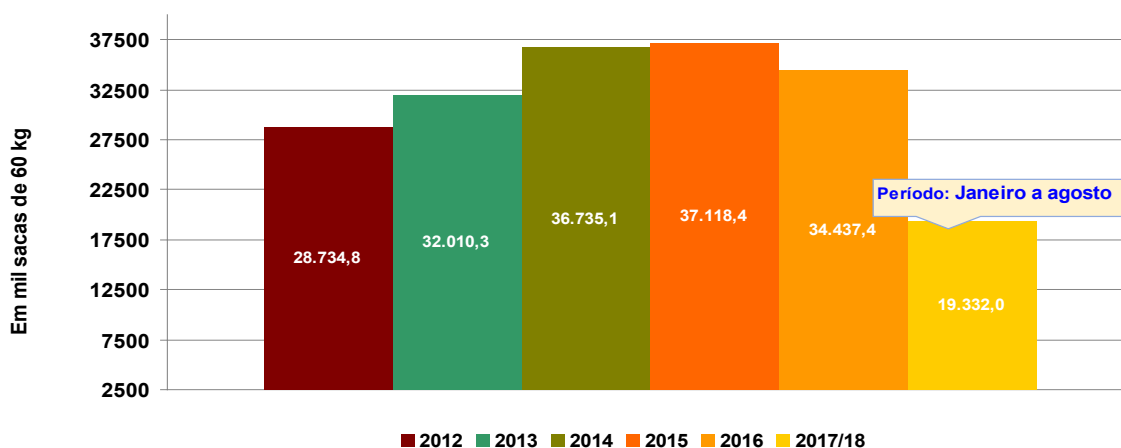
de 2013 a 2015 e em 2017 foram sempre decrescentes, ficando abaixo do patamar de 50 milhões de sacas. Por outro lado, as exportações apresentaram desempenho positivo durante três anos consecutivos (entre 2013 e 2015) cresceram de forma expressiva, chegando a 37.118 mil sacas em 2015, só apresentando declínio (7,2%) em 2016, oportunidade em que o volume embarcado totalizou 34.437 mil sacas observar.

Gráfico 32 – Série histórica do café - Total Brasil: área, produção e produtividade



Fonte: Conab.

Gráfico 33 – Exportações brasileiras de café por ano civil



Fonte: Conab.

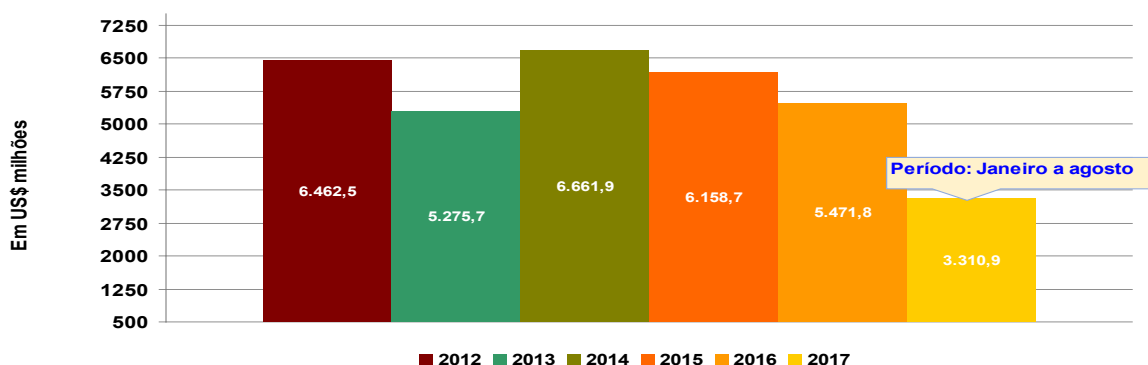
Embora a quantidade embarcada de café nos oito primeiros meses de 2017 tenha sido menor, a receita em dólar obtida com a venda do produto foi maior, vez que totalizou US\$ 3.311 milhões, contra US\$ 3.193 milhões obtidos no mesmo período de 2016.

Fazendo a conversão desses valores, para a moeda nacional, tomando-se como referência as taxas médias

de câmbio relativas aos períodos de janeiro a agosto dos anos de 2016 e de 2017, que foram, respectivamente, de R\$ 3,5925/US\$ e R\$3,1776/US\$, chega-se aos seguintes valores médios de receita: em 2016, R\$ 11.471 milhões ou o equivalente a R\$ 537,12 a saca de 60 quilos e no ano de 2017, R\$ 10.521 milhões que resultou no valor unitário de R\$ 544,22 a saca de 60 quilos.



Gráfico 34 – Exportações brasileiras de café por ano civil



Fonte: Conab.

Ainda, comentando os efeitos negativos das exportações brasileiras, ocorridas entre janeiro e agosto do presente exercício, há de se enfatizar que o pior desempenho apresentado foi relativo aos embarques do café conilon, que apresentou uma expressiva queda de 66,6%, saindo de 498.917 mil sacas embarcadas em 2016, para tão somente 166.317 mil sacas exportadas até agosto de 2017. A redução foi ocasionada, fundamentalmente, pela frustração da safra brasileira do

conilon em 2016, com ênfase para o estado do Espírito Santo, maior produtor da variedade. Merece, também, ser enfatizada, a retração das vendas de cafés industrializados que apresentou um recuo de 11,8%, em comparação com o volume embarcado nos mesmos meses do ano passado. No mesmo período, o montante de receita contabilizada com a venda do conilon retrocedeu 51%, passando de US\$ 55,2 milhões em 2016, para US\$ 27 milhões em 2017.

Tabela 9 – Desempenho das exportações brasileiras de café - Janeiro a agosto - (Em sacas de 60 kg)

Mes/Ano	Conilon	Arabica	Total Cafe Verde Conilon + Arabica	Industrializado Torrado + Soluvel	TOTAL GERAL
Total Jan a Ago/2016	498.917	18.286.015	18.784.932	2.514.130	21.299.062
Total Jan a Ago/2017	166.317	16.948.257	17.114.574	2.217.443	19.332.017
DIFER. (A6-A5)	(332.600)	(1.337.758)	(1.670.358)	(296.687)	(1.967.045)
Var% - (A6/A5)	-66,66%	-7,32%	-8,89%	-11,80%	-9,24%

Fonte: Cecafé.

Tabela 10 – Desempenho das exportações brasileiras de café - Janeiro a agosto - (Em US\$ Mil FOB)

Mes/Ano	Conilon	Arabica	Total Cafe Verde Conilon + Arabica	Industrializado Torrado + Soluvel	TOTAL GERAL
Total Jan a Ago/2016	55.185	2.749.961	2.805.147	381.764	3.186.911
Total Jan a Ago/2017	27.011	2.866.828	2.893.839	417.021	3.310.860
DIFER. (A15-A14)	(28.174)	116.866	88.692	35.257	123.949
Var% - (A15/A14)	-51,05%	4,25%	3,16%	9,24%	3,89%

Fonte: Cecafe.

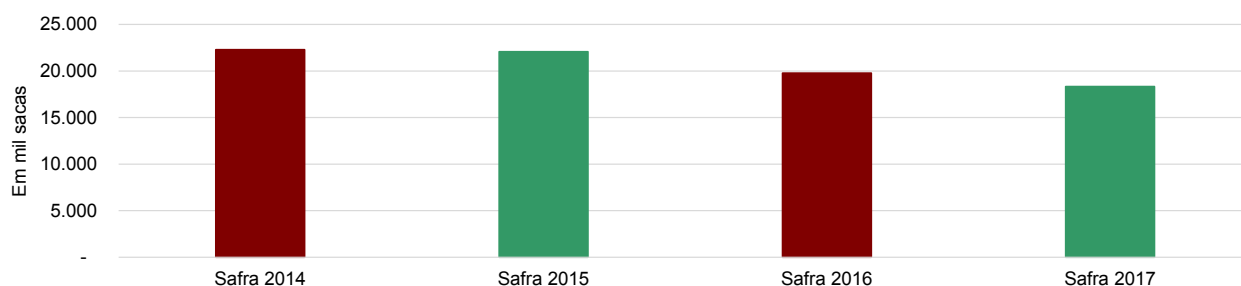


11. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

11.1. EXPORTAÇÕES

O ano de 2017 é um ano de bienalidade negativa na maior parte das regiões produtoras e, por ser um ano de menor oferta de café, o Brasil manteve sua posição de maior exportador mundial de café. De janeiro a agosto de 2017, as exportações brasileiras totalizaram 18,3 milhões de sacas, representando um decréscimo de 7,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

Gráfico 35 – Exportações brasileiras de café

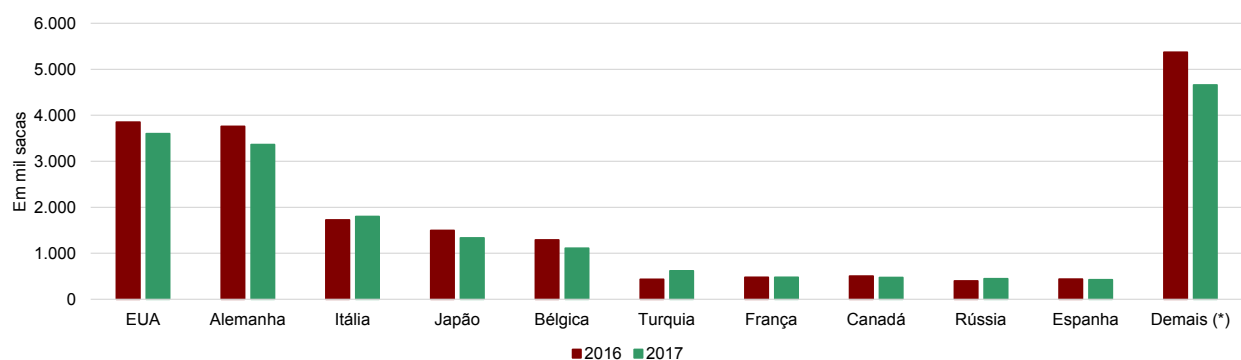


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro a agosto.

Nesse período, o café representou 5% das exportações do agronegócio brasileiro, ocupando a quinta posição nacional, com receita de US\$ 3,38 bilhões. Nessa safra (2017), os principais destinos do café brasileiro foram

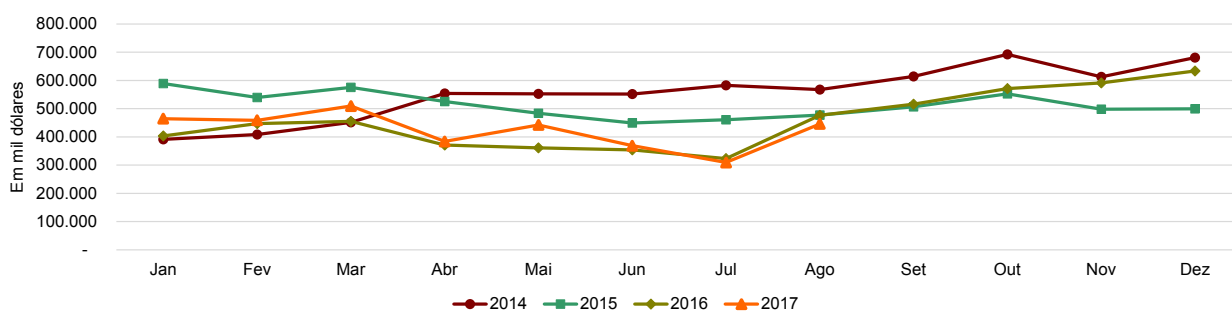
os Estados Unidos, Alemanha, Itália, Japão e mais 114 países. Até o final de agosto de 2017, os dez maiores importadores do produto brasileiro representaram 75% dos embarques totais realizados.

Gráfico 36 – Principais países importadores de café brasileiro



Legenda: (*) Mais 108 países.
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro a agosto.

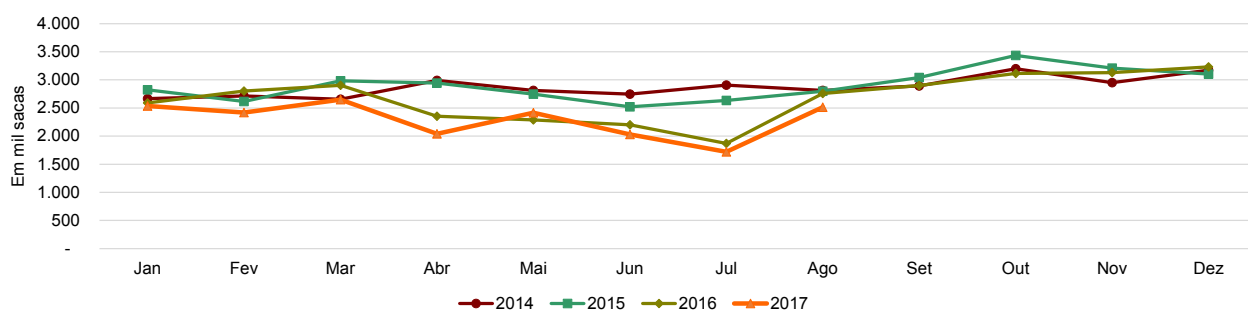
Gráfico 37 – Exportações mensais brasileiras de café



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro de 2014 a agosto de 2017.



Gráfico 38 – Exportações mensais brasileiras de café



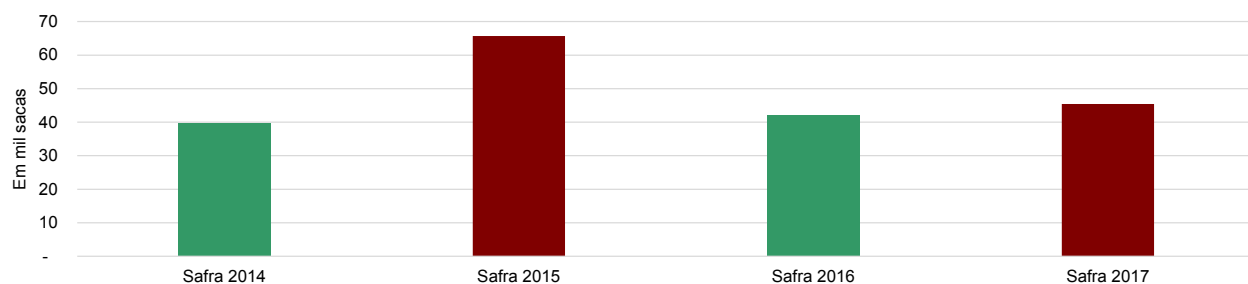
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a agosto de 2017.

11.2. IMPORTAÇÕES

O Brasil não é tradicional importador de café, visto que o país é o maior produtor mundial dessa commodity. Nesse ano de 2017, até agosto, o país exportou 18.324

mil sacas de café beneficiado, enquanto a importação foi de 45 mil sacas, representando 0,25% do total das exportações.

Gráfico 39 – Importações brasileiras de café

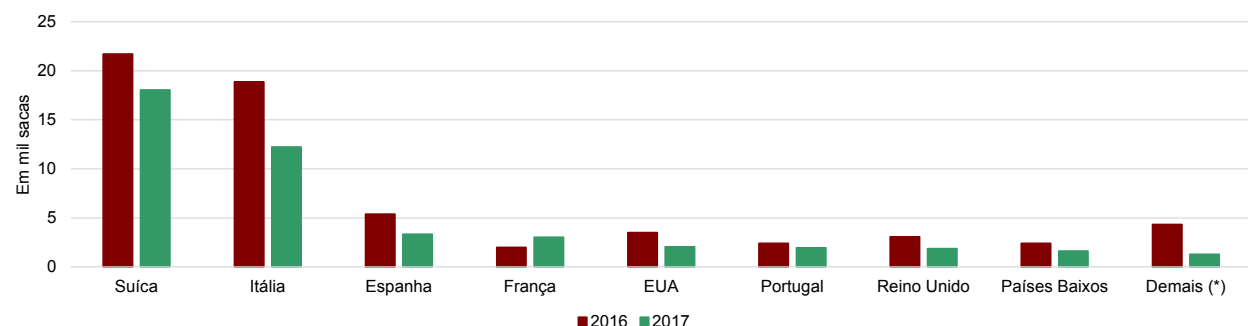


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro a agosto.

Nessa safra (2017), as principais origens do café brasileiro foram Suíça, Itália, Espanha, França e mais 27 países. Até o final de agosto de 2017, os oito maiores

exportadores de café para o Brasil representaram 97% dos desembarques totais realizados.

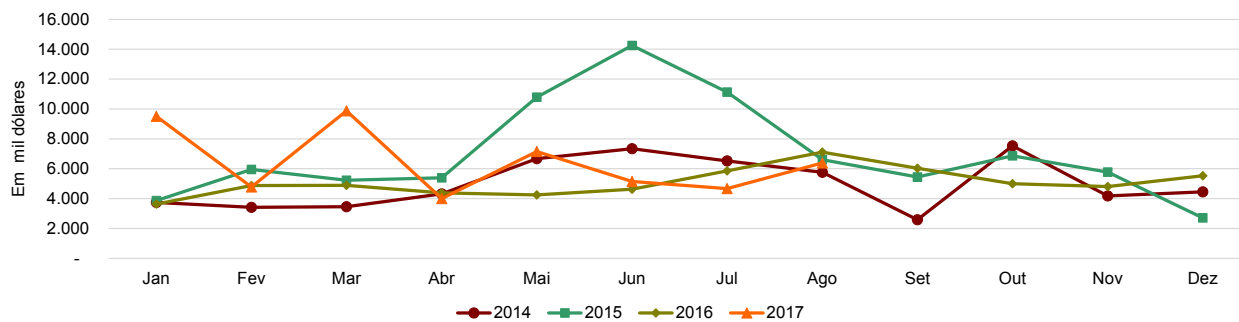
Gráfico 40 – Principais países exportadores de café para o Brasil



Legenda: (*) Mais 23 países.
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro a agosto.

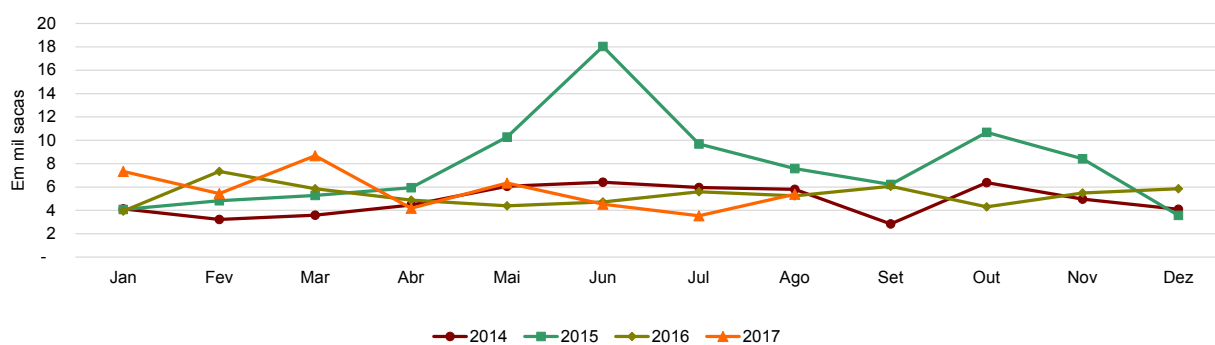


Gráfico 41 – Importações mensais brasileiras de café

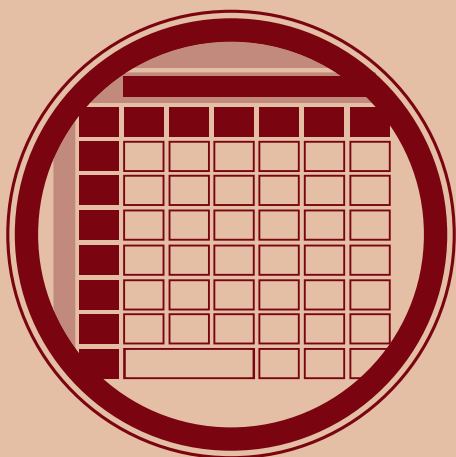


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro de 2014 a agosto de 2017.

Gráfico 42 – Importações mensais brasileiras de café



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro de 2014 a agosto de 2017.



13. PARQUE CAFEEIRO

Tabela 11 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (MIL COVAS)			EM PRODUÇÃO (MIL COVAS)			TOTAL (MIL COVAS)		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	20.548,3	62,1	136.234,9	148.117,9	8,7	148.912,2	168.666,2	13,3
RO	12.510,2	20.185,0	61,3	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	166.222,0	13,6
AM	110,0	118,5	7,7	715,4	839,3	17,3	825,4	957,8	16,0
PA	57,1	244,8	328,7	1.697,3	1.241,6	(26,8)	1.754,4	1.486,4	(15,3)
NORDESTE	45.659,2	49.996,0	9,5	474.299,5	489.892,0	3,3	519.958,7	539.888,0	3,8
BA	45.659,2	49.996,0	9,5	474.299,5	489.892,0	3,3	519.958,7	539.888,0	3,8
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.743,0	(0,2)	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.706,0	7,7
Atlântico	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
CENTRO-OESTE	9.517,7	11.280,8	18,5	48.578,1	37.017,9	(23,8)	58.095,8	48.298,7	(16,9)
MT	3.199,7	4.100,2	28,1	22.340,5	14.848,8	(33,5)	25.540,2	18.949,0	(25,8)
GO	6.318,0	7.180,6	13,7	26.237,6	22.169,1	(15,5)	32.555,6	29.349,7	(9,8)
SUDESTE	852.763,7	1.111.988,3	30,4	4.918.699,4	4.741.440,5	48,2	5.771.463,1	5.853.428,8	1,4
MG	670.260,4	914.346,1	36,4	3.119.980,4	3.017.710,7	(3,3)	3.790.240,8	3.932.056,8	3,7
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	561.089,3	50,4	1.572.659,8	1.481.965,2	(5,8)	1.945.781,3	2.043.054,5	5,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.273,4	76,8	640.766,0	593.001,3	(7,5)	742.709,1	773.274,7	4,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	184.418,3	157.825,5	(14,4)	808.779,1	845.745,1	4,6	993.197,4	1.003.570,6	1,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.777,5	15.157,9	40,6	97.775,5	96.999,1	(0,8)	108.553,0	112.157,0	3,3
ES	139.262,0	153.888,0	10,5	1.094.239,0	1.039.327,0	(5,0)	1.233.501,0	1.193.215,0	(3,3)
RJ	2.142,8	2.143,1	-	41.982,9	41.980,4	-	44.125,7	44.123,5	-
SP	41.098,5	41.611,1	1,2	662.497,1	642.422,4	(3,0)	703.595,6	684.033,5	(2,8)
SUL	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
OUTROS	1.814,6	1.902,4	4,8	32.257,4	21.816,6	(32,4)	34.072,0	23.719,0	(30,4)
NORTE/NORDESTE	58.336,5	70.544,3	20,9	610.534,4	638.009,9	4,5	668.870,9	708.554,2	5,9
CENTRO-SUL	877.381,4	1.137.379,1	29,6	5.118.977,5	4.930.598,4	(3,7)	5.996.358,9	6.067.977,5	1,2
BRASIL	937.532,5	1.209.825,8	29,0	5.761.769,3	5.590.424,9	(3,0)	6.699.301,8	6.800.250,7	1,5

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.



Tabela 12 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORDESTE	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
BA	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.743,0	(0,2)	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.706,0	7,7
CENTRO-OESTE	6.318,0	7.200,6	14,0	26.362,6	22.265,0	(15,5)	32.680,6	29.465,6	(9,8)
MT	-	20,00	-	125,0	95,9	(23,3)	125,0	115,9	(7,3)
GO	6.318,0	7.180,6	13,7	26.237,6	22.169,1	(15,5)	32.555,6	29.349,7	(9,8)
SUDESTE	773.545,2	1.020.677,5	31,9	4.299.197,4	4.176.116,9	(2,9)	5.072.742,6	5.196.794,4	2,4
MG	666.245,9	912.088,6	36,9	3.081.784,4	2.978.677,6	(3,3)	3.748.030,3	3.890.766,2	3,8
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	561.089,3	50,4	1.572.659,8	1.481.965,2	(5,8)	1.945.781,3	2.043.054,5	5,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.273,4	76,8	640.766,0	593.001,3	(7,5)	742.709,1	773.274,7	4,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	181.808,9	156.358,1	(14,0)	783.951,7	820.373,6	4,6	965.760,6	976.731,7	1,1
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.372,4	14.367,8	53,3	84.406,9	83.337,5	(1,3)	93.779,3	97.705,3	4,2
ES	64.058,0	64.835,0	1,2	512.933,0	513.053,0	-	576.991,0	577.888,0	0,2
RJ	2.142,8	2.142,8	-	41.982,9	41.963,9	-	44.125,7	44.106,7	-
SP	41.098,5	41.611,1	1,2	662.497,1	642.422,4	(3,0)	703.595,6	684.033,5	(2,8)
SUL	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.110,0	(6,6)	151.700,0	152.140,0	0,3	166.800,0	166.250,0	(0,3)
OUTROS	1.104,4	1.195,2	8,2	23.567,4	19.033,7	(19,2)	24.671,8	20.228,9	(18,0)
NORTE/NORDESTE	39.348,4	42.168,0	7,2	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.316,0	4,3
CENTRO-SUL	794.963,2	1.041.988,1	31,1	4.477.260,0	4.350.521,9	(2,8)	5.272.223,2	5.392.510,0	2,3
BRASIL	835.416,0	1.085.351,3	29,9	4.822.306,6	4.703.703,6	(2,5)	5.657.722,6	5.789.054,9	2,3

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.

Tabela 13 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	20.548,3	62,1	136.234,9	148.117,9	8,7	148.912,2	168.666,2	13,3
RO	12.510,2	20.185,0	61,3	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	166.222,0	13,6
AM	110,0	118,5	7,7	715,4	839,3	17,3	825,4	957,8	16,0
PA	57,1	244,8	328,7	1.697,3	1.241,6	(26,8)	1.754,4	1.486,4	(15,3)
NORDESTE	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
BA	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
Atlântico	6.310,8	7.828,0	24,0	152.820,3	155.744,0	1,9	159.131,1	163.572,0	2,8
CENTRO-OESTE	3.199,7	4.080,2	27,5	22.215,5	14.752,9	(33,6)	25.415,2	18.833,1	(25,9)
MT	3.199,7	4.080,2	27,5	22.215,5	14.752,9	(33,6)	25.415,2	18.833,1	(25,9)
SUDESTE	79.218,5	91.310,8	15,3	619.502,0	565.323,6	(8,7)	698.720,5	656.634,4	(6,0)
MG	4.014,5	2.257,5	(43,8)	38.196,0	39.033,1	2,2	42.210,5	41.290,6	(2,2)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.609,4	1.467,4	(43,8)	24.827,4	25.371,5	2,2	27.436,8	26.838,9	(2,2)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.405,1	790,1	(43,8)	13.368,6	13.661,6	2,2	14.773,7	14.451,7	(2,2)
ES	75.204,0	89.053,0	18,4	581.306,0	526.274,0	(9,5)	656.510,0	615.327,0	(6,3)
RJ	-	0,3	-	-	16,5	-	-	16,8	-
OUTROS	710,2	707,2	(0,4)	8.690,0	2.782,9	(68,0)	9.400,2	3.490,1	(62,9)
NORTE/NORDESTE	18.988,1	28.376,3	49,4	289.055,2	303.861,9	5,1	308.043,3	332.238,2	7,9
CENTRO-SUL	82.418,2	95.391,0	15,7	641.717,5	580.076,5	(9,6)	724.135,7	675.467,5	(6,7)
BRASIL	102.116,5	124.474,5	21,9	939.462,7	886.721,3	(5,6)	1.041.579,2	1.011.195,8	(2,9)

Legenda (*) Acre e Ceará.
Fonte: Conab.





14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

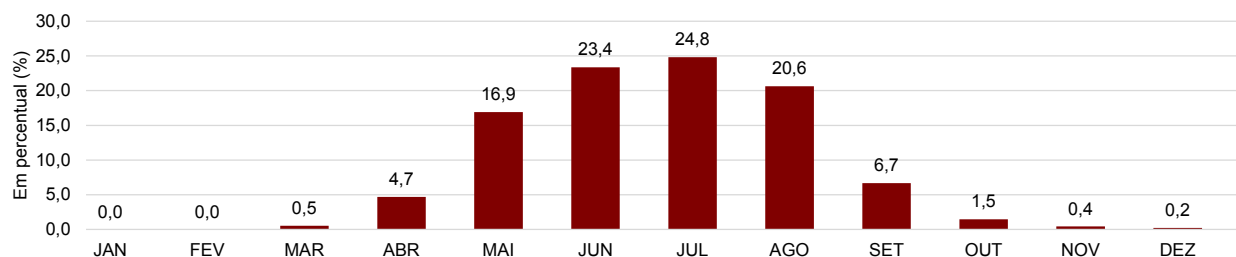
A colheita de café se inicia em março e termina em outubro, porém a concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto, onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita tardia, de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Tabela 14 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)

U.F.	PROD.	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
NORTE	1.952,5	9,9	193,8	29,9	583,0	34,9	681,2	20,0	390,0	5,2	101,4	0,2	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	1.938,2	10,0	193,8	30,0	581,5	35,0	678,4	20,0	387,6	5,0	96,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	7,5	-	-	-	-	-	-	-	-	60,0	4,5	40,0	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	6,8	-	-	23,0	1,6	42,0	2,9	35,0	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	3.361,0	1,4	47,6	9,2	309,7	42,1	1.414,0	25,4	852,1	5,8	196,1	5,8	195,3	8,5	286,4	1,8	60,7	-	-	-	-
BA	3.361,0	1,4	47,6	9,2	309,7	42,1	1.414,0	25,4	852,1	5,8	196,1	5,8	195,3	8,5	286,4	1,8	60,7	-	-	-	-
Cerrado	291,0	-	-	5,0	14,6	35,0	101,9	40,0	116,4	15,0	43,7	5,0	14,6	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	690,0	-	-	-	-	4,6	31,7	6,6	45,5	12,3	84,9	26,2	180,8	41,5	286,4	8,8	60,7	-	-	-	-
Atlântico	2.380,0	2,0	47,6	12,4	295,1	53,8	1.280,4	29,0	690,2	2,8	67,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	264,6	-	-	1,6	4,2	29,2	77,2	28,4	75,2	27,2	72,0	12,9	34,2	0,7	1,8	-	-	-	-	-	-
MT	84,5	-	-	5,0	4,2	70,0	59,2	25,0	21,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	180,1	-	-	-	-	10,0	18,0	30,0	54,0	40,0	72,0	19,0	34,2	1,0	1,8	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	37.887,4	-	-	3,0	1.127,2	14,0	5.303,5	23,6	8.937,7	26,7	10.108,5	23,2	8.798,0	6,9	2.609,1	1,6	597,2	0,5	194,4	0,3	106,0
MG	24.375,1	-	-	1,0	243,8	8,0	1.950,0	22,0	5.362,5	30,0	7.312,5	30,0	7.312,5	8,0	1.950,0	1,0	243,8	-	-	-	-
ES	8.835,0	-	-	7,4	653,8	24,8	2.191,1	26,2	2.314,8	18,30	1.616,8	9,2	812,8	5,5	485,9	4,0	353,4	2,2	194,4	1,2	106,0
RJ	349,1	-	-	16,2	56,6	23,0	80,3	26,3	91,8	27,8	97,1	6,7	23,4	-	-	-	-	-	-	-	-
SP	4.328,3	-	-	4,0	173,1	25,0	1.082,1	27,0	1.168,6	25,0	1.082,1	15,0	649,2	4,0	173,1	-	-	-	-	-	-
SUL	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
PR	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
OUTROS	98,8	-	-	10,0	9,9	20,0	19,8	30,0	29,6	30,0	29,6	5,0	4,9	5,0	4,9	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	5.313,5	4,5	241,4	16,8	892,7	39,4	2.095,3	23,4	1.242,2	5,6	297,6	3,7	198,3	5,4	286,4	1,1	60,7	-	-	-	-
CENTRO-SUL	39.417,0	-	-	3,0	1.194,7	13,9	5.469,2	23,3	9.202,7	27,4	10.800,4	23,0	9.047,3	6,8	2.699,4	1,5	597,2	0,5	194,4	0,3	106,0
BRASIL	44.829,3	0,5	241,4	4,7	2.097,3	16,9	7.584,2	23,4	10.474,5	24,8	11.127,5	20,6	9.250,5	6,7	2.990,7	1,5	657,9	0,4	194,4	0,2	106,0

Legenda: * Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em setembro/2017.

Gráfico 43 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)



Fonte: Conab.

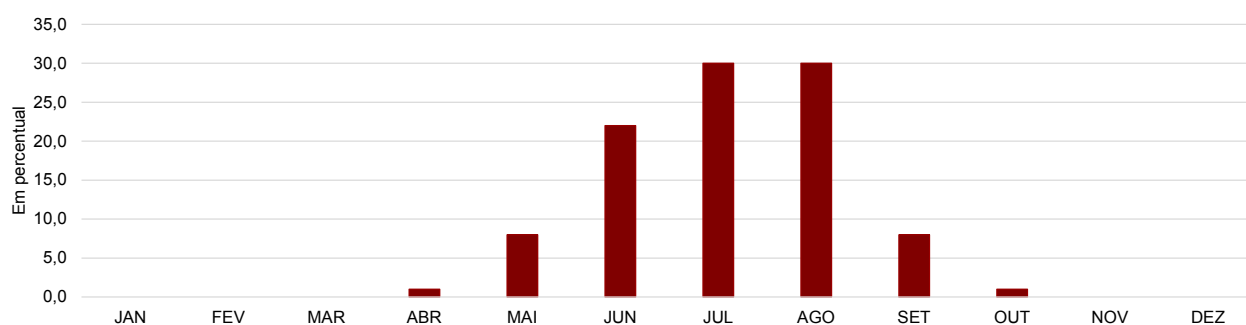
Em Minas Gerais estima-se que cerca de 95% do café tenha sido colhido, restando basicamente as culturas das regiões mais altas e em algumas lavouras o café de varrição.

Ressalta-se, contudo, que boa parte do grão colhido é

classificado como peneira baixa devido à seca ocorrida na fase de granação. Verificou-se também a ocorrência de grãos defeituosos por causa do ataque de broca, além da presença de grãos pretos e ardidos, culminando na perda de qualidade do produto final.



Gráfico 44 – Estimativa mensal de colheita de café – Minas Gerais

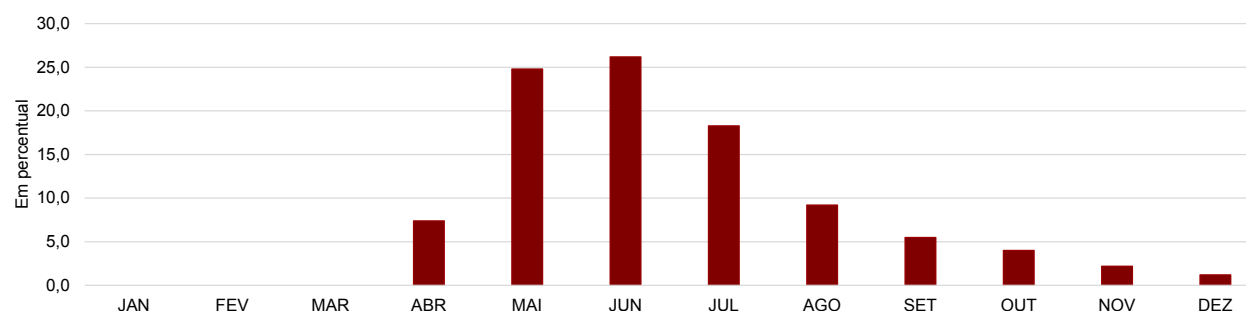


Fonte: Conab.

No Espírito Santo, devido à baixa pluviosidade no período de floração das lavouras de conilon, esta foi irregular, acabando por alongar sua duração até novembro em alguns municípios, quando o normal seria setembro. Esse fato, aliado à boa vegetação das lavouras durante o ano e, por isso, a grande quantidade de folhas existentes atrasou a colheita, com relação ao

histórico, iniciando na maior parte das lavouras na segunda quinzena de maio e se estendendo até julho. Em relação ao arábica, com uma menor safra este ano e, devido à temperatura ter sido maior que o normal, a colheita está adiantada e teve sua maior parte colhida até agosto.

Gráfico 45 – Estimativa mensal de colheita de café – Espírito Santo



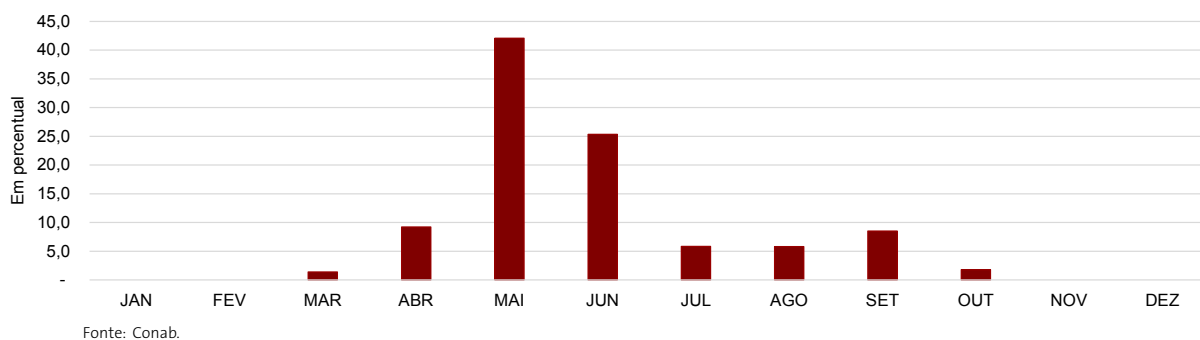
Fonte: Conab.

Na Bahia, o calendário é extenso, iniciando a colheita em abril e finalizando em novembro. No atlântico e no Cerrado, a colheita das lavouras de café já estão encerradas e já iniciam um novo ciclo de desenvolvimento para a próxima safra. No atlântico, a colheita foi iniciada em maio e finalizada em julho. A maturação dos frutos de café foi uniforme, fruto da tecnologia utilizada, destacando-se a utilização dos clones em linha e a utilização de irrigação em 40% dos campos de café. No cerrado já foram iniciadas as ações

para o preparo da próxima safra, tais como podas e adubação. Algumas áreas que estavam em fase de formação e não produziram nessa safra já iniciaram a fase de floração. No planalto, a colheita está em andamento e já atinge 46% da área produtiva, devendo ser finalizada em novembro. Indecisos e preocupados com a próxima safra, alguns produtores estão colhendo frutos verdes e desocupando as plantas para uma boa florada. A colheita precoce do café compromete a qualidade da bebida.



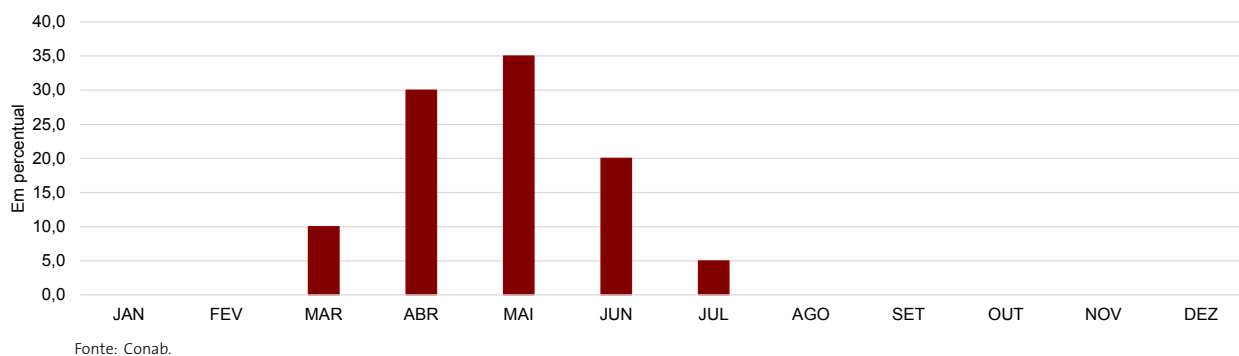
Gráfico 46 – Estimativa mensal de colheita de café – Bahia



Em Rondônia foram colhidas 10% da área em março, 30% em abril, 35% em maio, 20% em junho e em julho foram colhidas os 5% restantes, estando assim encerrada a colheita em todo o estado. Em alguns municípios parte da colheita foi feita de forma semi mecanizada, com o uso de recolhedoras de café. Devido

à oferta de mão de obra, toda a produção foi colhida sem atrasos. Através da Lei 3.516, de 17 de março de 2015, foi instituído o dia do início da colheita de café conilon, no calendário oficial do estado, a ser comemorado, anualmente, no dia 10 de abril.

Gráfico 47 – Estimativa mensal de colheita de café – Rondônia

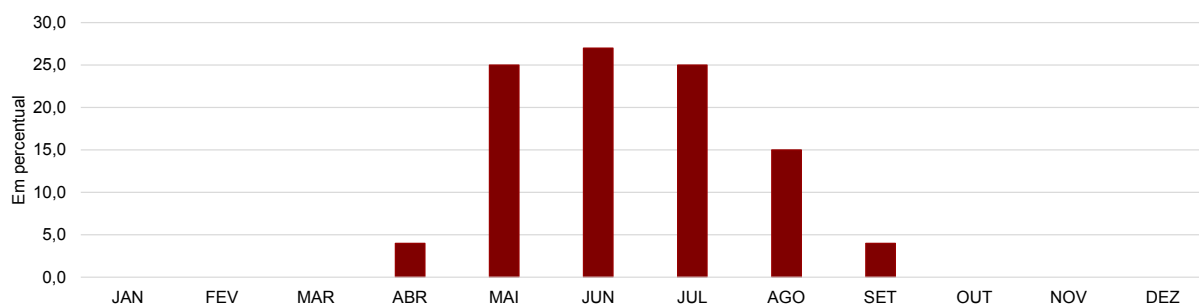


São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro colhem toda a sua safra de abril a setembro, porém os três estados têm

pico de produção em julho. A colheita deve terminar agora em setembro.

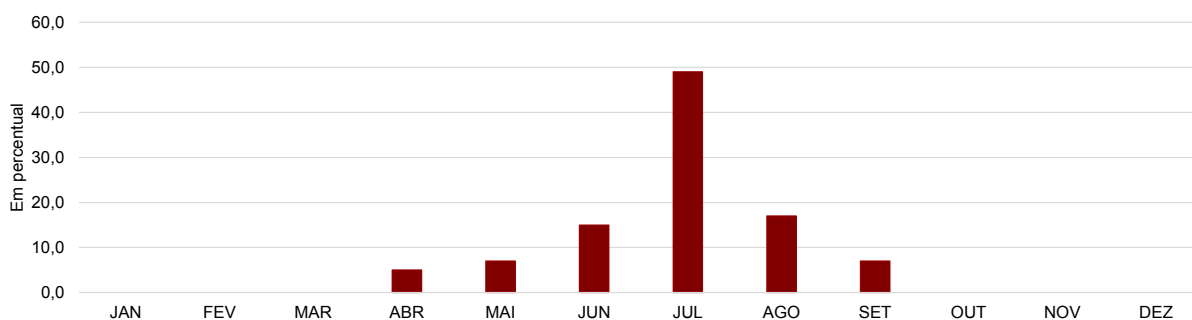


Gráfico 48 – Estimativa mensal de colheita de café – São Paulo



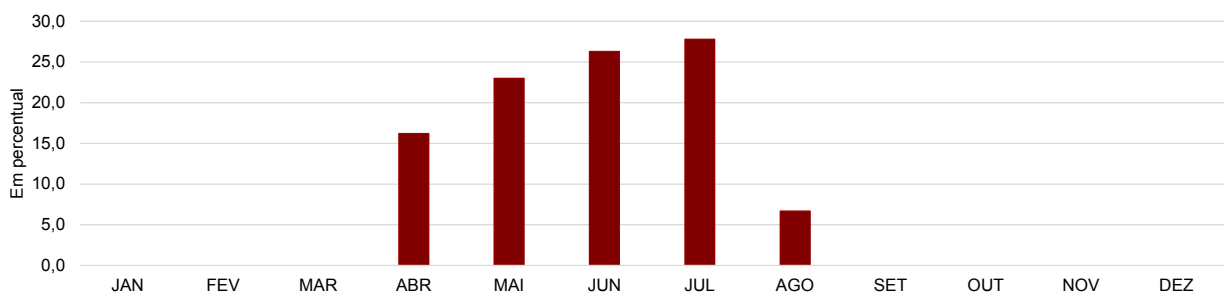
Fonte: Conab.

Gráfico 49 – Estimativa mensal de colheita de café – Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Estimativa mensal de colheita de café – Rio de Janeiro



Fonte: Conab.

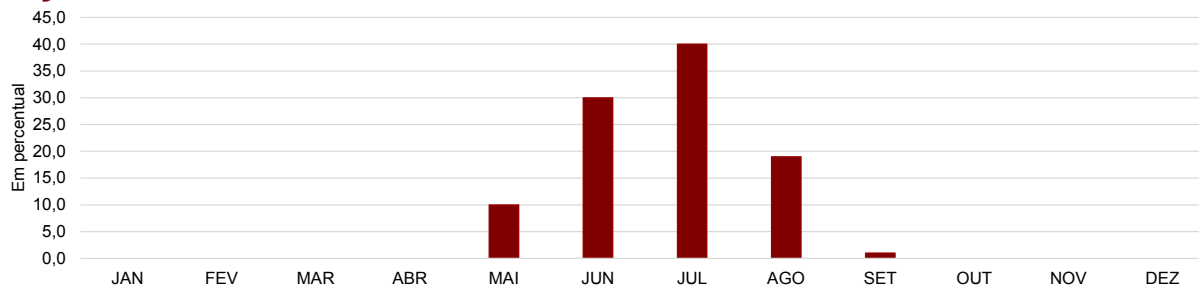
Em Goiás, a colheita está praticamente encerrada. Alguns produtores terminaram a fase de varredura, que representa um produto de menor qualidade, onde processam o restante do café.

Como as áreas em Goiás são planas, praticamente

100% da colheita é mecanizada, sendo o serviço terceirizado ou próprio. Produtores em Goiás que possuem propriedades em Minas Gerais (especificamente triângulo Mineiro) após a colheita em Minas Gerais deslocam suas máquinas para a região do leste goiano, onde se concentra a maior produção em Goiás.



Gráfico 51 – Estimativa mensal de colheita de café – Goiás

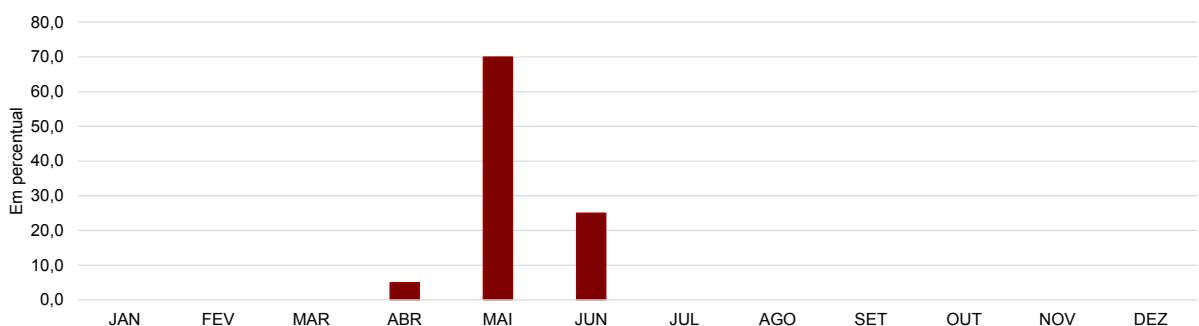


Fonte: Conab.

A colheita em Mato Grosso teve início no final de abril e se estendeu até junho. Contudo, a grande concentração pluviométrica nas regiões produtoras, ocasionou atraso no início da colheita. Assim, 70% da área

foi colhida em maio e em junho, os 25% restantes. Foi observado em alguns municípios do estado prejuízos na qualidade dos grãos, decorrentes das chuvas ocorridas no início da colheita.

Gráfico 52 – Estimativa mensal de colheita de café – Mato Grosso

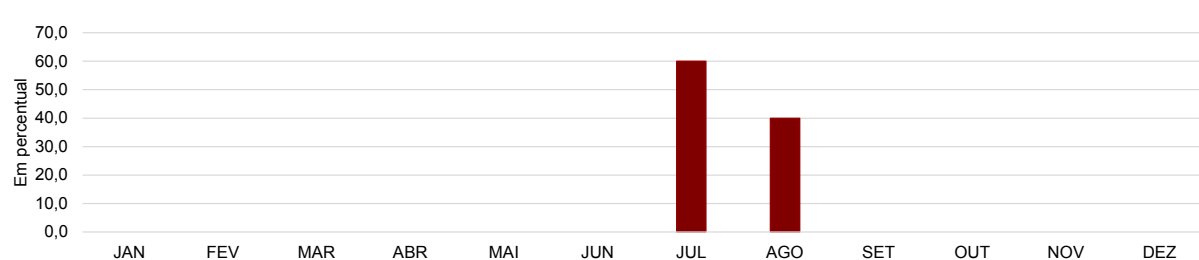


Fonte: Conab.

Já no Amazonas é um dos estados que possuem maior concentração da colheita, com apenas dois meses, julho e agosto. A colheita é realizada conforme o grau

de maturação, quando a planta atinge acima de 70% de grãos maduros.

Gráfico 53 – Estimativa mensal de colheita de café – Amazonas

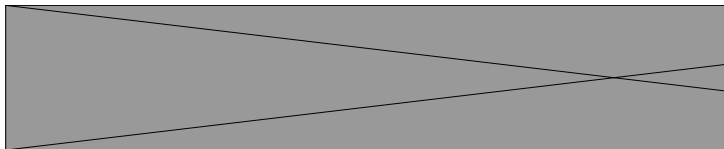


Fonte: Conab.



Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



Governo Federal

